

# EDUCAR E EVOLUIR

ISSN 2596-2116

VOLUME 1 • NUMERO 4 • MAIO DE 2021

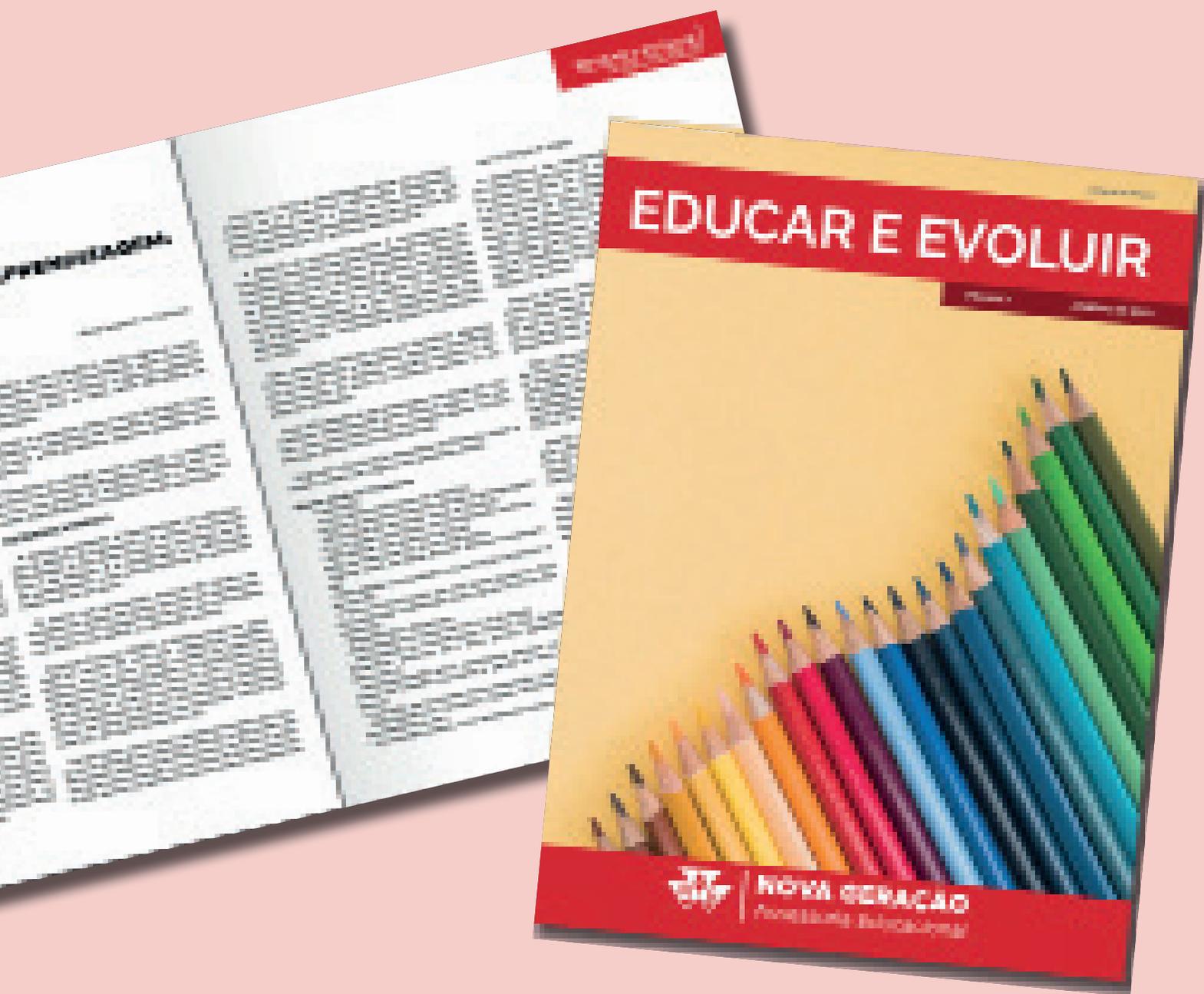


**NOVA GERAÇÃO**  
Assessoria Educacional



**NOVA GERAÇÃO**  
Assessoria Educacional

**PUBLIQUE SEU ARTIGO NA REVISTA DA  
NOVA GERAÇÃO E GANHE PONTOS PARA  
EVOLUÇÃO FUNCIONAL**



 (11) 2025-8405  (11) 99179-7848

[www.novageracaoeducacional.com.br](http://www.novageracaoeducacional.com.br)

Revista Educar e Evoluir - Nova Geração Assessoria Educacional

Quarta Edição - Volume 1 – N 4, (Maio de 2021)

Trimestral

ISSN 2596-2116

E-mail: [educareevoluir@novageracaoeducacional.com.br](mailto:educareevoluir@novageracaoeducacional.com.br)

Endereço Eletrônico: <http://www.novageracaoeducacional.com.br/wp/revista/>

Bibliotecária Responsável: Cláudia Luísa Siqueira

Número de Credenciamento: CRB 10260 / 8 Região

# CARTA AO LEITOR

Estamos em uma sociedade transformadora e a educação deve atender aos anseios da comunidade. As novas perspectivas de um futuro é tudo aquilo que todos nós educadores, tentamos há décadas, direcionando nossos docentes à uma especialidade de ser auto suficiente.

Para uma educação voltada para a reflexão, a crítica, a ação e a inovação estamos criando a revista Educadores do Futuro, com intuito de auxiliar nossos educadores a direcionar melhor a educação num todo, com novas habilidades e mudanças no cotidiano educacional.

Ao direcionar a criação desta, levamos em conta as mudanças econômicas e tecnológicas, que propiciaram uma abundância de informações e a aceleração na circulação dos conhecimentos.

Quando as mudanças são apresentadas, há relutância, mas com uma forma diferente para enxergarmos a educação como prioridade máxima e suas razões futuristas.

Garantimos à todos um propósito de alcançar seus objetivos e se aliar aos grandes pensadores, profissionais da educação num modo geral, que relutem contra tudo e contra todos por um futuro melhor na cumplicidade dos projetos intra e extra curriculares, estratégicos, na revolução do mundo criativo e de fontes na interdisciplinaridade mundial transformadora para um futuro brilhante de toda nação.

Destacamos que a educação hoje se fundamenta no desenvolvimento de competências fundamentais para a educação do futuro e apresenta princípios legais que regem os processos educacionais neste início do século XXI. O entendimento de que precisamos aprender a aprender, nos remete à revisão habitual das praticas que envolvem a educação.

Assim, adaptar-se aos saberes necessários a uma prática pedagógica contextualizada com realidades atuais é essencial para construir um modelo educacional de qualidade.



**Severino José Gonçalves**  
Diretor da Nova Geração Assessoria Educacional

# EDITORIAL

É muito claro que o processo educacional está sempre em constante transformação, permeado pelo contexto da nova realidade de mundo e cotidiano que vivemos atualmente.

Aos longos anos que participamos do processo de formação de educadores, nós da Nova Geração Assessoria Educacional percebemos a grande necessidade de trocas de experiências entre os profissionais da educação.

Sabendo que além da prática docente, a troca de experiências e vivências no contexto educacional com uma linguagem produzida com a experiência dos professores e educadores é uma forma de transmissão e compartilhamento de conhecimentos e consequentemente da evolução e aprimoramento na formação dos agentes transformadores.

Com a experiência que temos e a pedido de muitos dos nossos queridos alunos educadores, é que nós da Nova Geração Assessoria Educacional propomos esse projeto de compartilhamento de práticas, vivências e materiais de pesquisa entre educadores, através dessa

ferramenta, pois sabemos o quão útil esse canal se tornará para o futuro da educação.

Acreditamos no diálogo entre os educadores, das suas práticas, das suas vivências e das suas pesquisas na área da educação, tanto bibliográficas quanto in loco, confiamos assim que essa é uma forma objetiva e efetiva de troca de saberes e conhecimentos, com teores educacionais essenciais para a prática, reflexão e auto-reflexão docente.

Dessa forma, apresentamos a revista “Educar e evoluir”, material que será publicado em edições on-line e Trimestrais que sempre terá como conteúdo artigos científicos, projetos educacionais, práticas docentes e pedagógicas, materiais de pesquisas acadêmicas que sempre serão publicados com o intuito de formação dos professores e educadores em geral.

A Nova Geração Assessoria Educacional tem a participação de seus alunos, formadores e seus conhecimentos como o maior patrimônio de conhecimento e a ampliação está no compartilhamento que será possível com esse projeto.

# EXPEDIENTE

## **EQUIPE EDITORIAL**

Leandro Riverti de Souza  
Severino José Gonçalves

## **EDITOR CHEFE**

Severino José Gonçalves

## **REVISÃO E NORMATIZAÇÃO DE TEXTO**

Thainara Riverti Gonçalves  
Luciene Martins Riverti

## **CAPA E PROJETO GRÁFICO**

Larissa Riverti do Nascimento

Revista Educar e Evoluir  
Quarta Edição - Volume 1 – N 4  
(Maio de 2021)

## **PERIODICIDADE: Trimestral**

Os conceitos emitidos nesta revista são de inteira responsabilidade dos autores.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização dos autores.

**COPYRIGHT:** Nova Geração Assessoria Educacional  
Rua Professor Antônio Gama de Cerqueira, 325 – Vila Americana – São Paulo/SP  
CEP 08010-130 – Telefone: 2025-8405  
E-mail: [educareevoluir@novageracaoeducacional.com.br](mailto:educareevoluir@novageracaoeducacional.com.br)

**BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL:** Cláudia Luísa Siqueira  
Número de Credenciamento: CRB 10260 / 8 Região

# ÍNDICE

- 07** | **A LEITURA E A IMAGINAÇÃO AJUDAM A AÇÃO DO INDIVÍDUO EM SOCIEDADE**  
- Isabel Aparecida Moura
- 14** | **ÉTNICA RACIAL NA EDUCAÇÃO**  
- Marcelo Vieira da Silva
- 19** | **O FOLCLORE BRASILEIRO E SEUS PERSONAGENS**  
- Isabel Aparecida Moura
- 25** | **OS IMPACTOS DA PANDEMIA PARA O CONTEXTO EDUCACIONAL**  
- Irlane Paula dos Santos
- 32** | **PROGRAMAÇÃO LINEAR NO ENSINO MÉDIO, RESOLUÇÃO POR CONSTRUÇÃO GEOMÉTRICA**  
- Wânia Balabenute de Oliveira
- 38** | **SIMPLESMENTE... CONTOS DE FADAS**  
- Isabel Aparecida Moura
- 45** | **SISTEMAS DE ALFABETIZAÇÃO UM DESAFIO A SER TRABALHADO**  
- Marcelo Vieira da Silva
- 51** | **CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**  
- Maria do Carmo Bezerra
- 59** | **EDUCAÇÃO INFANTIL E A INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS**  
- Maria do Carmo Bezerra
- 65** | **DIREITO À EDUCAÇÃO**  
- Maria do Carmo Bezerra



# A LEITURA E A IMAGINAÇÃO AJUDAM A AÇÃO DO INDIVÍDUO EM SOCIEDADE

**Isabel Aparecida Moura**

Graduação em Educação Física pela Faculdade Integradas de Guarulhos – FIG - (1995); Especialista em Contos de Fada pela Faculdade Educamais - UNIMAIS - (2019); Professor de Ensino Fundamental II e Médio – Educação Física – na EMEF. Professor Fernando de Azevedo.



## RESUMO

Imaginar, inventar, reproduzir são algumas características próprias das crianças, são capacidades que se fazem necessárias para o desenvolvimento do seu caráter, ou seja, seu interior. Habilidades essas que podem ser estimuladas através da leitura e brincadeira. Ao ouvir um conto de fadas, uma estória, ou uma leitura lúdica a criança passa a imaginar e se relacionar com algo por muitas vezes desconhecido e para isso, cria situações, possibilidades de atuações, suas explicações, acha respostas e torna-se capaz até de agir e refletir de sua maneira sobre sua infantil realidade. Ao mostrar à criança a importância da literatura infantil podemos incentivar - lá a ter bom hábito de leitura na idade onde todos os hábitos estão sendo formados, ou seja, na infância. E sendo assim é, o que este artigo vem apresentar.

Palavras chaves: leitura; literatura infantil; imaginação; ação.

## ABSTRACT

Imagine, invent, exhibit some characteristics of children, wear clothes that are necessary for the development of their character, that is, their interior. These skills can be stimulated through reading and playing. When listening to a fairy tale, a story, or a reading of music for a child, he begins to imagine and relate to something that is often unknown and, therefore, creates situations, possibilities of action, his explanations, finds answers and becomes possible even to act and reflect on his way about his childhood reality. By showing children the importance of children's literature, we can encourage them - to have good access to reading at the age when all habits are being formed, that is, in childhood. And so, what this article has been presenting.

Keywords: reading; children's literature; imagination; action.

## INTRODUÇÃO

O artigo apresentado tem por objetivo, demonstrar o apoio que a literatura infantil, como a leitura em si, tem dado no desenvolvimento social, cognitivo e emocional da criança. Durante anos, a preocupação da educação tem sido em colaborar para a concepção de um indivíduo que possa ser responsável, crítico e atuante na sociedade. Onde entende - se que, o convívio em uma sociedade cujo as trocas de informações entre todos acontecem rapidamente, seja através da escrita, da leitura, da linguagem oral, visual, ou corporal a importância da literatura infantil as ajuda a imaginar e agir dentro de um universo completamente voltado a elas.

É na infância que, temos a maior probabilidade de despertarmos bons hábitos, principalmente o da leitura, sendo de grande importância a participação dos pais em seus lares e no ambiente escolar os professores que circundam a criança em seus primeiros anos de vivência de educação e em conjunto fazem um papel transformador na formação de hábitos positivos.

A leitura além de ser um hábito não tão frequente, precisa ser motivada, incentivada e orientada pois, se não for constantemente estimulada acaba caindo no desinteresse dos leitores. E nos dias de hoje vemos que não são muitos que se dizem adeptos a ela, já que a sociedade está mais voltada as tecnologias sendo mais fácil, dar um celular na mão de uma criança do que dar atenção a ela.

E com essa intenção este artigo está sendo formado, para aprendermos mais com a leitura e o universo in-

fantil, que tem se mostrado muito amplo e de grande fonte de estudos já que, várias mudanças de comportamento vêm surgindo ao longo dos anos.

## **1 – A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA, ENQUANTO LITERATURA INFANTIL.**

É importante esclarecer que a literatura infantil, nada mais é do que textos, histórias e contos voltados à um público específico, ou seja, a criança. Isso não impede que muitos adultos também tenham interesse por ela, pois no que se entende é literatura. Para muitos, a literatura infantil tem esse nome por ser de menor valor educativo o que é um engano, ela traz consigo, mensagens, emoções, sentimentos e a arte de entreter e dar sentido a imaginação e criação daqueles que a recebem como ouvintes ou leitores.

Pode ser de grande ajuda ao adulto que, utiliza seu tempo a fazer uma leitura de contos, de histórias, a uma criança, pois ele pode presenciar o crescimento emocionante e a evolução incrível que ela tem em contato com esse mundo de faz de contas que a literatura proporciona nesta fase.

Conhecendo a literatura infantil deve – se ter em mente que ela simplesmente levará nosso pequeno ouvinte/leitor a um universo extremamente fantástico, onde tudo pode acontecer, mas não esquecendo que será uma grande auxiliadora para que essa criança vivencie experiências que levará para a vida mesmo quando crescer.

Por isso, ao questionar – se o que é literatura? Podemos dizer que é uma reunião de livros e obras que tem exclusivamente a linguagem adequada e sugerida para levar a criança a vivenciar o que tem em seu interior. Ela tem a capacidade de organizar e reorganizar a consciência que a criança tem de mundo dentro de seu universo infantil. Portanto, considerar a leitura e o contato com textos literários uma inovação revolucionária no âmbito de mudanças comportamentais de uma criança não é nada de extraordinário e sim um estímulo no seu desenvolvimento, tornando – a um ser capaz de olhar para as situações, ser crítico e realista.

COELHO (2000, p.141) explica que:

[...] a literatura infantil vem sendo criada, sempre atenta ao nível do leitor a que se destina [...] e

consciente de que uma das mais fecundas fontes para a formação dos imaturos é a imaginação ideal da literatura. É pelo imaginário que o eu pode conquistar o verdadeiro conhecimento de si mesmo e do mundo em que lhe cumpre viver.

Para uma criança é formidável, pegar, abrir, folhear o livro. Esse contato traz a ela uma grande satisfação neste momento, o encontro com o objeto que lhe causa interesse, faz com que passe a gostar do livro como parte encantadora do seu mundo de imaginação e ação, que se traduz em meio a figuras e letras.

Com entusiasmo a criança em sua imaginação pode alcançar épocas que jamais viverá, visitará lugares que ninguém nunca visitou ou visitará e conhecerá personagens das mais diversas formas, maneiras e cores que não serão descobertos por ninguém só por ela mesma.

E para isso, não terá uma idade específica para começar a brincadeira, se receber uma boa dose de fantasia, ter nas figuras a beleza do colorido e na leitura a emoção das histórias contadas.

## **2 – O DESAFIO DE ESTIMULAR E FAZER UMA CRIANÇA GOSTAR DE LER.**

Para a criança ter o gosto pela leitura é necessário dar a ela livros, textos que se adequam ao seu nível de conhecimento e desenvolvimento intelectual, mas isso não lhe impede de ter contato com outras leituras e literaturas, mesmo sendo essas para outras idades, o importante é sempre que isso acontecer ter o acompanhamento de um responsável, ou seja uma pessoa adulta que possa supervisionar o que está lendo ou apenas apreciando.

Ao ter seu primeiro contato com o livro a criança não precisa necessariamente saber ler e essa também não deve ser a única intenção, daquele que lhe oferece o livro. Primeiramente deveria se ter em foco o interesse de que a leitura seja um estímulo para que ela venha querer aprender a ler, brincar e imaginar concluindo suas ações, seja em casa, na escola, no parque ou em qualquer outro lugar.

Britto (2006, p.84), diz que – ler é uma ação intelectual, através da qual os sujeitos, em função de suas experiências, conhecimentos e valores prévios, processam informação codificada em textos escritos. Para o

processo de leitura de um indivíduo é dado a partir de uma ação cultural historicamente constituída.

E falando de literatura infantil, temos um grande aparato de diversas sensações, emoções, ludicidades, magias, imaginações e desenvolvimento socio – cultural, além de ser um instrumento psicológico maravilhoso que leva a criança a se confrontar com o seu eu interior. Fazendo com que ela queira ser parte desse mundo de imaginação, conhecimento, brincadeira e mistério que o universo literário a oferece desde sua tenra infância.

Incentivar a leitura não é uma tarefa fácil, mas se pensarmos em futuros leitores devemos lembrar que em muitos casos, a mãe é apontada como a maior responsável para que esse hábito na criança/adulto tenha se afluído levando – a ao gosto pela leitura e pelos livros, pois é ela que passa o maior tempo nessa fase da vida do pequeno leitor.

Sendo assim, reconhecer que a criança nota, analisa e reproduz o comportamento daqueles que a cercam, podemos dizer que, se estes tiverem a leitura como hábito essa criança também o terá. Dessa maneira, o mais correto a fazer é agarrar todas as oportunidades para que a leitura seja parte do seu cotidiano, tanto no contar histórias como ao brincar com ela, ser o exemplo, fazendo parte do seu mundo de emoções, nunca esquecendo que a literatura infantil pode colaborar na formação de uma criança leitora, capacitando – a no conhecimento de mundo em que vive e ajudando – a decifra – lo.

Segundo SOUZA (1992, p. 22) em seu relato, nos afirma que:

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

Diante dessa citação é bom deixar claro a importância da leitura, sendo ela infantil ou não, pois reconhecer que a criança está em constante formação cognitiva e fazer com que ela se aproprie e se envolva com esse universo de letras, símbolos e figuras é o que fará com que ela tenha o desejo pela mesma.

Mas como estimular o desejo pela leitura, de uma forma que não seja cansativa ou obrigatória? Começando desde pequenos, é costume de pais contarem pequenas histórias aos seus filhos. E nesta fase é muito importante que sejam atrativas e curtas para prender a atenção sem que a criança se sinta enfadada com tantas informações e ao mesmo tempo sejam prazerosas na hora e no jeito de ouvir. Assim conforme ela vai crescendo, pode – se também ser aumentado o tempo da contação e colocado mais aventuras e emoções para liberar a imaginação, a criação e o desejo de brincar com os contos maravilhosos.

Um argumento relevante é criar uma rotina como a hora da contação de histórias, onde a criança começa criar o hábito de ouvir contos, histórias e quanto mais é estimulada, mais crescerá a sua vontade de aprender a ler e poder tomar posse de diversas literaturas, tendo neste momento de diversão algo que pra ela lhe cause grande prazer e não frustração.

Outro fator interessante para que esse momento seja de alegria, é poder criar um lugar específico onde os pequenos possam elevar ao mais alto grau de satisfação a imaginação, pode ser criado o cantinho da leitura, com figuras, personagens e desenhos que propicie que essas experiências nunca sejam esquecidas, claro tomando o devido cuidado para não ultrapassar os limites físicos e emocionais do nosso pequeno futuro leitor.

De acordo com PINTO (apud RUFINO & GOMES, 1999, p. 11):

A Literatura Infantil tem um grande significado no desenvolvimento de crianças de diversas idades, onde se refletem situações emocionais, fantasias, curiosidades e enriquecimento do desenvolvimento perceptivo. Para ele leitura de histórias influi em todos os aspectos da educação da criança: na afetividade: desperta a sensibilidade e o amor à leitura; na compreensão: desenvolve o automatismo da leitura rápida e a compreensão do texto; na inteligência: desenvolve a aprendizagem de termo e conceitos e a aprendizagem intelectual.

Dessa forma, o melhor é apresentar livros que são de acordo a faixa etária das crianças, com histórias que são direcionadas a elas e que consigam entender. Dei-

xe – a à vontade para abrir, folhear e descobrir nas figuras, nas letras e em sua imaginação novos horizontes de infinitas possibilidades, criar, agir, interagir com o real e o lúdico.

Os pais devem ser os primeiros a demonstrarem interesse, pela história que está lendo para o seu filho, simular personagens, objetos, visitar lugares, para fazerem a criança se divertir e encontrar nos livros uma fonte inesgotável de lazer.

Falar sobre o que a criança tem aprendido com a história contada também eleva seu interesse em prestar atenção, para depois poder contar qual personagem que mais gostou, para contar até a mesma história do seu jeito, na sua visão. Estimular os pequenos a contar sobre o que ouviu é enriquecedor, dar vida aos personagens também, pois toda a criança precisa disso.

A ação da leitura alcança uma proporção que vai além de, status sociais, culturais, econômicos, além de ideias e ideologias já formadas. Ela tem o poder de conduzir a todos os participantes a um universo real onde, o imaginário é capaz de direcionar as estruturas ao redor. Ela está sempre no intermédio de ficção e realidade, está à frente do ler e o escrever, quando bem direcionada pode entrar nos limites do ler e vivenciar o que é lido. É algo que movimenta os envolvidos na direção da atitude favorita, imaginar, agir, solucionar.

Por isso, a importância de estimular o hábito da leitura desde pequeno, pois quanto mais tarde este acontecer, menos provável será de permanecer. Nunca é cedo demais para uma criança ter contato com a leitura e tomar gosto por ela. Afinal, quem não gosta de ouvir histórias, contos que possam aguçar sua imaginação, ou então ouvir outras literaturas que a levam a lembrar de fatos passados em sua infância até a fase adulta? É difícil encontrar tais pessoas, pois cada um tem fatos, histórias e contos para serem lembrados e relembrados para grandes risadas ou mesmo momentos de tristezas e consolo.

### **3- A LEITURA E O AMBIENTE ESCOLAR.**

A leitura no ambiente escolar vem adquirindo um lugar de destaque nos últimos tempos. É trabalhando com ela que os professores, podem verificar em seus alunos vários comportamentos e até desenvolver métodos de trabalhos distintos junto a eles.

Para Bamberger, (1977, p.12) – a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. O trabalho sobre a linguagem é o trabalho sobre o homem.

A escola é o lugar ideal, fora de sua casa que o aluno/criança, tem a oportunidade de ter contato com o universo encantado dos livros, sendo assim de fundamental importância, pois é, nela que ele verá clássicos infantis, lendas, contos e vários outros tipos literários.

O problema é, o que se pode apresentar a esses alunos que faça com que se interessem por este material de grande riqueza de conhecimento? Claro, é preciso que eles tenham o exemplo vindo de casa, através dos pais, cuidadores e na escola dos professores que os incentivem para que reconheçam que precisam aprender a ler mais e melhor.

A leitura não é para ser feita somente na escola. É obrigação de todos os envolvidos motiva – la constantemente.

Segundo ZILBERMAN, (1984, p.107):

As pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas, desde pequenos, somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. O prazer da leitura, oriundo da acolhida positiva e da receptividade da criança, coincide com um enriquecimento íntimo, já que a imaginação dela recebe subsídios para a experiência do real, ainda quando mediada pelo elemento de procedência fantástica.

Por isso cabe dizer que, a educação infantil veio designada a fazer o papel resgatador da leitura através das histórias que esses alunos/crianças ouvem e vivem em seus lares e trazem para o ambiente escolar, é papel do adulto que está à frente do trabalho interpretar e recontar essas histórias de maneira fantasiosa fazendo com que, essas informações sejam capazes de abranger com quais tipos de sentimentos, culturas e desafios os envolvidos terão que lidar para o estabelecimento e conhecimento da realidade emocional e cognitiva do aluno enquanto ser humano passível de manifestar – se simultaneamente nos âmbitos individual e coletivo e junto trazer o comprometimento com a apropriação intelectual dos objetos externos ou seja, a sua realidade.

Lembrando que, ao chegar à escola o aluno tem que lidar com o novo e as vezes se deparar com um mundo que ainda não lhe foi apresentado, quantas vezes o professor recebe o aluno que nunca frequentou creches, a educação infantil ou outra escola? Muitas vezes e a alguns nunca lhe foi apresentado a leitura como um hábito agradável, saudável e emocionante.

A esses o impacto causado ao ter o encontro com textos e livros fornecidos em sala de aula é muito grande, dificultando até a sua compreensão e capacidade de liga – los a sua experiência de vida, sendo assim, ao invés de compreender o texto sugerido, não alcança e nem adquire uma ligação do que lê e do que é sua vivência fora da escola.

Se o aluno já chega cheio de conflitos na sua formação como educando, compete a escola abraça – lo e ao professor ser um mediador de saberes e ensinar o que ele anseia aprender, revelando que ler e escrever são elementos necessários para sua vida como um ser atuante na sociedade.

Conversar, expor temas interessantes e formar um vínculo com o aluno pode auxilia – lo nesse processo a se adaptar e interagir com os colegas e alcançar os interesses da escola e dele mesmo, é claro não podendo deixar de lado o que mais importa que é ensina – lo a ler e compreender o que é lido. Visando esse objetivo cabe ao professor escolher o melhor método educativo a ser adotado, suas teorias e modo de aplicação do conteúdo para com resultados positivos colher seus frutos.

Não esquecendo que, trabalhar leitura exige muita paciência, atenção e amor do professor no momento de selecionar e aplicar as atividades, que serão descobertas pelo aluno de maneiras diversas como textos, imagens e figuras, pois elas contribuirão como elemento fundamental na fase de aprendizagem dentro e fora do ambiente escolar, facilitando o percurso entre a leitura e a escrita.

Para FREIRE (1985, p.40):

Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganha-

mos de nossa prática não basta. Precisamos de ir além dele. Precisamos de conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos.

Neste ambiente o professor torna – se a principal ligação, entre os livros e os alunos, entre o ler e o compreender o que está escrito, levando – os ao extraordinário mundo literário, desenvolvendo o imaginário, o lúdico, e expandindo a capacidade de criação e ação. Da mesma forma, podendo mostrar a realidade de fatos que ocorreram e estão ocorrendo na atualidade.

Por isso, da relevância da escola como lugar mobilizador e incentivador do hábito da leitura sendo esta primordial, no ambiente escolar e também fora dele. Ler não é apenas converter as letras em sons e melodias, ler é expressar sentimentos, pensamentos e dar significado as palavras para poder entende – las. Sendo assim, é mais uma vez papel da escola ser o agente facilitador que, com sua estrutura dá o pré requisito para que, o educando conquiste o conhecimento necessário e possa continuar construindo conhecimento, diante do que tem absorvido e assimilado com os conteúdos.

Ler sem compreender o que foi lido ou está lendo, torna o aluno incapaz de interpretar, argumentar, discutir ou expressar sua visão do material textual apresentado e por diversas vezes é isso que tem acontecido em muitas escolas.

Bons leitores só podem ser formados através de materiais selecionados, não podemos dizer que qualquer tipo de leitura enriquece o acervo de conhecimento de um indivíduo, por isso deve – se ter cuidado ao selecionar a literatura que passará para o aluno/criança em formação principalmente quando esse está sendo integrado e iniciado na fase da escrita e em sua continuidade.

Cosson (2014, p.36) deixa claro que:

[...] ler consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. Entendida dessa forma, a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto.

A partir do momento que, ele percebe a transformação em sua qualidade de vida ao compreender situações que antes lhes eram desconhecidas e reconhecer que essas mudanças estão acontecendo por causa da leitura e sua interpretação, fica ainda mais sedento por aprender a ler e automaticamente escrever. Por isso, ao perceber que está lendo de forma a dar – se a entender aos outros e a ele mesmo, é motivado a praticar cada vez mais o hábito maravilhoso da leitura e utiliza – la para se expressar em vários ambientes sendo eles dentro ou fora da escola. Essa clareza de entendimento torna a pessoa, independente de sua idade um observador e participante de um mundo onde ele como cidadão, reconhece e tem ciência de seus deveres e direitos.

Diante disso, fazer com que o aluno perceba que a leitura torna – se um exercício social de diversas maneiras e somente por seu intermédio é que terá ingresso aos conhecimentos sociais, científicos e de mundo fará com que ele se empenhe melhor e a cada dia mais.

E para isso não importa ser ele da educação infantil ou qualquer outro ano/ciclo, trabalhar a leitura como forma de desenvolvimento de saberes torna o aluno futuramente um adulto mais consciente capaz de organizar ideias, pensamentos e agir de maneira correta diante de situações do seu cotidiano com a família, amigos e trabalho, pois é para isso que as pessoas têm se empenhado ao realizarem cursos, estudarem em instituições de ensino superior, no anseio de alcançar seus objetivos pessoais sendo essencial ler e interpretar o mundo.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Ao analisar diversos materiais para este artigo, pude perceber o quão vasta é essa área da leitura, da literatura infantil e outras obras literárias. São conteúdos extremamente ricos de saberes e ideias que podem ser aplicados tanto para o público infantil como para jovens e adultos. Procurei englobar um pouco de cada conteúdo para poder dissertar acerca de cada momento da criança e do aluno na busca, de ter um mundo melhor para se viver e entendi que cada indivíduo é responsável por aquilo que deseja para o seu futuro no mundo e em sociedade.

Claro, não poderia deixar de citar a responsabilidade dos pais em incentivar e estimular aos seus filhos

o hábito da leitura, pois é na primeira infância que a criança tem o contato com as histórias de família e histórias vindas da leitura feita da literatura infantil. O título desse artigo foi escolhido para que fique marcado a importância da leitura, da imaginação e da ação que o indivíduo pode e deve ter em sociedade.

Ao ouvir uma história, um conto maravilhoso a criança é capaz de ser transportada a um universo de fantasias e ao mesmo tempo real, onde o personagem pode ser ela mesma ou aquele faz a leitura. E devemos acreditar que ela é realmente o sujeito que absorve e assimila todas as situações que dentro do contexto pode e vai acontecer. Com isso, quanto mais contato ela tiver com os livros maior será a sua ligação com o prazer e o hábito de ler, sendo os pais e cuidadores o maior e melhor exemplo dentro de seus lares.

Ao chegar a escola o aluno/criança tem uma nova visão da leitura, pois agora a literatura infantil passa a ser a história que o professor contou ensinando a ler e escrever, a imaginação torna – se um elemento transformado em palavras, símbolos e sons e mesmo assim a realidade dá lugar a fantasia, de uma forma diferente o aluno busca ligar a realidade escolar com a sua vivência fora da escola. O que possibilita a ele ser mais uma vez integrante com a competência de solucionar seus e outros problemas.

A leitura não deve ser vista somente como uma forma de letramento, o seu caráter é mais profundo, e o papel da escola e do professor é de intermediar esse saber, fazendo o aluno entender que ao ler ele amplia seus conhecimentos como um ser em desenvolvimento, tornando – se capaz de interpretar e analisar as mais diversas áreas do aprender e isso ele não usará somente em sala de aula, mas em toda sua vida de sujeito inserido dentro de uma sociedade.

Por isso nunca é cedo ou tarde demais para a criança ter contato com a leitura e sentir amor por ela. Afinal a imaginação não tem preço... tem valor.

## **REFERÊNCIAS.**

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. São Paulo: Cultrix, 1977.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e política. In EVANGELISTA, Aracy Alves Martins, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo. Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo. Autores Associados: Cortez, 1985.

RUFINO, C.; GOMES, W. A importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança na fase da pré-escola. São José dos Campos. Univap, 1999.

SOUZA, Renata Junqueira de. Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam. Bauru. USC, 1992.

ZILBERMAN, Regina, Literatura Infantil: Livro, Leitura, Leitor. In. A produção cultural para a criança. São Paulo. Mercado Aberto, 1984.



# ÉTNICA RACIAL NA EDUCAÇÃO

**Marcelo Vieira da Silva**



Graduado em Ciências com habilitação em Química, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Camilo Castelo Branco”, concluída em 1984, Pós Graduado em Gestão Educacional pela Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul), concluída em dezembro de 2015.

Professor de Química para o ensino médio e na Eja (Educação de Jovens e Adultos) no Estado de São Paulo por oito anos até 2004. Atualmente trabalha como Professor de Ciências para o Ensino Fundamental II na EMEF José Bonifácio na Prefeitura de São Paulo, onde ingressou em 2002.

## RESUMO

A intenção com este artigo é trazer um pouco mais para nossa consciência com a discriminação, no Brasil o preconceito se proporciona, em meio a diversos aspectos, de maneira sutil e disfarçado, oculto sob falsas aparências, ainda estamos muito longe de uma socialização, igualdade e respeito, no âmbito educacional necessita ser um tema onde a Lei deveria agir com rigor, pois fere a Constituição e contraria o Estatuto da Criança e do Adolescente. A sua propagação e muitas vezes se dá o incentivo nas Escolas, notando a perpetuação da sua prática, e sendo sustentada por abundantemente por professores e, do mesmo modo, pelos editores de livros didáticos que se enriquecem com o consentimento do Estado e aprovação da sociedade. O professor deve servir de exemplo para que o aluno possa transpor toda a exclusão social que nada mais é do que um reflexo dos valores familiares que se estende no âmbito escolar. Devemos Procurar alternativas para conduzir a sociedade e adotar uma consciência de respeito e parar com a prática preconceituosa e em consequência passe a aceitar a criança negra, desmistificando a visão de que é uma pessoa com o valor menor, passando a respeitar e admirar suas aptidões e, sobretudo suas diferenças, pois neste mundo somos todos iguais.

Palavras chave: preconceito; relação; exclusão; social.

## ABSTRACT

The intention with this article is to bring a little more to our conscience with discrimination, in Brazil prejudice is provided, amid several aspects, in a subtle and

disguised way, hidden under false appearances, we are still a long way from socialization, equality and respect, in the educational field, it needs to be a theme where the Law should act with rigor, as it violates the Constitution and contradicts the Statute of Children and Adolescents. Its spread and often gives incentive in Schools, noting the perpetuation of its practice, and being sustained by abundantly by teachers and, in the same way, by textbook publishers who enrich themselves with the consent of the State and the approval of society. The teacher must serve as an example so that the student can overcome all social exclusion, which is nothing more than a reflection of family values that extends in the school environment. We must look for alternatives to lead society and adopt a conscience of respect and stop the prejudiced practice and, consequently, start accepting the black child, demystifying the view that he is a person of lesser value, starting to respect and admire his aptitudes and, especially their differences, because in this world we are all the same.

Keywords: prejudice; relationship; exclusion; Social.

## INTRODUÇÃO

A educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesmo, mas sim como um instrumento de manutenção ou transformação social. Ela necessita de pressupostos, de conceitos que fundamentem e orientem os seus caminhos.

No cotidiano da vida escolar é necessário que o educador se conscientize dos problemas relevante que há na alfabetização. Os mesmos estão relacionados às práticas e métodos educativos, na qual precisa de uma motivação para exercer melhor a sua função.

Sabemos que um professor não limita sua influên-

cia a conselhos técnicos, não é apenas guia do aluno através do labirinto da sua própria existência. Graças à ação persuasiva de sua presença deslinda as contradições íntimas: explica cada um a cada um, apontando os rumos decisivos. O convívio do professor e do aluno, não depende exclusivamente da qualidade de ensino, mas do encontro entre pessoas. Neste diálogo franco, nesta interação professor-aluno, neste “encontro entre pessoas” estão presentes os valores, os conceitos e preconceitos observados em sua época.

Ao professor cabe facilitar a aprendizagem para o aluno, pois é este quem aprende. Como a aprendizagem não é apenas cognitiva, valores, sentimentos e atitudes são aprendidos. O professor, através da interação com os alunos, pode modificar seus próprios valores. Mas temos visto que o mais comum, na relação professor-aluno, é o aluno sofrer maior influência do professor.

Lidar com a diversidade, seja ela racial, social, econômica ou religiosa, não é fácil. Mas é tarefa de quem educa, pai ou professor. Porque aprender a viver em comunidade é saber lidar com as diferenças de qualquer natureza.

Este trabalho tem como objetivo mostrar as concepções pedagógicas inseridas na educação; refletir sobre a importância da afetividade na relação professor e aluno durante o processo de ensino e aprendizagem; conhecer o papel da escola na aprendizagem do aluno; apontar as reflexões filosóficas na educação e demonstrar a influência dos avanços tecnológicos na educação.

Para o desenvolvimento deste trabalho, será realizada uma revisão de literatura específica em livros, revistas e artigos na internet na busca de compreender a importância do papel da escola na aprendizagem do aluno, enfatizando as concepções e desafios que a educação vem adquirindo com os avanços tecnológicos.

## **CRIANÇA NEGRA NO ESPAÇO ESCOLAR**

As experiências negativas vivenciadas pelas crianças negras no modelo de sociedade discriminatória brasileira fazem com que elas sejam levadas a construir negativamente imagens sobre si próprias. A escola pública, no entanto, que é basicamente constituída pela

população empobrecida, filhos de trabalhadores, em sua maioria negra, deverá atentar para o perfil psicológico e o quadro adverso em que se desenvolve a socialização desse seu público alvo.

Certamente, a história de vida dessa população deverá ser o ponto de partida para o favorecimento de seu processo de construção de conhecimento. Incorporar, ao seu cotidiano, estratégias que contemple as necessidades específicas desses alunos é dever de todo profissional de educação e, em especial, daquele que atua na escola pública e a deseja de qualidade! Isto quer dizer que as propostas curriculares brasileiras deverão fundamentar-se em princípios norteadores de uma educação anti-racista; tratar pedagogicamente as diversidades raciais, promovendo a visibilidade positiva do grupo negro no nosso país.

Nas últimas décadas, alguns educadores têm tentado fundamentar sua prática cotidiana direcionando-a, para uma educação anti-racista, o que abre maiores possibilidades de sucesso escolar para o aluno negro. Nesse construir, alguns princípios fundamentais têm norteado seus trabalhos.

## **O RESPEITO PELAS DIFERENÇAS**

Os alunos negros, identificados pelas feições independentes da consistência de cor da sua pele, constituem a maioria dos alunos repetentes, fora da faixa etária correspondente à série escolar cursada, bem como a maioria dos que evadem durante o ano letivo.

São alunos de baixa estima e de auto conceitos, que foram condicionados a se identificarem como feios, sem inteligência, a não gostarem da cor da sua pele, nem dos seus cabelos e muitos afirmam não ser negros e sim morenos, “café com leite”, “cor de jambo”, “marrom bombom” e outros cognomes, a fim de esconder a sua real identidade e isso, revela a tentativa de branqueamento, como também, a introjeção e assunção dos valores ideológicos europeus.

Aqueles alunos não atendem pelo seu legítimo nome, são tratados por apelidos tradicionais e de modismo: preto, preta, preto feio, pretinha, preto nojento, imundo, negão, negro safado, neguinha, cabelo de tempero seco, azulão, cabelo de pimenta do reino, cabelo de tuim, picolé de asfalto, branca de neve, meia noite, diabo as queda, nego diabo, figura do cão, alma branca, macaco, monstro, nego gordo, Pelé, mussum, cuian, kintê, zulu, são algumas das alcunhas mais usadas e

que representam uns dos fatores da exclusão, evasão e repetência escolar.

### **ATITUDES DE PRECONCEITO**

A atitude atua como uma espécie de peneira ou filtro, que reduz a quantidade de informação de que dispomos e nos permite relacionar a informação nova com a que já possuímos.

O modo mais provável de aprender atitude é através da imitação. Isso consiste na aprendizagem pelo exemplo e é considerada como um método importante por meio do quais as pessoas aprendem atitudes do seu ambiente cultural – família, classe, raça ou religião.

As atitudes podem mudar ou serem mudadas de muitos modos, dependendo das informações e experiências de cada pessoa. Talvez mudem de maneira involuntária, como resultado de novas experiências ou talvez sejam mudadas deliberadamente por um propagandista habilidoso. Também pode ser provocada por mudanças de comportamento.

Uma das atitudes mais estudadas nos nossos dias é o preconceito. Ele refere-se a um julgamento, um sentimento ou resposta antecipada para com pessoas ou coisas não baseado em experiência real.

CAVALLEIRO (2001), publicou um estudo demonstrando que “...crianças negras, algumas das quais com apenas 3 anos de idade, já se tinham convencido de que ser negro não é uma coisa boa: elas rejeitavam bonecas pretas, sentindo que bonecas brancas eram mais bonitas e geralmente superiores.” Como escreveu NEGRÃO (1976, p.185), isto sugere que as vantagens educacionais do “separado mas igual” nunca são iguais, pois fazem a criança das minorias saber que ela está sendo segregada, porque há qualquer coisa errada com ela.

Num estudo idêntico ao de GONÇALVES, demonstrou que “...as mulheres têm sido ensinadas a se considerarem intelectualmente inferiores aos homens”. (1998, p.63). Nesse experimento, Gonçalves pediu a certo número de moças universitárias para que lessem alguns artigos e os avaliassem em termos de estilo, assunto, etc. Para algumas estudantes, os artigos apresentados eram assinados por homens; para outras, os mesmos artigos apresentados eram assinados por mulheres.

As estudantes classificaram os artigos em grau mais alto se fossem assinados por um escritor homem, do que quando eram assinados por uma mulher. Em outras palavras,... estas mulheres tinham aprendido o seu verdadeiro lugar: consideraram o produto do trabalho de outras mulheres como necessariamente inferior ao dos homens.

Não discutiremos situações de preconceito “a favor de” pessoas; limitar-nos-emos a atitudes negativas. Usaremos a definição de NEGRÃO que considera o preconceito “como uma atitude hostil ou negativa para com determinado grupo, baseando-nos em generalizações derivadas de informações deformadas ou incompletas. Por exemplo: quando dizemos que um indivíduo tem preconceito contra negros, queremos dizer que ele se orienta para comportar-se com hostilidade contra negros; ele sente que, com talvez uma ou duas exceções, todos os negros são iguais; as características que ele dá aos negros são totalmente incorretas ou, na melhor das hipóteses, baseiam-se num germe de verdade que ele zelosamente aplica ao grupo como um todo”.(1976, p. 129).

Quando generalizamos características ou motivos para um grupo de pessoas, estamos a estereotipar. Estereotipar não é necessariamente um ato abusivo intencional, muitas vezes é apenas um meio de simplificar nossa visão do mundo, e todos nós, de uma forma ou de outra, o fazemos. A maioria dos estereótipos não se baseia em experiências válidas, mas sim em boatos ou em imagens forjadas pelos meios de comunicação, ou é gerada em nossas próprias cabeças, como recurso para justificar nossos preconceitos e crueldade.

A atribuição é uma forma de estereotipagem. SOUZA (2001 p.83) escreve que, nos últimos anos, o fenômeno da atribuição tem sido explorado de maneira sistemática por alguns pesquisadores e suas maiores descobertas têm sido armadas na Teoria da Atribuição que trata das regras que a maioria das pessoas emprega na tentativa de inferir as causas do comportamento observado.

As quatro causas básicas do preconceito são: os conflitos ou as competições econômicas e políticas; a agressão deslocada; as exigências da personalidade; e conformismo com as normas sociais existentes. Estas quatro causas não se excluem elas podem atuar todas ao mesmo tempo, mas seria melhor determinar a importância de cada uma delas, pois qualquer ação

que recomendarmos na tentativa de reduzirmos o preconceito, dependerá do que acreditamos ser a causa maior do preconceito.

## **REDUZINDO O PRECONCEITO**

Para reduzir o preconceito é importante que se oportunize cada vez mais situações onde pessoas de diferentes descendências possam participar e se expressar, mostrando seu valor e o valor de sua raça; que nos cursos normal e de Licenciatura seja trabalhada a Psicologia Social, dando ênfase ao estudo das atitudes e preconceitos com vistas a instrumentalizar o futuro docente; que as escolas se abram para receber e manter no seu interior estudantes das mais diversas procedências, oferecendo as mesmas condições para todos; e que se comece a cultivar urgentemente valores relacionados com a essência de cada um, desvinculando a sua capacidade da sua procedência (família), da sua etnia, da sua classe sócio-econômico-cultural e religiosa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As dificuldades que interferem a aprendizagem estão relacionadas no convívio que a criança mantém na escola.

Pode-se concluir que o compromisso que o professor tem em relação ao aluno é, sobretudo, político, ainda que refletido no campo pedagógico. Por isso, é necessário considerar a questão educacional como um todo, embasando as questões técnico-pedagógicas em um referencial mais amplo que englobe também as de ordem político-filosóficas.

Mesmo sabendo que seja impossível uma escola igual para todos, acreditamos que seja possível a construção de uma escola que reconheça que os alunos são diferentes, que possuem uma cultura diversa e que repense o currículo, a partir da realidade existente dentro de uma lógica de igualdade e de direitos sociais. Assim, podemos deduzir que a exclusão escolar não está relacionada somente com o fator econômico, ou seja, por ser um aluno de origem pobre, mas também pela sua origem étnico-racial.

No preconceito professor-aluno, é preciso que o educador saiba que espera, com sua postura e objetivos, despertar o desejo de saber do aluno, mas que esse desejo é despertado não só por questões conscientes,

mas inconscientes, que fogem do controle desse professor, que exerce seu ofício e, por baixo, há o alvo da ação transferencial; o educador está abalizado por esse tipo de demanda e, inconscientemente, há o ganho narcísico; esse reconhecimento do seu eu-professor.

Em geral, quando os professores se deparam com alunos, revivem eles mesmos quando foram alunos e tiveram boas referências de escolas, no sentido de integrar valores e serem sujeitos do conhecimento.

O professor tem que trabalhar a questão da onipotência. Tem que saber que existe um inconsciente entre o professor e o aluno, além da relação consciente que ele pode controlar e que depende da sua vontade. O aluno transfere para o professor a figura de autoridade e bate de frente com tudo que essa figura de autoridade representa. O professor acaba sendo o depósito das finalmente, procurando estudar a questão da indisciplina, que é uma das mais graves da Pedagogia de hoje, nos deparamos com todo um contexto de Psicanálise e Educação a ser estudado, entendido, começando pelo fato de que todo adulto perante uma criança depara-se, de fato, com sua própria infância recalçada. Que uma educação torna-se possível, precisamente, à medida que o adulto desdobra a diferença que media entre a criança que foi uma vez para outros e essa criança real junto à qual deve sustentar uma palavra educadora.

Para fazer frente a esse problema, os professores precisam estar seguros de seu papel e não ficar hesitantes para tomar decisões. Têm que se responsabilizar por aquilo que decidem e não temer colocar limites para as ações dos alunos e de suas famílias, pois o ambiente escolar é diferente do familiar e na escola não é a família que deve decidir. Há que se resgatar a autoridade docente.

Para isso ser alcançado, é preciso estimular a participação ativa do aluno no processo educativo, contudo é possível acontecer uma confusão desta perspectiva com métodos mais permissivos. Por isso, existe a grande necessidade de se entender a disciplina escolar no sentido da organização, não do imobilismo é fundamental a necessidade de haver uma permanente sintonia na relação entre o professor e o aluno, mas é comum perceber o surgimento da indisciplina devido o alheamento e à indiferença apresentada pelo professor.

**REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA**

CAVALLEIRO, E. "Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor". In: Cavalleiro (org) Racismo e anti-racismo na educação. São Paulo: Summus, 2001.

D'ADESKY, J. Pluralismo étnico e multiculturalismo: Racismos e Anti-Racismos no Brasil, Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira & SILVA, Petronilha B. Gonçalves e. O jogo das diferenças: Multiculturalismos e seus contextos. Belo Horizonte: Autêntica, 1998

GOMES, N. L. "Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade" In: Cavalleiro(org) Racismo e anti-racismo na educação. São Paulo: Summus, 2001.

KREUTZ, L. "Identidade étnica e processo escolar" In: Cadernos de pesquisa, Fundação Carlos Chagas n.107, julho, 1999.

NEGRÃO, E. "Preconceitos e Discriminações raciais em livros didático e infanto-juvenil".In: Cadernos de Pesquisas. Fundação Carlos Chagas. n.17 junho de 1976.

PINTO, R.P. "Diferenças étnico-raciais e formação de professor". In: Cadernos de Pesquisas, Fundação Carlos Chagas, n.108, novembro de 1999.

SANTOS, I. A "A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos". In: Cavalleiro(org.) Racismo e anti-racismo na educação. São Paulo: Summus, 2001.

SOUZA, E.F. "Repercussões do discurso pedagógico sobre relações raciais nos PCNs" In: Cavlleiro(org) Racismo e anti-racismo na educação. São Paulo: Summus, 2001.

NASCIMENTO E.L. "Sankofa: educação e identidade afrodescendente" In: Cavalleiro (org) Racismo e anti-racismo na educação. São Paulo: Summus, 2001.

MUNANGA, Kabengele. O preconceito racial no sistema educativo brasileiro e seu impacto no processo de aprendizagem do "alunado negro". IN: Utopia e democracia na Escola Cidadã. Porto Alegre: Editora da

Universidade Federal de RGS, 2000.

PIERUCCI, Antônio Flavio. Vivendo o preconceito em sala de aula IN: Diferenças e preconceitos na escola alternativas teóricas e praticas. São Paulo: Summus, 1998 Ciladas da diferença. Tempo Social, 1990.

\_\_\_\_\_. "Socialização e Recalque: A criança negra no rural".In: Cadernos CEDES: Educação e diferenciação cultural de negros e índios. N. 32, São Paulo: Papirus.

WOODWARD, K. "Identidade e Diferença: Uma Introdução teórica e conceitual" In: Silva, T. Identidade e Diferença. A perspectiva de estudos Culturais. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2000.



# O FOLCLORE BRASILEIRO E SEUS PERSONAGENS

**Isabel Aparecida Moura**

Graduação em Educação Física pela Faculdade Integradas de Guarulhos – FIG - (1995); Especialista em Contos de Fada pela Faculdade Educamais - UNIMAIS - (2019); Professor de Ensino Fundamental II e Médio – Educação Física – na EMEF. Professor Fernando de Azevedo.



## RESUMO

A literatura folclórica precisa de resgate pois, ela faz parte da história e dos costumes de um povo, é uma forma típica de demonstrar a geração atual, também a futura, o jeito de viver e os saberes constantes numa região ou comunidade, é a valorização da história pela história. A beleza da alma folclórica na alma do ser humano como algo que não pode sobreviver por si só, se dá através dos mais variados princípios e conhecimentos das lendas, mitos e festividades que guiam a historicidade do folclore. Este artigo vem apresentar o folclore como o saber do povo, onde pode – se observar a mudança no estilo de vida de uma sociedade, porém os costumes populares têm vindo com essa mudança, renovando – se à medida que os comportamentos e atitudes humanas se modificam, tornando – se o encontro entre o mundo fictício e a realidade de cada um.

Palavras chaves: folclore; cultura; povo.

## ABSTRACT

Folk literature needs to be rescued because it is part of the history and customs of a people, it is a typical way of demonstrating the current generation, and also the future way of

Living and constant knowledge in a region or community, is the valorization history for

history. The beauty of the folk soul in the soul of the human being as something that

cannot survive on its own, occurs through the most varied principles and knowledge of the legends, myths and festivities that guide the historicity of folclore. This article presents folclore as the knowledge of the people, where it is possible to observe the change in the

lifestyle of a society, but popular customs have come with this change, renewing themselves as human behaviors and attitudes change. , becoming the meeting between the fictional world and the reality of each one.

Keywords: folklore; culture; people.

## INTRODUÇÃO

Para começar este artigo quer mostrar o quanto as manifestações culturais, conhecidas por manifestações populares, são importantes para constituição da história do homem em sociedade, por tanto faz – lo acessível aos programas culturais faz com que a sua inclusão no regionalismo e no folclore nacional torne – o conhecedor das vivências e participante da valorização histórica de seu País.

O folclore reproduz de maneira individual e coletiva as tradições e costumes de pessoas de uma região e seus saberes são passados através das gerações. Por isso, os componentes dessa cultura, dita popular são arraigados na memória desse povo e fazem parte do folclore.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), considera o folclore como um Patrimônio Cultural Imaterial, sendo indispensável manter o empenho para que não haja sua extinção. Suas demonstrações são feitas através das danças, brincadeiras, lendas, canções, festas e artesanatos.

Em nosso país, o dia do folclore teve sua oficialização em 17 de agosto de 1965, feita pelo então presidente Humberto de Alencar Castello Branco, tendo como ministro da Educação o senhor Flávio Suplicy de Lacerda.

Portanto o dia do folclore, foi criado na intenção de assegurar os materiais abundantes que se encontra no folclore brasileiro e promover a continuidade de estudos sobre eles, pois, influência diretamente em pesquisas das ciências humanas.

## **1 – OS FOLCLORISTAS E SUAS OBRAS.**

É importante salientar que, o primeiro Congresso sobre o Folclore promovido no Brasil deu – se no ano de 1951 e sua realização foi no Rio de Janeiro, nele debateu – se sobre as características que definiriam sobre o que é o folclore e mesmo tendo passado tantos anos este assunto ainda provoca várias polemicas entre os estudiosos.

Estes são alguns nomes de escritores que se dedicaram no estudo do folclore: Mario de Andrade, Florestan Fernandes, Luís Câmara Cascudo para esse Congresso.

### **1.1 – MARIO DE ANDRADE.**

Biografia: Mário Raul Morais de Andrade foi um poeta, escritor, crítico literário, musicólogo, folclorista, ensaísta e fotógrafo brasileiro. Foi um dos pioneiros da poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro *Pauliceia Desvairada* em 1922. Nascimento: 9 de outubro de 1893, São Paulo. Falecimento: 25 de fevereiro de 1945, São Paulo. Filmes: *Macunaíma*, *Maria Bethânia - Brasileirinho ao Vivo*, *Lição de Amor*, *Sambizanga*. Prêmios: Ordem Nacional da Legião de Honra, Ordem do Mérito Cultural. Pais: Maria Luísa de Almeida Leite Moraes de Andrade, Carlos Augusto de Andrade.

Mário de Andrade é uma grande citação a respeito da cultura e literatura brasileira, por conhecer o Brasil pelas muitas viagens que fez durante sua vida e ser comprometido com o desenvolvimento cultural do País, tornou – se um estudioso das identidades culturais regionais. Foi poeta, prosador, funcionário público e pianista.

Folclorista que, através de sua obra literária insere uma literatura que se ajusta com a linguagem do povo, diferenciando – se do já tradicional academicismo da época. Seu olhar era voltado as dificuldades brasileiras e para o nacionalismo com intuito de abordar esses conflitos de submissão cultural e diferença de linguagem como também a aquisição de modelos socio – econômicos vindos de fora, que tirava o caráter e a

identidade cultural do Brasil.

Ao escrever a obra “*Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter” que se tornaria a mais conhecida e comentada de todos seus trabalhos o escritor e autor teve como inspiração o projeto de mostrar a diferença brasileira em resumo do folclore nacional, fazendo dela um romance grotesco que juntava primitivismo e tradição verbal a forma burguesa do romance.

Esta obra, por sua vez tinha uma narrativa de caráter lendário, onde seus episódios não combinavam com a realidade e por meio do “herói sem caráter” busca introduzir a imagem do povo brasileiro.

### **1.1.1 – RESUMO DA OBRA “MACUNAÍMA, O HERÓI SEM NENHUM CARÁTER”**

*Macunaíma* nasce na Floresta Amazônica às margens do Uraricoera e uma de suas características mais fortes já se manifesta: a preguiça. Ele busca desde muito jovem ter relações amorosas com a mulher de seu irmão Jiguê. Transforma – se em um príncipe lindo durante uma dessas aventuras. É abandonado pela mãe por ser muito traquina.

Curupira arma uma cilada para o herói, no meio do mato e ele acaba escapando por preguiça de seguir o conselho do Curupira. Conta à cotia como enganou o bicho e ela joga calda de aipim envenenada em *Macunaíma*, que faz seu corpo crescer, menos a cabeça, porque desvia – se do caldo.

Acompanhado dos irmãos, *Macunaíma* vai à São Paulo, buscando recuperar a pedra. Ao chegar na cidade, descobre que Venceslau Pietro Pietra é o gigante *Piaimã*, que devorava gente e era amigo de *Ceiuci*, que também comia carne humana.

Então o herói disfarça – se de francesa para seduzir o gigante *Piaimã* e recuperar o *muiraquitã*. O gigante se dispõe a dar a pedra ao herói que estava disfarçado se ele aceitasse dormir com ele. *Macunaíma*, então, foge numa carreira por todo o Brasil, chega a um terreiro de *macumba* no Rio de Janeiro e pede à *macumbeira* que dê uma surra cruel no gigante, ainda lá, o herói encontra *Veí*, a deusa – sol. E *Ihe* promete casar – se com uma de suas filhas. Porém na mesma noite, *Macunaíma* tem relação com uma portuguesa, deixando a deusa irada. Ela envia um monstro arrepiante atrás do herói,

que foge deixando monstro e portuguesa para trás.

De volta a São Paulo, Macunaíma escreve uma Carta para as Icamíabas, falando do estilo sofisticado e a agitação da vida paulistana. E por conta da surra que levou do Exu, Venceslau Pietro Pietra fica doente, com isso Macunaíma fica impossibilitado de reaver a pedra, gastando o seu tempo aprendendo as difíceis línguas da terra do brasileiro falado e do português escrito. Logo após de se meter em confusão na cidade, o herói visita o gigante novamente, que estava se recuperando.

Resolveu fazer uma pescaria no Tietê, onde também costumava pescar Ceiuci. Além de estar com a filha da caipora, Macunaíma foge de Ceiuci num cavalo que corre de forma irreal toda a América Latina, sendo que em algumas linhas, faz o incrível trajeto de Manaus à Argentina.

Macunaíma tenta obter uma bolsa de estudo para seguir no encalço de Venceslau Pietro Pietra e se disfarça de pianista, que viajou a Europa. Como não conseguiu enganar o governo, decide viajar pelo Brasil com seus irmãos.

Jiguê se apaixona por uma moça piolhenta, que tem relações toda hora com Macunaíma. Quando descobre a traição, Jiguê dá uma surra no herói e uma cacetada na amante, que morre e vai para o céu com seus piolhos, transformada em estrela que pula.

Macunaíma e seus irmãos decidem voltar para o Uraricoera, levando com ele vários pertences e uma boa dose de saudade de São Paulo. Quando volta, o herói tem diversos casos amorosos.

É perseguido pelo Minhocão Oibê e transforma – o num cachorro – do – mato e segue viagem.

Chegando ao Uraricoera, se entristece ao ver a maloca da tribo destruída. Uma sombra leprosa devora seus irmãos, e Macunaíma fica só. Todas as aves o abandonam, apenas um papagaio, a quem conta toda a sua história, permanece com ele.

Veí, a Sol, vingá – se dá desfeita que Macunaíma havia feito a uma de suas filhas e arma uma armadilha para o herói, que ao ver a uiara em uma lagoa, se deixa seduzir e acaba sendo despedaçado pelo monstro.

Macunaíma consegue recuperar suas partes mutiladas, abrindo a barriga do bicho, porém não encontra sua perna nem a muiraquitã. O herói vai para o céu e acaba sendo transformado na constelação da Ursa Maior.

No final, o narrador conta que conheceu essa história através do papagaio ao qual Macunaíma havia relatado suas aventuras.

A obra Macunaíma é uma crítica ao regionalismo e tem como intenção romper os limites estipulados pela geografia. O território descrito como espaço é uma mistura de várias regiões brasileiras, e a cronologia varia entre o mítico da lenda e o tempo contextualizado.

Sendo um herói sem nenhum caráter, tudo que constrói em um capítulo, desconstrói no outro. É um contraposto o tempo todo misturado de valentia e covardia que se revezam. Ele é preguiçoso, mas ao mesmo tempo audaz, um adulto ainda criança, podendo – se dizer que é o primitivo que habita o homem civilizado. Macunaíma é um híbrido linguístico e não uma pessoa.

## **1.2 – LUIS CAMARA CASCU DO.**

Biografia: Luís da Câmara Cascudo foi um historiador, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro. Câmara Cascudo passou toda a sua vida em Natal e dedicou-se ao estudo da cultura brasileira, nasceu em 30 de dezembro de 1898, Natal, Rio Grande do Norte e faleceu no mesmo Natal em 30 de julho de 1986. Filho de Francisco Justino de Oliveira Cascudo e Ana Maria da Câmara Cascudo.

Câmara Cascudo é o principal autor do folclore brasileiro seu interesse pela cultura do país fez com que ele, se empenhasse em conhecer mais e mais dos hábitos e costumes nacionais, não somente por documentos, mas, investigou também a alta cultura como instituições religiosas, artes eruditas, vestimentas e falas regionalizadas.

No ano de 1920, desperta o interesse pelos contos e pela literatura, lendas e historietas populares, similares aos cordéis que vendia – se nas feiras do nordeste. Já em 1939, teve a publicação da obra Vaqueiros e cantadores: “Folclore poético do sertão de Pernambuco, Rio grande do Norte, Ceará e Paraíba”, essa obra deu início ao gênero folclorista, que inspirou vários estudos significativos sobre a visão do sertanejo brasileiro.

Nos anos 40, Câmara Cascudo tem mais três de suas obras publicadas e são elas: Antologia do folclore brasileiro (1943), Geografia dos mitos brasileiros (1947) e Os Holandeses no Rio Grande do Norte (1949), mas é nos anos 50 que ele concretiza seu trabalho que se tornou a obra mais lida e comentada pelo público e estudiosos o “Dicionário do Folclore Brasileiro” (1951) e após essas escreveu diversas obras, mas, não somente voltadas para o gênero folclórico, mas a sociologia e antropologia.

### **1.2.1 – DO LIVRO LENDAS BRASILEIRAS.**

#### **NORTE**

##### **BARBA – RUIVA (CÂMARA CASCUDO, pag. 12)**

Aqui está a lagoa de Paranaguá, limpa como um espelho e bonita como noiva enfeitada. Espraia – se em quinze quilômetros por cinco de largura, mas não era, tempo antigo, assim grande, poderosa como um braço de mar. Cresceu por encanto, cobrindo mato e caminho, por causa do pecado dos homens. Nas Salinas, ponta leste do povoado de Paranaguá, vivia uma viúva com três filhas. O rio Fundo caía numa lagoa pequena no meio da várzea. Um dia, não se sabe como, a mais moça das filhas da viúva adoeceu e ninguém atinava com a moléstia. Ficou triste e pensativa. Estava esperando menino e o namorado morrera sem ter ocasião de levar a moça ao altar. Chegando o tempo, descansou a moça nos matos e, querendo esconder a vergonha, deitou o filhinho num tacho de cobre e sacudiu-o dentro da lagoa. O tacho desceu e subiu logo, trazido por uma Mãe – d’Água, tremendo de raiva na sua beleza feiticeira. Amaldiçoou a moça que chorava, e mergulhou.

As águas foram crescendo, subindo e correndo, numa enchente sem fim, dia e noite, alagando, encharcando, atolando, aumentando sem cessar, cumprindo uma ordem misteriosa. Tomou toda a várzea, passando por cima das carnaubeiras e buritis, dando onda como maré de enchente na lua.

Ficou a lagoa encantada, cheia de luzes e de vozes. Ninguém podia morar na beira porque, a noite inteira, subia do fundo d’água um choro de criança, como se chamasse a mãe para amamentar. Ano vai e ano vem, o choro parou e, vez por outra, aparecia um homem moço, airoso, muito claro, menino de manhã, com barbas ruivas ao meio-dia e barbado de branco ao ano-

tecer. Muita gente o viu e tem visto. Foge dos homens e procura as mulheres que vão bater roupa. Agarra-as só para abraçar e beijar. Depois, corre e pula na lagoa, desaparecendo. Nenhuma mulher bate roupa e toma banho sozinha, com medo do Barba-Ruiva. Homem de respeito, doutor formado, tem encontrado o Filho – da – Mãe – d’Água, e perde o uso de razão, horas e horas. Mas o Barba – Ruiva não ofende a ninguém. Corre sua sina nas águas da lagoa de Paranaguá, perseguindo mulheres e fugindo dos homens. Um dia desencantará, se uma mulher atirar na cabeça dele água-benta e um rosário indulgenciado. Barba-Ruiva é pagão, e deixa de ser encantado sendo cristão.

Mas não nasceu ainda essa mulher valente para desencantar o Barba – Ruiva. Por isso ele cumpre sua sina nas águas claras da lagoa de Paranaguá.

#### **NORDESTE**

##### **A MORTE DO ZUMBI (CÂMARA CASCUDO, pag. 31)**

Na serra da Barriga, em sua encosta oriental, viveram, sessenta e sete anos, os negros livres dos Palmares. Tinham fugido de várias fazendas, engenhos, cidades e vilas, reunindo – se, agrupando – se derredor de chefes, fundando uma administração, um Estado autônomo, defendido pelos guerreiros que eram, nas horas de paz, plantadores de roças e criadores de gado. Elegiam vitaliciamente, um Zumbi, o Senhor da força militar e da lei tradicional. Não havia ricos, nem pobres, nem furtos nem injustiças. Três cercas de madeira rodeavam, numa tríplice paliçada, o casario de milhares e milhares de homens. Ao princípio, para viver, desciam os negros armados, assaltando, depredando, carregando o butim para as atalaias de sua fortaleza de pedra inacessível. Depois o governo nasceu e com ele a ordem; a produção regular simplificou comunicações pacíficas, em vendas e compras nos lugares vizinhos; constituiu – se a família e nasceram os cidadãos palmarinos. As plantações ficavam nos intervalos das cercas, vigiadas pelas guardas de duzentos homens, de lanças reluzentes, longas espadas e algumas armas de fogo. No pátio central, como numa aringa africana, residia o Zumbi, o Rei naquela república negra, o primeiro governo livre em todas as terras americanas.

Ali o Zumbi distribuía justiça, exercitava as tropas, recebia festas e acompanhava o culto, religião espontânea, aculturação de catolicismo com os rituais do continente negro. Vinte vezes, durante a existência, foram atacados, com sorte diversa, mas os Palmares

resistiam, espalhando – se, divulgando – se, atraindo a esperança de todos os escravos chibateados nos eitos de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. A república palmarina desorganizava o ritmo do trabalho escravo em toda a região. Dia a dia fugiam novos cativos, futuros soldados do Zumbi, com seu manto, sua espada e sua lança real. Por fim, depois de investidas numerosas, em 1695, sete mil homens veteranos, comandados por grandes chefes de guerra, marcharam sobre Palmares. Debalde o Zumbi levou suas forças ao combate, repelindo e vencendo. O inimigo recompunha – se, recebendo víveres e munições, quando os negros, sitiados, se alimentavam de furor e de vingança. Numa manhã, todo exército atacou ao mesmo tempo, por todas as faces. As paliçadas foram cedendo, abatidas a machado, molhando – se o chão com o sangue desesperado dos negros guerreiros.

Os paulistas de Domingos Jorge Velho; Bernardo Vieira de Melo com as tropas de Olinda; Sebastião Dias com os homens de reforço – foram avançando e pagando caro cada polegada que a espada conquistava. Gritando e morrendo, os vencedores subiam sempre, despedaçando as resistências, derramando-se como rios impetuosos, entre as casinhas de palha, incendiando, prendendo, trucidando. Quando a derradeira cerca se espatifou, o Zumbi correu até o ponto mais alto da serra, de onde o panorama do reino saqueado era completo e vivo. Daí, com seus companheiros, olhou o final da batalha. Paulistas e olindenses iniciavam a caçada humana, revirando as palhoças, vencendo os últimos obstinados. Do cimo da serra, o Zumbi brandiu a lança espelhante, e saltou para o abismo. Seus generais o acompanharam, numa fidelidade ao Rei e ao Reino vencidos. Em certos pontos da serra ainda estão visíveis as pedras negras das fortificações. E vive ainda a lembrança ao último Zumbi, o Rei de Palmares, o guerreiro que viveu na morte seu direito de liberdade e de heroísmo...

### **1.3 – MONTEIRO LOBATO.**

Biografia: Monteiro Lobato (1882-1948) foi um escritor e editor brasileiro. “O Sítio do Pica-pau Amarelo” é sua obra de maior destaque na literatura infantil. Criou a “Editora Monteiro Lobato” e mais tarde a “Companhia Editora Nacional”. Foi um dos primeiros autores de literatura infantil de nosso país e de toda América Latina.

Metade das obras de Monteiro Lobato é formada de literatura infantil. Destaca-se pelo caráter nacionalista

e social. O universo retratado em suas obras são os vilarejos decadentes e a população do Vale do Paraíba, quando da crise do café. Situa-se entre os autores do Pré-Modernismo, período que precedeu a Semana de Arte Moderna.

Lobato é um ícone do Folclore Brasileiro, com suas obras fez com que o nosso país tivesse o reconhecimento internacional, popularizou figuras do folclore em suas estórias e alavancou a cultura nacional. Integrou a figura do Saci como um dos personagens do Sítio do Pica – pau Amarelo sua obra mais famosa. Além dele também oportunizou a presença da Mula Sem – Cabeça, o Curupira, o Lobisomem, a lara e o Boitatá. Monteiro Lobato, um nacionalista cuja brasilidade encontra – se na obra infantil e adulta.

Aqui estão as descrições de seus personagens folclóricos mais famosos, mesmo não sendo retiradas de seus livros específicos sempre se aprende na escola sobre eles.

#### **1.3.1 - SACI**

O Saci é um ser folclórico que usa capuz vermelho e tem uma perna só, por isso para sair do lugar pula – pula por todo canto. Muito divertido e brincalhão é agitado, peralta e gosta de fazer travessuras por onde vai, ele também ama trançar a crina dos cavalos durante a noite.

#### **CUCA**

A Cuca é lendária, personagem também tirada do folclore brasileiro. Muito mais cruel do que o Saci. Uma bruxa malvada, com cabelo de gente e corpo de jacaré. Mistura ingredientes mágicos em seu caldeirão enorme e usa unhas de morcego, olhos de gatos e penas de urubu para fazer seus feitiços.

#### **CURUPIRA**

O Curupira é o protetor da floresta, um ser fantástico que luta contra caçadores e derrubadores de árvores. Com os cabelos vermelhos, é um menino que tem os pés virados para trás, que servem para enganar os aventureiros que se perdem no caminho ao seguirem suas pegadas na floresta.

#### **LOBISOMEM**

O Lobisomem é uma personagem que se transforma

em lobo em noite de lua cheia. Conforme diz a lenda brasileira, quando uma mãe tem 7 filhas e por último, nasce um menino, ele será um lobisomem. É divertido ouvir seu uivo alto, quando é noite de lua cheia.

### **MULA SEM CABEÇA**

A Mula sem Cabeça é uma mula marrom que tem uma tocha de fogo em lugar da cabeça, no folclore brasileiro é bem conhecida em estórias folclóricas. Diz a lenda que ela corre em disparada carreira pelas matas e florestas, relinchando tão alto que pode – se ouvir o barulho a muitos metros de distância.

Esses personagens folclóricos fizeram muito sucesso na obra de Monteiro Lobato por isso que foram citados neste artigo pois, quem já não ouviu falar sobre cada um deles.

Monteiro Lobato contribuiu e contribui até hoje com o Folclore do Brasil, pois quem já ouviu uma de suas estórias do Sítio do Pica – pau Amarelo sabe que as lendas estão andando soltas em suas obras.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Falar sobre o folclore brasileiro é muito amplo, como também é muito difícil, as lendas estão sendo esquecidas. Hoje quase não se vê famílias reunidas para uma boa estória, as lendas estão sendo substituídas por novos personagens e o regionalismo, as tradições estão se voltando para a modernidade.

Não se pode esquecer que a cultura brasileira é a base formativa do povo do Brasil, os índios, os portugueses, os povos africanos que vieram como escravos.

Folclore é o que conhecemos como a identidade social de um povo, é feito individualmente como coletivamente, sua maneira de atuar é na cultura popular.

Por isso, um povo sem o conhecimento dos seus costumes é um povo que esqueceu o que realmente é, para se tornar o que os outros querem que ele seja. Não podemos esquecer de onde viemos e quem somos, o folclore do Brasil é riquíssimo e não pode ser deixado de lado, por isso a vontade de escrever esse artigo tornou – se muito forte. Para que as pessoas possam sempre ter em mente que o país que valoriza sua cultura, o seu povo nunca será abalado por nada.

### **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Mário. Macunaíma, o herói sem caráter. 1ª ed. Editora Instituto IFF, 1938.

ANDRADE, C. D. de. Mário de Andrade desce aos infernos (A rosa do povo). In: Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.

ANDRADE, M. de. A elegia de abril (1941); O movimento modernista (1942). Aspectos da literatura brasileira. 4.ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972.

ARAÚJO, Luciana Kuchenbecker. “Monteiro Lobato”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/jose-bento-monteiro-lobato.htm>. Acesso em 02 de março de 2021.

BRANDINO, Luiza. Mário de Andrade; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/mario-andrade-1.htm>. Acesso em 25 de agosto de 2020.

CASCUDO, Luís Câmara. Lendas Brasileiras; Ed. Global; 2015.

FONTES: <http://redes.moderna.com.br/2012/08/22/o-folclore-na-obra-de-monteiro-lobato>. Acesso em 27 de agosto de 2020.

SEREJO, Vicente. Centenário do nascimento de Luís da Câmara Cascudo. Disponível em <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/vida1.htm>>. Acesso em: 02 março. 2021.



# OS IMPACTOS DA PANDEMIA PARA O CONTEXTO EDUCACIONAL

**Irlane Paula dos Santos**

Graduação em Pedagogia pela faculdade UNINOVE (2012);  
Professor de Educação Infantil no CEI Jocelyne Guimarães Fernandes de Mello.



## RESUMO

Nos tempos atuais, com o enfrentamento da pandemia, referente ao COVID 19, é de fácil percepção o quanto a tecnologia está presente em nossas vidas. No ano de 2020, ficou evidente como a tecnologia ajuda nas práticas educativas, uma vez que, com a Pandemia decorrente ao Covid 19, as aulas passaram a ser on-line e o professor se reinventou para continuar ensinando mesmo a distancia. O acesso a quaisquer informações é obtido de maneira rápida e eficaz. No passado, não tão distante, até a forma de se comunicar era diferente e o acesso a informação era muito mais complexo. A tecnologia, quando utilizada de forma correta, possibilita ao professor um arsenal de recursos para aprimorar e incrementar os processos escolares e sua prática pedagógica, tornando as aulas mais atrativas e interativas. A tecnologia não pode ser considerada como uma matéria a ser aprendida ou algo isolado, e sim, um portal de possibilidades para criar momentos marcantes de aprendizado para as crianças.

Palavras-chave: Tecnologia; Educação, Criança.

## ABSTRACT

Nowadays, with the confrontation of the pandemic, referring to COVID 19, it is easy to perceive how much technology is present in our lives. In the year 2020, it became evident how technology helps in educational practices, since, with the Pandemia resulting from Covid 19, classes started to be online and the teacher reinvented himself to continue teaching even at a distance. Access to any information is obtained quickly and effectively. In the not-too-distant past, even the way of communicating was different and access to informa-

tion was much more complex. Technology, when used correctly, allows the teacher an arsenal of resources to improve and increase school processes and pedagogical practice, making classes more attractive and interactive. Technology cannot be considered as a subject to be learned or something isolated, but rather, a portal of possibilities to create remarkable learning moments for children.

Keywords: Technology; Education, Child.

## INTRODUÇÃO

A construção das aulas e o próprio projeto pedagógico, devem acompanhar e se preparar para essa nova geração tecnológica. Hábitos educacionais tradicionais, para essa geração, leva ao desinteresse e a dificuldade de concentração dos alunos durante as explicações em sala de aula. Por isso, é de grande importância o debate sobre a inclusão digital nas escolas, para que professores e alunos possam utilizar a tecnologia em favor dos estudos.

Quando aliamos as propostas curriculares da educação infantil com a tecnologia, tornamos o processo de aprendizagem mais atraente e interessante. Estimulando os alunos, de maneira lúdica e interativa, a explorarem novos conhecimentos, aprendendo a elaborar ideias, expressar opiniões, questionar e a pesquisar, utilizando todas as ferramentas educacionais disponíveis. Vale ressaltar, que a implementação desta tecnologia no âmbito escolar, irá aprimorar o que vivenciamos no nosso cotidiano, seja em casa, com os amigos ou em qualquer lugar, pois é notório que a internet está vinculada em todos os lugares com muito mais ênfase do que antigamente.

## **INCLUSÃO DIGITAL E SUA IMPORTÂNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR**

De acordo com Frigotto (1998, p. 34), a tecnologia e a comunicação vêm sendo disseminada de forma inevitável nas salas de aula, com isso a escola está cada vez mais em transformação no mundo digital. O intuito é levar essa tecnologia as escolas públicas de maneira que a informática seja aplicada de forma educativa e mais democrática, no qual todos tenham acesso.

Neste sentido, nota-se que a dimensão acerca da apropriação dos recursos tecnológicos, seja no âmbito escolar ou mesmo no cotidiano do aluno. É necessário saber que incluir digitalmente é disponibilizar a tecnologia e fazer dela um instrumento de ensino e até mesmo de possibilidade de inclusão social.

Para Junior (2011, p. 56), com essas possibilidades tecnológicas que surgem juntamente com as tecnologias de rede, é preciso entender que incluir digitalmente não deixa de ser um processo de colaboração, onde a rede se torna um ambiente de troca de informações e conhecimentos, fazendo sentido em valer a cidadania, exercendo-a de uma forma democrática e consciente.

O acesso a informação pode ocorrer a qualquer momento, porém com muito mais ênfase utilizando dos recursos tecnológicos, no mundo atual as crianças possuem mais facilidade de utilização destes recursos, mas essas habilidades barram muitas vezes coisas simples do dia a dia. Nota-se que são ágeis nesse universo, mas na grande parte não conseguem se relacionar no âmbito social e afetivo, ou seja, em ambientes não virtuais.

Para Brandão (2007, p. 67), a escola por sua vez enfrenta muitos desafios, em relação ao bom uso deste mecanismo, no qual é de suma importância quantidade de informações frente aos veículos de comunicação para crianças, adolescentes, para que não percam sua essência, que usem de forma construtiva, educativa, não utilizando de conteúdos inadequados ou restritos.

Cabe a escola estudar criteriosamente, desenvolver competências nas atualidades para que possa orientar de forma adequada esse público que cresce significativamente na nossa sociedade.

Quando ocorre a inclusão digital com o cidadão, sem exclusão, o uso das tecnologias de informação ocorre, tendo assim livre acesso a informação.

Nesse contexto, não podemos deixar de citar as sábias palavras de Teixeira sobre inclusão digital:

Assim, propõe-se o alargamento do conceito de inclusão digital para uma dimensão reticular, caracterizando-o como um processo horizontal que deve acontecer a partir do interior dos grupos com vista ao desenvolvimento de cultura de rede, numa perspectiva que considere processos de interação, de construção de identidade, de ampliação da cultura e de valorização da diversidade, para a partir de uma postura de criação de conteúdos próprios e de exercício da cidadania, possibilitar a quebra do ciclo de produção, consumo e dependência tecnocultural. (BORGES, 1999, p. 39).

A TIC (Tecnologias de informação e comunicação) vem desenvolvendo uma nova sociedade, modificando o cotidiano das pessoas, o modo de pensar, trabalhar, de viver e principalmente de se comunicar com outras pessoas.

Assim, Kenski (2012, p. 78) conceitua a tecnologia como algo que envolve qualquer coisa que o cérebro humano conseguiu criar, desenvolver e modificar o seu uso e sua aplicação e que a tecnologia não consiste somente em máquinas e equipamentos.

A tecnologia está presente em todos os lugares, em todos os momentos inerentes a nossa vida. Pensando nesse desenvolvimento e aperfeiçoamento das tecnologias, tratamos, então, das tecnologias digitais, que são caracterizadas por um conjunto de tecnologias que trabalham com sistemas binários, ou seja, uma sequência finita de 0 e 1. Elas surgiram a partir do século XX revolucionando a indústria, a economia e a sociedade.

Para Morin (2000, p. 79), a tecnologia deve ser inserida no âmbito escolar como forma de desenvolver a capacidade de comunicação do aluno, mas que este recurso seja aproveitado de forma correta, proporcionando assim a mudança na educação, tanto na forma de aprender, quanto na mediação do professor.

Vale ressaltar que de nada vale este recurso se os professores não estiverem atualizados e familiarizados para que possam inserir em suas aulas de forma significativa, envolvendo as crianças neste contexto para que assim a aprendizagem seja interessante, lúdica e possibilitem a ter mais contato com imagens, sons e movimentos muito mais próximos aos reais.

## **TECNOLOGIA DIGITAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A Educação Infantil implica o desenvolvimento integral e valorização da criança de maneira a experimentar esse mundo tecnológico no ambiente escolar. A escola vem de forma incansável buscando alternativas, estimulando a participação e contribuindo para o pleno desenvolvimento da aprendizagem das crianças.

Para tornar o processo de aprendizagem mais interessante e lúdico, o uso destas tecnologias aliadas as propostas curriculares na Educação infantil, vem mudando o pensar, a maneira de se expressar e questionar de cada criança, permitindo assim a exploração de novos conhecimentos de forma interativa e divertida.

Para Borges (1999, p. 76), estamos em um mundo em que as tecnologias interferem no cotidiano, sendo relevante, assim, que a educação também envolva a democratização do acesso ao conhecimento, à produção e à interpretação das tecnologias. ”

Por tecnologia entendemos um “conjunto de saberes inerentes ao desenvolvimento e concepção dos instrumentos [...] criados pelo homem através da história para satisfazer suas necessidades e requerimentos pessoais e coletivos”. (VERASZTO, SILVA, MIRANDA e SIMON, 2008, p.78).

Neste sentido, é notório que a utilização de artefatos busca a melhoria de performances nas coisas mais simples, ou até mesmo mais complexas, partindo do conhecimento científico chamado tecnologia.

Entende-se que a função da escola, além do conhecimento passado é proporcionar a oportunidade de aprendizagem para as crianças, de modo que adquiram compreensão no seu mundo e em seu tempo.

Ao longo do processo histórico sobre infância cidadã da criança como sujeito de direitos, Vygotsky, profundamente influenciado pelos postulados marxistas, afirma que as origens das atividades psicológicas mais sofisticadas devem ser procuradas nas relações sociais do indivíduo com o meio externo. Entende que o homem não só é um produto do seu contexto social, mas é também um agente ativo na criação deste contexto. (REGO, 2000, p.49).

Por mais que as escolas utilizem tablets, computadores e outros recursos em sala a educação por si não mudou, visto que os recursos são utilizados em hora determinada, ou seja, a tecnologia não é utilizada de maneira correta, como deveria ser.

Normalmente, elas não são correlacionadas aos conteúdos dados em sala de aula, ministradas por professor específico, hora e local pré-determinados para utilização dos recursos. Para que essa concepção mude as tecnologias digitais devem ser inseridas no material pedagógico da escola, associadas ao conteúdo dado em sala de aula, assim como um livro, um jogo pedagógico, permitindo assim o desenvolvimento do aluno no âmbito pedagógico.

Vale ressaltar, para que haja a inserção das tecnologias digitais na educação infantil, se faz necessário o conhecimento ser aprimorado dos professores, uma vez que estes possuem referências de uma década passada e a tendência é que repitam a forma como foram educados, de maneira tradicional.

## **O PROFESSOR E AS TECNOLOGIAS**

O papel do professor é muito importante ao utilizar as tecnologias digitais, uma vez que é de responsabilidade dele motivar e manter a atenção do aluno no conteúdo discutido e pesquisado.

Desde muito cedo nas vidas das crianças a tecnologia está presente, seja com o uso do celular ou tablets, com muita facilidade, porém não é a mesma situação do professor. Dessa forma é preciso ter consciência do seu uso, para auxiliar o aluno com dificuldade, para que assim aprenda a utilizar esta ferramenta a seu favor, de forma didática.

Prender a atenção dos alunos para aprendizagem

se tornou uma tarefa difícil para o professor. A forma como se porta diante dos alunos e das tecnologias deve ser respeitada, com limites, cabe aos alunos se concentrar no conteúdo aplicado e aprender a realizar suas tarefas de forma correta, agregando conhecimento e buscando ampliar suas habilidades quanto ao uso da tecnologia.

O grande desafio dos professores é seguir o princípio que privilegia o aprendizado interdisciplinar e integrador para construção de conhecimentos.

A escola precisa intensificar a aprendizagem, deixando de ser apenas transmissora de informação, pois o objetivo não é somente transmitir conteúdos e sim ensinar a forma de buscar informações, através de pesquisas, desenvolvimento de projetos e conteúdos específicos.

A educação sofre com a falta de recursos tecnológicos atualizados, a escola conta com parcerias entre professores, pais e empresas cujo objetivo é equipar as escolas tecnologicamente adquirindo equipamentos.

Vale lembrar que o professor tem o dever de ensinar de forma a motivar seus alunos, inspirar contribuindo assim para a aprendizagem de forma significativa.

O professor explorará diversos meios tecnológicos através do computador, aprimorando assim seu conhecimento para facilitar o processo de aprendizagem do aluno e desenvolvimento intelectual.

Através do computador o professor tem em sua disposição uma série de ferramentas que podem ser utilizadas para enriquecer sua ação pedagógica. Desse modo se faz necessário a escola se reinventar para sobreviver como instituição educacional, para que assim a prática de fato ocorra, que o uso das tecnologias digitais da informação possam ser inseridas e sistematizadas na prática pedagógica.

### **IGUALDADE DE OPORTUNIDADE: AS ESCOLAS NO BRASIL E NO MUNDO**

É inviável comparar a desigualdade em relação às escolas brasileira e as do mundo todo, mas podemos citar alguns exemplos de países desenvolvidos, como França, Estados Unidos e o Canadá, cujas escolas de ensino fundamental são de ótima qualidade e gratuitas.

Trata-se de uma questão de escolha e não de necessidade a busca de bases particulares, visto que são poucas, pois geralmente são buscadas por pais que optam por um método de ensino específico.

Nota-se que o problema é da falta de infraestrutura, visto que, os prédios são precários e sem muitos vislumbres de investimentos em tecnologia.

O ensino se tornou desinteressante visto que, dificulta o aprendizado e contribui ainda mais para a desigualdade, além de todo o cansaço e o desestímulo do professor frente a tantas dificuldades, constitui assim um cenário desolador.

Mesmo este cenário sendo tão desigual, não pode desanimar, ainda há solução. O que falta é vontade política e principalmente investimento no ensino.

### **O IMPACTO DO USO DA TECNOLOGIA NO MEIO AMBIENTE - UMA PROPOSTA EDUCACIONAL PARA O DESCARTE ADEQUADO E A PROPOSTA EDUCACIONAL**

A tecnologia tem sido consumida cada vez mais, e ela está em todas as áreas da educação, e porque não falar em meio ambiente também? Percebe-se que a sociedade embora consuma tecnologia no seu dia a dia não sabe como descartar quando estas não mais estão em uso. Percebe-se ao analisar que existe uma falta de conhecimento sobre como o descarte deve acontecer e como este descarte impacta na vida da sociedade.

Mesmo que ocorram campanhas para o uso de lixeiras seletivas as pessoas não percebem o quanto este tipo de ação pode influenciar no meio ambiente.

Propostas educacionais sobre a coleta seletiva precisam ultrapassar os muros de ambientes escolares e chegar a ambiente de convívio da sociedade. Através desta proposta estaremos criando uma cultura de forma consciente e fazendo com que o meio ambiente tenha maior preservação.

Educação ambiental são os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

A preocupação com saneamento, ao longo da história, esteve quase sempre relacionada à transmissão de doenças. Entretanto, o crescimento acelerado da população mundial e do parque industrial, o consumo excessivo, o conseqüente aumento na produção de resíduos e o descarte irresponsável desses resíduos no meio ambiente têm levado a uma preocupação mais abrangente: a escassez dos recursos naturais. Vale lembrar que o conceito de desenvolvimento sustentável está intimamente ligado a capacidade de atender às necessidades das sociedades atuais sem comprometer as futuras gerações. Os princípios sugerem que é preciso desenvolver uma economia que privilegie o crescimento econômico, alterando a qualidade desse crescimento para torná-lo mais equitativo e menos intensivo no uso de matérias-primas e energia, destacando o papel dos avanços científicos, tecnológicos e inovadores.

Dentro de uma unidade escolar para trabalhar qualquer tema usando as tecnologias, o gestor deve estar preparado para apoiar e incentivar todos, valorizando o seu desempenho, e buscar tirar o máximo de sua equipe, sendo assim, o gestor agrega a função de coordenar toda a ação pedagógica dentro da instituição.

Um ótimo gestor sabe ir além, busca manter-se atualizado com o intuito de estar preparado para enfrentar novos desafios, com isso a importância de realizar pesquisas, avaliar e encarar os desafios que possam surgir de forma mais segura. Ao analisar os riscos, buscando eliminar os erros que por ventura possam acontecer.

Uma nova forma de compreender o processo de comunicação dentro das instituições ou qualquer organização é a humanização no ambiente de trabalho.

Segundo Sousa (2011, p. 67), a humanização das organizações é uma tendência cada vez mais importante e presentes em gestões com visão de futuro alinhadas, as necessidades do mercado. A comunicação é uma das melhores formas de humanizar uma organização, visto que conecta pessoas a um objetivo único.

Antigamente o trabalho era voltado somente para produtividade e para o colaborador a única forma de motivação para trabalhar era o salário, agora pensando em questões humanistas as instituições, empresas,

organizações estão voltadas a trabalhar novos temas para motivação dos seus colaboradores, com a finalidade de amenizar novas mudanças que possam surgir e trazer maiores rendimentos em relação às atividades a serem desenvolvidas no ambiente de trabalho.

Para que isso possa ocorrer é necessário adotar práticas de comunicações efetivas e integradas, apostar em ações de comunicação interna e de responsabilidade e relacionamento social e ambiental, excelentes ações que pode fazer com que as organizações mostrem os seus esforços tanto com seus colaboradores, quanto para a sociedade.

A comunicação dentro de qualquer instituição é de extrema importância para que todas as atividades ocorram de forma a obter benefícios com o uso da tecnologia. A humanização pode ter início com a convivência entre os colegas de trabalho, afinal a maior parte do tempo de um funcionário é dentro de uma instituição. Como conviver com as pessoas em seu ambiente de atividades? Existem práticas que podem ser utilizadas no dia-a-dia que surtem ótimos efeitos são elas: ser gentil com os colegas, evitar conflitos, saber escutar, dar sugestões, incentivar as pessoas ao seu redor dentre outros. Algumas instituições ao admitir novos colaboradores fazem treinamentos e já discutem a humanização entre as pessoas.

As instituições podem por meio de reuniões tratarem com seus colaboradores sobre possíveis problemas que possam estar atrapalhando a rotina em suas atividades, o ouvir é de extrema importância, em casos podem ocorrer novas ideias e uma solução que venha a contribuir a instituição e a todos envolvidos nela.

O colaborador pode interagir não somente nos momentos de mudanças, inovações, mas em todas as circunstâncias ele poderá manifestar suas opiniões o gestor deve atuar neste momento como um ouvinte e procurar colher de forma positiva, seus comentários quem sabe em um futuro prospero poderá obter recompensas com novas ideias.

As instituições devem proporcionar aos funcionários uma integração entre eles, deixa-los cientes que eles podem dar sugestões, ideias sempre são bem vindas. Investir em pessoas é pensar no crescimento da instituição, a equipe bem formada vai além das expectativas.

A realização profissional e pessoal depende de reconhecimento. O colaborador quando é reconhecido recebe um grande estímulo para continuar a evoluir em suas atividades e buscar sempre melhorar naquilo que lhe faz a diferença dele junto com os demais.

É importante tratar também da autoestima do colaborador, a instituição pode retribuir seu reconhecimento com novas atribuições de responsabilidades, planos de desenvolvimento, cursos de aprimoramento, a comunicação engajada com os demais departamentos, planos de carreiras, dessa maneira, o colaborador poderá se motivar com essas oportunidades e buscar mais desafios e aprimoramento de suas competências.

É de extrema importância o colaborador se sentir reconhecido e receber motivação junto as suas qualidades, com isso, ele se sentirá importante dentro do processo, e terá essa necessidade atendida. Ficará empenhado em receber novos conhecimentos, agregar as suas funções buscando sempre seu crescimento e reconhecimento profissional.

Manter uma comunicação aberta e clara, apresentar os objetivos da instituição, também são tópicos que contribuem para o bom andamento dos processos.

A busca por melhores resultados e os desafios do mundo dentro das instituições vive em constantes mudanças, humanizar as relações é atuar nesta aproximação, aproveitando-se da tecnologia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como já nos referimos, o uso das tecnologias se faz necessário, pois contribui de forma significativa na educação dos alunos das séries iniciais do ensino fundamental I, além de ampliar o leque de conhecimento, tornando assim uma sala de aula mais divertida e interessante, e isso ficou mais evidente agora no ano de 2020 com a chegada da pandemia.

A sociedade e a educação encontram-se em constante processo evolutivo e de adaptação com os avanços tecnológicos. Os meios de comunicação passaram a utilizar a informação de maneira virtual e, a partir disso, impuseram, de certa maneira, que os indivíduos também se adequassem para utilizar as novas ferramentas e recursos disponíveis.

A escola pública, no Brasil, enfrenta dificuldades em relação a inclusão digital, por falta de incentivo dos governantes, muitas escolas possuem estrutura precárias, diferentemente do cenário privado.

A falta de estrutura e suporte técnico deixa muito a desejar. Em uma escola sem estrutura alguma, fica difícil construir planos de aulas que possam levar as novas tecnologias e a novas formas de educação até os alunos. Ainda falta investir muito na educação e qualificar não somente o espaço físico, mas também o professor. Um professor qualificado consegue incorporar suas aulas novos conceitos e novas técnicas.

## **REFERÊNCIAS**

ALBA; HERNANDEZ. Tecnologias para transformar a educação. Artmed, 2006.

ALMEIDA; PRADO. Um retrato da informática em educação no Brasil. Proinfo, 1999.

BETTS. Novos paradigmas para a educação. Revista do Cogeime, v.13, 1998.

BORGES NETO, H E DE. Informática e formação de professores. Brasília : ministério da educação, 1999.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo, Brasiliense, 2007.

FRIGOTTO, Gaudêncio . Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século, 1998.

KENSKI. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. Papirus, 2012.

MACHADO; SáFILHO. O computador como agente transformador da educação e o papel do objeto de aprendizagem. Abed, 2004.

MONTESORI (1965), Maria. A criança–(tradução de LuizHorácio da Mata). São Paulo : Nórdica, s.d.

\_\_\_\_\_. *Mente Absorvente*–(tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho). Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1949.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia científica: a descoberta da nova criança* –(tradução de Aury Azélio Bru-

netti). São Paulo: Flamboyant, 1965.

MORIN, Edgar. -Os sete saberes necessários à educação do futuro / Edgar Morin ; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

NETO, Antonio- JÚNIOR, Arlindo Philippi. Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação. 1 Edição – Digital. 2011.

OLIVEIRA, Glória Aparecida Pereira. A concepção de egressos de um curso de Pedagogia acerca da contribuição do trabalho de conclusão de curso. 2003. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2003.

PRENSKY. Digital natives digital immigrants. NCB University Press, v.9, n.5, october, 2001.

PESTALOZZI, J.(1988) – Cartas sobre Educación Infantil ( 1969) – (Traducción de José M. Q. Cabanas) – Madrid: Editorial Tecnos.

ROSSEAU, Jean Jacques, Discurso sobre educação – Ridendo Castigat Mores. 2001.

REGO. Apresentando um pouco do que sejam ambiências e suas relações com a geografia e a educação. UFRGS, 2000.

REGO. Geração de ambiências: três conceitos articuladores. UFRGS, 2006.

SOUSA; MOITA; CARVALHO. Tecnologias digitais na educação. EDUEPB, 2011.



# PROGRAMAÇÃO LINEAR NO ENSINO MÉDIO, RESOLUÇÃO POR CONSTRUÇÃO GEOMÉTRICA

**Wânia Balabenute de Oliveira**

Graduação em Licenciatura em Matemática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Guarulhos (2012); Professor de Ensino Fundamental II e Médio – Matemática na E.E Estela Borges Morato / EMEF Artur Neiva



## RESUMO

Neste artigo faremos uma análise, na perspectiva do ensino-aprendizagem, de um método de resolução para problemas de Programação Linear, nos restringindo a modelos com duas variáveis. A resolução será apresentada por meio de construção geométrica.

Palavras-chave: Programação Linear; Metodologias de Resolução

## ABSTRACT

In this article we will make an analysis, in learning-teaching perspective, of a method to solve problems in Linear Programming, restricting ourselves to models with two variables. The resolution will be introduced by geometric construction.

Keywords: Linear Programming; Resolution Methodologies.

## INTRODUÇÃO

A Programação Linear trata de uma categoria específica de problemas de otimização, cuja função, assim como as restrições do problema (inequações ou equações), admite um modelo por meio de relações lineares.

Desde os primeiros problemas de Programação Linear - na década de quarenta - observa-se que estes, em geral, estão ligados a situações contextualizadas, o que também ocorre atualmente. Muitos problemas práticos da Pesquisa Operacional, Economia, Engenharia e Logística podem ser resolvidos por meio desta técnica.

O fato de que alguns problemas da Programação Linear são extraídos de situações cotidianas, pode proporcionar uma forma de aliar experiências habituais aos conteúdos que são abordados ao longo do ensino de forma a torná-los relacionados e conexos, havendo a possibilidade de um estudo interdisciplinar e motivador desses conteúdos.

A Programação Linear constitui uma classe importante e ampla de problemas, para a qual ainda hoje é realizada pesquisa teórica e estudo sobre técnicas algorítmicas. A discussão sobre os programas computacionais que devem ser utilizados no ensino da Programação Linear é de grande importância, pois parte da dificuldade do aprendizado reside na construção das técnicas de modelagem do problema original.

Um dos objetivos deste artigo é uma abordagem de ensino-aprendizagem, dentro do ponto de vista da Modelagem Matemática; tal abordagem se desenvolve a partir de problemas que podem ser propostos para indivíduos que tenham conhecimento dos conteúdos dos últimos anos do Ensino Médio.

## 1. PROGRAMAÇÃO LINEAR - APRESENTAÇÃO

A Programação Linear trata de problemas ou modelos que buscam maximizar ou minimizar uma função, procurando-se determinar os valores para as variáveis otimizem a chamada “função objetivo”; porém essas variáveis devem atender as restrições impostas no problema. Conforme citação de Yoshida:

A Programação Linear é uma técnica de otimização, utilizada na resolução de problemas com

restrições, ou seja, visa maximizar ou minimizar uma função de variáveis sujeitas a certas restrições, onde as restrições são representadas por expressões lineares. Por ser linear é possível obter a resolução por meio de métodos numéricos ou até por construção geométrica, sendo que a resolução geométrica só será possível quando o problema possuir duas ou três variáveis. (YOSHIDA, 1987, p.1)

Como um exemplo introdutório e motivador, vamos expor o problema apresentado por Yoshida (1987, p. 2) no qual um jovem pretende prestar um concurso público, cujo exame envolve duas disciplinas, D1 e D2, sendo que, para cada hora de estudo, o jovem sabe que pode obter 2 pontos na nota da disciplina D1 e 3 pontos na D2. Ele dispõe de, no máximo, 50 horas para os estudos até o dia do exame. Para ser aprovado, deverá obter, na disciplina D1, no mínimo 20 pontos; na D2, no mínimo 30, e o total de pontos deverá ser de pelo menos 70. Como, além de aprovação, o jovem gostaria de alcançar a melhor classificação possível, qual seria a melhor forma de distribuir as horas disponíveis para o seu estudo?

No problema acima apresentado, o objetivo é determinar o número de horas que o jovem deverá se dedicar ao estudo de cada uma das disciplinas, de forma que obtenha a maior pontuação possível no concurso, porém respeitando as restrições do problema.

O número de horas para o estudo de cada uma das disciplinas representa as variáveis. Ressalta-se que temos restrições referentes à quantidade mínima de estudo para cada disciplina, além do tempo máximo disponível para o estudo e da pontuação mínima a ser alcançada em cada uma das disciplinas. O modelo acima apresentado pertence a uma classe de problemas denominada Programação Linear.

A Programação Linear é uma área recente da Matemática Aplicada, integrada à Pesquisa Operacional - ramo da Matemática e Economia voltado a problemas que envolvem otimização, alocação de recursos, condução e coordenação de operações em uma organização (HILLIER, 2010, p.2).

Problemas de Programação Linear foram observados inicialmente em 1936 por Wassily Leontieff. Na década de quarenta, o chamado “Problema da Dieta” foi

levado aos Estados Unidos e solucionado em 1945 por George Stigler. Esse problema consistia em determinar a alimentação mais econômica, porém mantendo as quantidades necessárias de nutrientes importantes ao organismo humano.

A Programação Linear se consolidou em 1947 com George Dantzig, com o desenvolvimento do Método Simplex - método algébrico para resolução deste tipo de problemas - para solucionar alguns problemas militares da Força Aérea Americana.

## 2. MÉTODO GEOMÉTRICO

O processo gráfico ou geométrico é um dos métodos de resolução de problemas de Programação Linear, porém este é limitado, sendo eficiente para problemas com duas variáveis e, em alguns casos, para problemas com três variáveis. Para problemas com mais de três variáveis, em geral, a resolução deverá ser proposta por outros métodos.

De acordo com os objetivos deste artigo, ficaremos restritos a problemas com duas variáveis, que serão resolvidos utilizando ferramentas compatíveis com os conteúdos desenvolvidos no Ensino Médio. Igualmente ao problema já apresentado, o exemplo proposto terá apenas duas variáveis, para assim se possível, resolvê-los por este método de resolução.

## 3. RESOLUÇÃO: MÉTODO GEOMÉTRICO

### Exemplo 1

Considere a situação em que uma doceira faz dois tipos de produtos apenas, bolo e bolacha, sendo que para a fabricação desses doces serão necessários os seguintes ingredientes: fermento, manteiga, ovos e farinha. Semanalmente estão disponíveis no estoque, respectivamente, 16, 12, 20 e 24 unidades desses ingredientes.

Para produzir cada quilo de bolo será utilizada uma unidade de fermento, duas unidades de ovos e quatro unidades de farinha. O quilo de bolo será vendido por R\$ 20,00.

Na produção de um quilo de bolacha serão utilizadas quatro unidades de manteiga, cinco unidades de ovos e duas unidades de farinha. O quilo de bolacha será vendido a R\$ 15,00.

Nosso problema é determinar a quantidade de cada produto a ser fabricado, bolo e/ou bolacha, de maneira que o lucro semanal seja o máximo possível, de modo que as restrições sejam respeitadas. Também deve ser levado em consideração que tudo o que for produzido será vendido, não havendo estoque do que for produzido e, ainda, que quantidades negativas dos produtos não têm significado para o problema.

No problema acima apresentado, as variáveis de interesse a serem determinadas são as quantidades de bolo e de bolacha a serem fabricadas; o lucro pode ser encarado como uma variável secundária, sob o ponto de vista matemático na resolução do problema. As restrições referentes às quantidades de ingredientes disponíveis para a produção desses produtos serão expressas por desigualdades. O problema da doceira acima apresentado é um problema típico da Programação Linear.

Para representar mais facilmente esse exemplo por meio de expressões lineares, observa-se primeiramente a tabela a seguir que fornece os dados do exemplo acima citado:

<b>Matéria Prima</b>	<b>Bolo</b>	<b>Bolacha</b>	<b>Estoque</b>
<b>Fermento</b>	1	0	16
<b>Manteiga</b>	0	4	12
<b>Ovos</b>	2	5	20
<b>Farinha</b>	4	2	24
<b>Preço (R\$/kg)</b>	20	15	

Se considerarmos  $z$  como a variável que representa o lucro semanal,  $x_1$  a quantidade a ser produzida de bolo em quilo e  $x_2$  a quantidade a ser produzida de bolacha, em quilo, a função  $z = 20x_1 + 15x_2$  representa a receita bruta a ser maximizada, pois a quantidade produzida de cada um dos produtos é igual à quantidade a ser vendida e a receita bruta é proporcional à quantidade vendida.

Com relação aos ingredientes necessários para a fabricação desses dois produtos, sabemos que as matérias-primas utilizadas são proporcionais às quantidades produzidas. Assim, cada uma das restrições impostas pode ser representada por meio das seguintes desigualdades:

- Para o fermento, temos  $x_1 \leq 16$ ;
- Para a manteiga,  $4x_2 \leq 12$ ;

- Para os ovos,  $2x_1 + 5x_2 \leq 20$ ;
- Para a farinha,  $4x_1 + 2x_2 \leq 24$ ;

Como quantidades negativas não serão consideradas, devem ser incluídas as seguintes condições  $x_1 \geq 0$  e  $x_2 \geq 0$ .

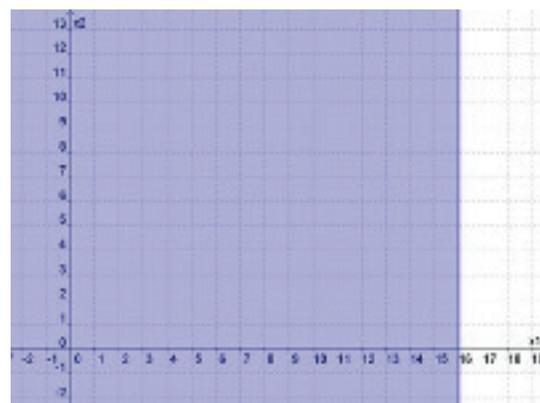
Temos por objetivo encontrar, se existir, os valores para os quais as variáveis  $x_1$  e  $x_2$  ofereçam o maior valor de  $z$  possível, respeitando todas as restrições.

Assim, o problema pode ser representado pelo seguinte modelo:

$$\begin{aligned} &\text{Maximizar } z = 20x_1 + 15x_2 \\ &\text{Sujeito a } \quad x_1 \leq 16 \\ &\quad \quad \quad 4x_2 \leq 12 \\ &\quad \quad \quad 2x_1 + 5x_2 \leq 20 \\ &\quad \quad \quad 4x_1 + 2x_2 \leq 24 \\ &\quad \quad \quad x_1 \geq 0; x_2 \geq 0 \end{aligned}$$

Para resolver o exemplo acima, analisaremos inicialmente o gráfico de cada uma das restrições. Em seguida, faremos a intersecção desses gráficos, para verificar se existe região no plano que satisfaça todas as restrições. Caso se verifique a região que contemple as restrições, a solução pertence a esta intersecção.

- Para a 1ª restrição  $x_1 \leq 16$ , devemos analisar na igualdade  $x_1 = 16$  e posteriormente verificar qual região do plano atende a condição  $x_1 \leq 16$ , e esta apresentamos no gráfico abaixo:



Todos os pontos pertencentes à região com hachura satisfazem a restrição, inclusive a reta  $x_1 = 16$ .

Para verificar, escolhemos dois pontos aleatórios, um ponto que pertence à área em destaque e um ponto que não pertence. Verificamos se eles satisfazem a res-

trição. Por exemplo, vamos verificar se o ponto (0,0) atende à restrição.

No ponto  $x_1 = 0$  e  $x_2 = 0$ , substituindo os valores na inequação, temos  $0 \leq 16$ . Sendo a frase verdadeira, o ponto atende à restrição.

Para o ponto (17,0), se substituirmos os valores na inequação, teremos  $17 \leq 16$ . Sendo a frase falsa, concluímos que este ponto não atende à restrição.

Analogamente para as demais restrições.

- Uma observação referente as duas últimas restrições,  $x_1 \geq 0$  e  $x_2 \geq 0$

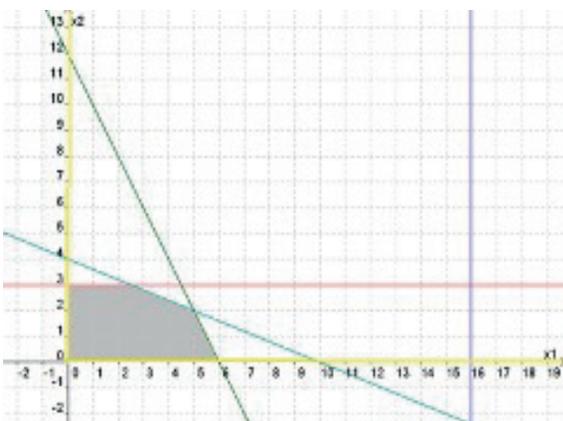
Para  $x_1 \geq 0$ , temos a região que compreende o 1º e 4º quadrante:

Para  $x_2 \geq 0$ , temos a região pertencente ao 1º e 2º quadrante:

Assim, a região que satisfaz as duas últimas restrições será o 1º quadrante.

Essas duas últimas restrições são comuns a alguns problemas de Programação Linear, pois de fato em problemas cotidianos, em geral, os valores negativos não têm significado para a solução do modelo. Se a solução pudesse assumir qualquer valor, por exemplo,  $x_1 = -7$ , assim teríamos -7 quilos de bolo, o que não é aceitável. Logo a possível solução está localizada no 1º quadrante, ou seja,  $x_1$  e  $x_2$  não podem assumir valores negativos.

- Fazendo a intersecção dos gráficos das restrições, temos:



Considerando as desigualdades, temos que a região que satisfaz todas as restrições é a em destaque (cinza).

Sabemos que, se houver solução, ela pertence à intersecção das restrições. Neste caso, a região cinza do gráfico, que é um conjunto convexo, é chamada, segundo Yoshida (1987, p. 9), de região viável ou conjunto de pontos viáveis.

Nosso problema agora é verificar se existe um ponto  $(x_1, x_2)$  que pertence ao conjunto de pontos viáveis, de tal forma que a função  $f(x_1, x_2) = 20x_1 + 15x_2$  assumam o maior valor possível.

Para determinar a solução, vamos estabelecer alguns valores  $k$  para a nossa função e verificar em que sentido esta assume maior valor, pois assim saberemos em que direção se encontra a solução, pois nosso objetivo é maximizar a função.

Para a função objetivo  $f(x_1, x_2) = 20x_1 + 15x_2$  atribuiremos os seguintes valores:

Se  $k = 15$ , temos  $20x_1 + 15x_2 = 15$  se isolarmos  $x_2$ , teremos  $x_2 = \frac{15 - 20}{15} x_1$

Para  $k = 30$ , temos  $20x_1 + 15x_2 = 30$ , teremos  $x_2 = \frac{30 - 20}{15} x_1$

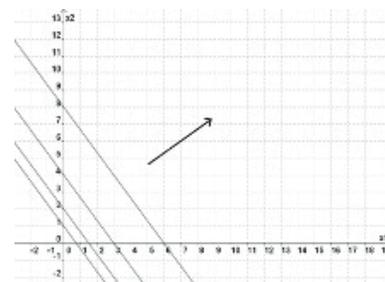
Tome  $k = 60$ , temos  $20x_1 + 15x_2 = 60$ , teremos  $x_2 = \frac{60 - 20}{15} x_1$

E se  $k = 120$ , temos  $20x_1 + 15x_2 = 120$ , teremos  $x_2 = \frac{120 - 20}{15} x_1$

Observe que o coeficiente angular permanece o mesmo sempre  $-\frac{20}{15}$ , independente do valor que igualarmos a função, somente o coeficiente linear é alterado, logo é fácil perceber que as curvas são retas paralelas e que a função assume valor maior em um determinado sentido.

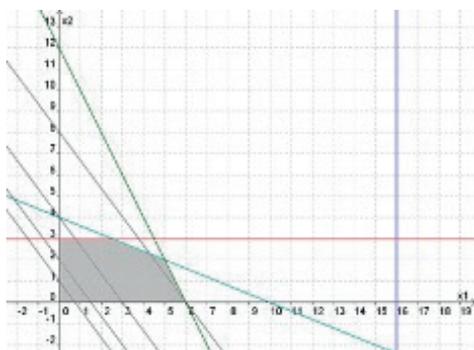
Generalizando, temos a função objetivo  $z = c_1x_1 + c_2x_2$  e as curvas que indicam o sentido em que  $z$  assume maior valor serão  $x_2 = \frac{z}{c_2} - \frac{c_1}{c_2} x_1$

O gráfico dessas retas paralelas será:

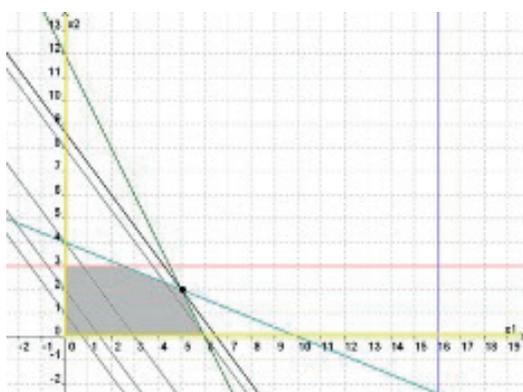


Observe que a função cresce no sentido indicado pela seta.

- No gráfico abaixo, apresentamos a intersecção do gráfico das restrições e das retas que indicam o sentido em que z assume maior valor:



- Finalmente podemos determinar uma solução para o problema, se existir:



As coordenadas do ponto ótimo são obtidas pelo sistema abaixo, que é formado pela equação das duas retas que, por sua vez, concorrem exatamente no ponto que maximiza a função:

$$\begin{cases} 4x_1 + 2x_2 = 24 \\ 2x_1 + 5x_2 = 0 \end{cases}$$

Concluimos que o ponto (5,2) é a solução do problema e o maior valor que a função pode assumir é 130. Lembrando que  $x_1$  corresponde à quantidade a ser produzida de bolo e  $x_2$  à quantidade a ser produzida de bolacha.

Em resposta ao problema, devem-se produzir 5 kg de bolo e 2 kg de bolacha e a receita bruta máxima será de R\$130,00.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Programação Linear trata de problemas de otimização, procurando-se determinar os valores para os

quais as variáveis otimizarão a função. Porém, essas variáveis devem atender a todas as restrições impostas no problema e esta pode ser utilizada para permitir a aplicação de conteúdos do Ensino Básico.

Para que se possam compreender os métodos usados na Programação Linear é preciso ter como base de estudos, tópicos matemáticos específicos como álgebra linear, sistemas lineares, desigualdades nos espaços  $\mathbb{R}^n$ , e a geometria dos conjuntos convexos em  $\mathbb{R}^n$ . Nosso artigo se restringiu a problemas de Programação Linear no  $\mathbb{R}^2$ , para que fosse possível aplicação do método geométrico.

Na resolução, do modelo de Programação Linear por meio da construção geométrica, percebemos que os pré-requisitos são conteúdos do Ensino Médio como: função, inequação, esboço de gráfico de função, esboço de gráfico de inequação, paralelismo, estudo dos coeficientes da reta, polígonos convexos e sistemas lineares.

Assim, esta forma de resolução possibilita a aplicação destes conteúdos, que muitas vezes aparecem descontextualizados e sem aplicação para os alunos. Esta primeira metodologia de resolução apresentada exige maior disponibilidade de tempo do utilizador do que as demais, porém com esta é possível observar a construção de cada uma das restrições visualmente, bem como a região que atende as restrições, se houver, e verificar se existe solução e, se possível, determiná-la.

Este método respondeu corretamente a todos os problemas que foram testados, inclusive para os que possuem infinitas soluções e para os que não possuem solução.

Além do estudo do método geométrico, existem outros métodos de resolução, como métodos computacionais no Excel, wxMaxima e Scilab.

O método geométrico respondeu corretamente a todas as situações impostas e este requer maior tempo para que a solução seja determinada, talvez justificando o aprendizado de vários conteúdos matemáticos e não requer o aprendizado de além dos vistos no Ensino Básico. Os métodos computacionais também requerem que o utilizador se familiarize com sua interface, aprenda a utilizar seus comandos e, em alguns casos, é necessário conhecimento em programação compu-

tacional. Sendo assim, é aconselhável que os métodos computacionais sejam utilizados para conferência dos dados obtidos por meio do método geométrico.

## REFERÊNCIAS

- COLIN, E. C. Pesquisa operacional: 170 aplicações em estratégias, finanças, logística, marketing, e vendas. [s.ed.] Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- GOLDBARG, M. C; LUNA, H. P. L. Otimização combinatoria e programação linear: modelos e algoritmos. [s.ed.] Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- HADLEY, G. Programação linear. Rio de Janeiro: Guanabara Dois S.A, 1982.
- HILLIER, F. S; LIEBERMAN G. J. Introdução à pesquisa operacional. 8. ed. Porto Alegre: AMGH, 2010.
- KOLMAN, B; HILL, D. R. Introdução à álgebra linear: com aplicações. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- LACHTERMACHER, G. Pesquisa operacional na tomada de decisões: modelagem no Excel. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- LUENBERGER, D. G. Linear and Nonlinear Programming. 2. ed. Massachusetts: Addison-Wesley, 1984.
- MACHADO, H. V. Programação linear. 8. ed. Brasília: IMPA, 1975.
- PAPADIMITRIOU, C.H; STEIGLITZ, K. Combinatorial Optimization - Algorithms and Complexity. [s.ed.] New Jersey: Prentice-Hall Inc,1982.
- PRADO, D. S. Programação linear. [s.ed.] Belo Horizonte: Editora de Desenvolvimento Gerencial, 1999.
- PUCCINI, A. L. Introdução à Programação Linear. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos S.A., 1980.
- QUEIROZ, M. Notas de aula do curso Programação Linear do IME-USP, disponível em <<http://paca.ime.usp.br/course/view.php?id=400>>  
Acesso em: 26 fev. 2012.
- RAGSDALE, C. T. Spreadsheet Modeling and Decision Analysis. 3. ed. Ohio: South-Western College Publishing, 2001.
- RANGEL, S. Introdução à Construção de Modelos de Otimização Linear e Inteira. Notas em Matemática Aplicada vol. 18. SBMAC, 2003. Disponível em <<http://www.sbmac.org.br/notas.php>>  
Acesso em: 26 fev. 2012.
- YOSHIDA, L. K.; Programação Linear. 2. ed. São Paulo: Atual, 1987.
- WINSTON, W. L. Operations Research- Applications and Algorithms. 3. ed. California: Duxbury Press, 1994.



# SIMPLESMENTE... CONTOS DE FADAS

**Isabel Aparecida Moura**

Graduação em Educação Física pela Faculdade Integradas de Guarulhos – FIG - (1995); Especialista em Contos de Fada pela Faculdade Educamais - UNIMAIS - (2019); Professor de Ensino Fundamental II e Médio – Educação Física – na EMEF. Professor Fernando de Azevedo.



## RESUMO

Os Contos de Fadas foram criados com a intenção de replicar e dar um sentido à vida do ser humano, eram narrativas que auxiliavam ao leitor e o ouvinte a se depararem com situações vividas no seu cotidiano. Deve – se reconhecer que para a criança o contato com essas narrativas traz significados tão importantes que levam a melhoria do aspecto físico e mental. Para a criança os problemas da idade como o medo, a afecção, o abandono, são vistos nessas estórias, mas as soluções descobertas levam a um final feliz, podendo ajudar na formação de uma relação amistosa com todos os envolvidos ao seu redor. Portanto, esse artigo vem trazer um estudo a respeito da importância dos Contos de Fadas na vida de todo ser humano, tanto moral como no crescimento e desenvolvimento intelectual, levando – o a viver em harmonia na sociedade que está inserido.

Palavras chaves: Contos de Fadas; crianças; ser humano; final feliz.

## ABSTRACT

The Fairy Tales were created with the intention of replicating and giving a meaning to the life of the human being, they were narratives that helped the reader and the listener to face situations experienced in their daily lives. It must be recognized that for the child, contact with these narratives has meanings so important that they lead to an improvement in the physical and mental aspects. For the child, age problems such as fear, affection, abandonment are seen in these stories, but the solutions discovered lead to a happy ending, which can help in the formation of a friendly relationship with

everyone involved around them. Therefore, this article brings a study about the importance of Fairy Tales in the life of every human being, both moral and in intellectual growth and development, leading him to live in harmony in the society that is inserted.

Key words: Fairy Tales; children; human being; happy ending.

## INTRODUÇÃO

Ao falar de literatura infantil, como forma de lazer, brincadeira e recreação, falo de um dos elementos culturais mais importantes na vida de uma criança, pois o seu apoio é enriquecedor para desenvolver a afetividade, a sensibilidade, a criatividade e a espontaneidade, junto com a parte motivacional que gerará por conseguinte o favorecimento ao equilíbrio físico e psicológico.

O Conto de fadas tem se mostrado como uma narrativa cheia de maravilhas e fantasias que leva o pequeno ouvinte e leitor a um mundo onde real e mágico se misturam entre si, dando a sensação de algo extremo e fora do comum. Onde a imaginação toma conta e tudo pode acontecer.

Eram contos que faziam parte das crenças populares da cultura medieval Europeia. Sendo essas narrativas cheias de seres imaginários, místicos e possuidores de poderes sobrenaturais que usavam tanto para fazer o bem no caso das Fadas ou para fazer o mal que era o papel das Bruxas.

Na Era Clássica, os contos, que tinham um profundo sentido humano, foram perdendo seu verdadeiro sig-

nificado e, como simples “envoltório” colorido e estranho, transformou-se nos contos maravilhosos infantis (COELHO, 1987 p.15).

E mesmo tendo surgido a vários anos atrás os contos de fadas ainda encantam muitas crianças, manifestando nelas grande interesse por ouvi – los. Por ter uma linguagem de fácil entendimento pode leva – las a um mundo repleto de fantasias, de questionamentos e desenvolver no seu interior a vontade de solucionar muitos problemas que ela vivência ou vê, alguém querido vivenciar.

Esse artigo procura apresentar, sobre diversos pontos de vista a importância do trabalho que pode ser realizado com o tópico – Simplesmente... Contos de Fadas.

## **1 – UMA BREVE HISTÓRIA.**

Os Contos de Fadas relatam confusões e conflitos que pertencem ao convívio de todo ser humano e esses podem permanecer por gerações, mas é na criança que tais sensações vão se aflorar de maneira mais espontânea, como a insegurança, a rivalidade, o medo, a inferioridade, a aflição e a angústia, como também o amor e a afetividade. Para a criança é importante saber que a vida lhe trará muitas alegrias, porém trará a ela também dificuldades, dores, lutas, decepções. Por isso, ao participar deste misto de emoções vividos pelos personagens do conto, ela pode dividir seus mais secretos sentimentos com eles e buscar uma resposta para a solução de seu problema.

Para BETTELHEIM, (1980, p.173) – “A única forma de nos tornarmos nós mesmos é através de nossas próprias realizações.”

É difícil, ouvir críticas a respeito das narrativas fabulosas do Conto de Fadas, pois suas histórias são excitantes, emocionantes e sempre cheias de mistérios. Neste sentido não consegue – se obter sua compreensão apenas de forma intelectual, o imaginário, a percepção intuitiva, ou seja, a fantasia pode e deve ser usada livremente. E isso não é somente crer em heróis e seus combates, lutas e vitórias é no fascínio que as histórias nos revelam.

Sabemos que esses feitos não são verdadeiros, mas, são verdades particulares, pessoais que são narradas

em linguagem simples não exigindo a racionalidade, mas também não deixando de fazer parte do sentimento interiorizado dentro de cada um. E são essas repercussões que afloram a magnitude dos eternos Contos de Fadas.

Dentro das suas representações e divididos entre o bem e o mal cujos personagens são evidenciados por fadas, bruxas, príncipes e princesas, vilões, monstros e muitos mais. As narrativas dos Contos de Fadas seduzem crianças e porque não dizer e adultos, desde o princípio que foram criadas, nos tempos Medievais. Seu desempenho enquanto divertimento e distração vão muito além do que imaginamos, pois são carregadas de sentimentos, costumes e valores que conduzem o seu leitor e ouvinte a organizar suas ideias e se preparar para viver situações difíceis, angustiantes como também as mais fabulosas.

Sendo assim pode – se dizer que através dos contos infantis a criança se torna capaz de aperfeiçoar e expandir os sentimentos, sensações e emoções, com isso perceber e compreender a melhor forma de lidar com essas situações. Ao ser oferecida essas narrativas às crianças elas podem desenvolver sua sensibilidade. E não se pode esquecer que a fantasia torna – se de fundamental importância para o desenvolvimento emocional de todo indivíduo, principalmente da criança.

Os Contos de Fadas fazem com que as crianças criem uma harmonia com as histórias dos personagens que as levam a se identificarem com os seus conflitos e alegrias, são essas histórias que farão com que adentrem em um universo de faz – de – contos e liberem sua criatividade e as mais variadas emoções.

Segundo BETTELHEIM, (1980, p. 19):

Só partindo para o mundo é que o herói dos contos de fada (a criança) pode se encontrar; e fazendo-o, encontrará também o outro com quem será capaz de viver feliz para sempre; isto é, sem nunca mais ter de experimentar a ansiedade de separação. O conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança – em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente – a ao abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente.

Os Contos de Fadas auxiliam as crianças a vivenciarem com mais naturalidade os desafios e estimulam a buscarem um sentido na vida. Os problemas e anseios, os conflitos da idade como o medo, a afeição, aceitação, abandono, são vistos nessas estórias em personagens e lugares que podem não serem conhecidos, mas para elas muito reais. Comumente as soluções descobertas na estória levam a um final feliz, podendo contribuir na formação de uma relação amistosa com todos os envolvidos ao seu redor.

Sendo assim, a razão, de os contos de fadas permanecerem até os dias atuais mesmo tendo sido reelaborado, é porque nos tocam de determinada forma e que provavelmente algo foi preservado de seu arranjo inicial. Caso contrário, teriam perdido a força, o encanto e cairiam no esquecimento. (CORSO & CORSO, 2006, p 28).

É na infância que o tempo não tem muita importância, podendo em certas ocasiões até parar, ou então pode passar tão depressa que parece voar, neste período se torna momento de descoberta, de começar a entender que podemos ser pessoas iguais as outras e ao mesmo tempo diferentes as que convivemos no dia a dia. É brincar, é correr, é viver sonhos possíveis e impossíveis, é poder tocar e abraçar, é aprender, é amar. E os Contos de Fadas são bem-vindos, para ensinar e colaborar com essa fase.

## **2 – OS CONTOS E SUAS CARACTERÍSTICAS.**

Com a infância valorizada, ao passar dos anos os Contos de fadas foram se modernizando para atender à necessidade e ampliação do imaginário da criança, com isso as estórias passaram a serem cercadas de culturas populares da época. Tendo sua origem europeia em meados do século XVII seus personagens eram aqueles que travavam grandes lutas e desafiavam seus inimigos com a intenção de guerrearem e conquistarem a vitória contra o mal.

Desse modo, pode – se denotar outra característica desse conto, para que haja a vitória, nessa batalha é importante que um herói se faça presente e exerça o papel estratégico e fundamental para ao desenrolar da estória onde a criança está inserida e possa identificar – se com esse personagem heroico.

Na visão de BETTELHEIM, (2008, p.15,16):

Essa é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma variada: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que, se a pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provocações inesperadas e muitas vezes injustas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa. Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas sim o fato de o herói ser extremamente atraente para a criança, que se identifica com ele em todas as suas lutas. Devido a essa identificação, ela imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações inteiramente por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói lhe imprimem moralidade.

Quando a criança consegue visualizar e se identificar com o problema enfrentado por seu herói, essa visão também torna – se uma característica trazida pelo conto de fadas e faz com que ela passe a escolher enfrentar ou apenas se abster da problemática, segundo a experiência vivida no momento que se encontra. Tudo isso dependerá de como estarão seus sentimentos na ocasião, ao confrontar seus mais íntimos problemas e esses forem parecidos com o do herói em questão, para ela a estória se tornará totalmente intrigante, fazendo com que se aproprie da narrativa e se agarre a solução do problema que o herói encontrará para ambas as partes.

Como o livro se apresenta é outra característica que pode ser evidenciada nos contos, que tipo de estória está inserida nele e qual a maneira que o leitor narrará para que, a criança possa navegar nesse mundo de fantasias, pois a imaginação infantil pode ir além das palavras e desenhos desse livro e conceber outro modo de ver o mundo. E mesmo que o leitor queira controlar a maneira que está narrando para a criança, sua imaginação vai criando diversas formas de visão dos fatos, fazendo com que ela se desenvolva e se torne mais segura.

Ver o entusiasmo das crianças, que ouvem as histórias, é uma emoção tão gostosa que vale a pena investir um pouco de tempo e esforço para aprender essa arte. (CARVALHO, 2005, p 88).

As simbologias encontradas nos contos de fadas são fixas e organizadas, com personagens de fácil identificação que facilitam a visualização da criança, para elas reconhece – los torna – se comum, porém o que fará que esse adquira uma boa aceitação entre as crianças será o emprego de situações realistas, conflitos reais que a levará sempre ao final feliz, que ligará sua intenção com a das estórias.

Esses personagens são seres que detêm qualidades e/ou defeitos marcantes que se tornam evidentes mesmo com toda sua simplicidade. São papéis configurados em as avós, os pais, as madrastas, as fadas, as bruxas, os monstros, os reis e rainhas, o povo oprimido em meio as batalhas, trabalhadores explorados e muitos outros.

É no Conto de Fadas que tanto o bem como o mal, tem presença garantida nas suas narrativas e na maioria das vezes, o mal permanece grande tempo vencendo e isso vem de estratégias simbolizadas por poderes, magias, espertezas por parte dos personagens maus como as bruxas e seus feitiços, os gigantes e seus assustadores tamanhos ou até mesmo os dragões por causa de seus voos e por cuspirem fogo, sendo evidenciados por alguns capítulos no lugar do herói.

Os personagens podem se apresentarem por vezes em forma de animais como no caso do lobo mau no conto da Chapeuzinho Vermelho, os três porquinhos no Conto que leva esse nome, também por adquirirem forma de objetos animados como os Espelhos nos Contos de Branca de Neve e a Bela e a Fera. E são eles que simbolizam a bondade e/ou a maldade, o orgulho, a covardia, a modéstia, a beleza e/ou a feiura no universo magico que a criança busca. Geralmente a coragem vence a covardia, a bondade a maldade e o herói vence o vilão.

É BETTENLHEIM (2002, P. 73), que relata:

O herói do conto de fadas tem um corpo que pode executar feitos miraculosos. Identificando-se com ele, qualquer criança pode-se compen-sar – em fantasia e através da identificação – de todas as inadequações, reais ou imaginárias, do seu próprio corpo. Pode fantasiar que ela também, como o herói, pode escalar o céu, derrotar gigantes, mudar sua aparência, tornar-se a pes-

soa mais poderosa ou a mais bonita – em resumo, fazer o seu corpo ser e efetuar tudo o que uma criança possivelmente poderia almejar. (...) O conto de fadas até mesmo projeta esta aceitação da realidade para a criança, porque enquanto ocorrem as transformações extraordinárias no corpo do herói à medida que a estória se desenrola, ele torna-se novamente um mero mortal quando a luta termina.

E por fim, mais uma característica que não se pode deixar de comentar, nos Contos de Fadas os ambientes onde as narrativas das estórias ocorrem são indefinidos, confusos e distantes, não sendo nunca detalhados, tendo seus inícios seguidos das expressões como – Era uma Vez..., ou Em um reino..., ou Num certo dia... definindo por essas frases o espaço e o tempo, dessa maneira serão as imagens e a imaginação de quem lê e quem ouve que entrarão nesse universo fantástico e empolgante trazendo a percepção cronológica do conto narrado.

### **3 – OS CONTOS E O DESENVOLVIMENTO DO SER HUMANO.**

Desde os primórdios que o ser humano busca entender e responder várias perguntas a respeito do que é ser grande, ser bom ou até mesmo por que pessoas boas morrem? Na verdade, essas e várias outras perguntas que não têm respostas prontas podem ser resolvidas por intermédio do Conto de fadas. É na identificação que a criança tem com os personagens do conto que elas conseguem entender que os problemas e conflitos vividos por eles são muitas vezes vividos por elas também, fazendo com que procurem se encaixar no âmbito de organizar seus próprios sentimentos.

Sentimentos tão angustiantes que, se não forem enfrentados e vencidos podem até mesmo atrapalharem sua comunicação e crescimento saudável com aqueles que estão inseridos ao seu redor. Há várias formas importantes de expressões inclusas nos contos e essas fazem com que ele tenha um papel de vital importância no crescimento intelectual da criança ajudando – a desvendar o mundo e ao mesmo tempo se descobrir. É com o auxílio do Conto de Fadas e suas narrativas que ela (criança) consegue se transportar no enredo em questão e ter o melhor entendimento do mundo que vive, esse misto que envolve a imaginação e a realidade a torna capaz de criar e desenvolver imagens em

sua fantasia que jamais teria como fazer – lo por si só.

Segundo ABRAMOVICH, (2001, p.19) em seu relato:

É ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes, é viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez brotar. Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.

Por isso, pode – se dizer sobre o Conto de Fadas que ele além de ocasionar divertimento e distração a criança, também oportuniza a sua compreensão de si própria, ao mesmo tempo que sua personalidade é aperfeiçoada. Sendo que, com esse aperfeiçoamento e desenvolvimento ela passa a resolver problemas, conflitos e dificuldades que traz do mundo real e que são igualmente vivenciados por diversos personagens das histórias.

Os conteúdos, dos Contos reportam histórias vividas por quase todo indivíduo, sendo que nele o personagem (herói) enfrenta muitos conflitos pessoais, deixa sua casa, muitas vezes é abandonado pela família, sofre privações, enfrenta inúmeros perigos e experimenta a maldade, porém saboreia a vitória no final. São esses tipos de experiências que o ser humano um dia terá de enfrentar, pois, sua vida também passará por inúmeras mudanças, começando de criança, chegará a hora de ir à escola, conhecer e fazer novos amigos, ficará longe dos pais, terá que viver emoções e situações que a colocará em meio a riscos e deverá evita – las e contorna – las, enfim terá que percorrer o mundo ao seu redor e se permitir ser conhecida por ele. Entendendo que mesmo que encontre barreiras e lutas, sempre terá um lugar seguro para se aconchegar.

Os personagens dos contos de fadas oferecem a criança uma maneira de exteriorizar aquilo que se passa com ela de uma forma controlável. Mostram à criança como pode materializar os seus desejos destrutivos numa dada personagem, tirar de outra as satisfações que deseja, identificar – se com uma terceira, ligar-se a uma quarta da qual faz seu ideal e assim sucessivamente, segundo as necessidades de momento. Além disso, desacreditando as limitações de tempo e espaço, permite uma representação visível, concreta e simultânea de todas as facetas que constituem o universo da criança (COSTA; BAGANHA, 1989, p.39).

A mudança de postura em relação a visão de mundo que lhe foi apresentado pode ser auxiliada através das histórias vivenciadas nos Contos de Fadas, pode representar um estímulo que lhe fará mais confiante até mesmo para tomar decisões objetivas em meio a conflitos e procurar soluções que sejam possíveis de acontecer.

De acordo com BETTELHEIM, (1980, p.197) – “O conto de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual.”

Dessa maneira, pensar que há histórias que não devam ser contadas para crianças por conterem partes violentas é de certa forma, engana – las mostrando um mundo que não existe, sim torcer para que um dia se possa viver num mundo de igualdade, respeito e segurança é o que todos almejam, mas negar que existe algo além da bondade é tirar da criança sua forma de defesa, é coloca – la como preza da mentira.

Não se deve esconder a realidade e anular nenhuma parte de Contos, histórias e fabulas, pois mesmo que contenham alguma violência ou desafeto, encobrir da criança como maneira de não amedronta – la não fará com que ela deixe de vivenciar o medo, mas fará com que os encantos, os desafios, os conflitos vividos por seus heróis não sejam mais interessantes para ela, perdendo a grandeza da experiência que deveria interiorizar para o seu desenvolvimento.

Salientar que todas as etapas vividas nas histórias dos Contos de Fadas, também fazem parte do crescimento e desenvolvimento do ser humano, é reconhecer que não somos perfeitos, que falhamos, temos momentos desastrosos e sentimos medo do que não conhecemos. É entender que na vida encontraremos pessoas maravilhosas (fadas) e conviveremos com pessoas não tão boas assim (bruxas), mas que toda a experiência ao longo da trajetória terá um final e devemos escolher se será feliz ou nem tanto.

#### **4 – MORAL DA ESTÓRIA...**

A intenção de colocar neste artigo o Conto original de Charles Perrault do livro “A Bela Adormecida” resumido é fazer entender que em sua narrativa o autor procura estabelecer uma problemática, um enredo e

uma solução, onde o leitor e/ou ouvinte poderá aprender que todos podem escrever sua própria história.

## **A BELA ADORMECIDA.**

Era uma vez um reino. Em um dia ensolarado, nascia a princesa Aurora. O rei feliz pelo o nascimento de sua linda herdeira ordenou uma grande festa para celebrar o acontecimento e convidou todas as fadas. Cada fada presenteou a pequena princesa com um dom: beleza, alegria, bondade, amor e inteligência.

De súbito, aparece a bruxa Malévola, enfurecida ao não ser convidada para a festa e lança uma maldição, dizendo:

- Ao completar quinze anos a princesa, irá espetar o dedo e morrerá.

Flora, uma das fadas ainda não havia entregado o seu presente, então modificou o feitiço dizendo:

- A princesa não morrerá, dormirá um sono profundo, até que o beijo de um príncipe a desperte.

Passaram – se os anos, a princesa crescia cada vez mais bela, cheia de bondade, alegria tornando – se uma jovem muito inteligente e amorosa.

Porém no dia do seu aniversário de quinze anos, ela resolveu dar um passeio sozinha. Andando pelo palácio, subiu a escada que levava para a torre e lá encontrou uma velha máquina de fiar. Aproximou – se curiosa, por até então nunca ter visto um maquinário daqueles, resolveu tocá – lo e assim o fez, espetou o dedo e em seguida caiu num profundo sono.

Um frio silencioso acometeu todos no castelo e adormeceram. Com o passar do tempo uma floresta imensa cresceu ao redor do castelo. Anos depois, em um país vizinho, seu príncipe ouviu falar do misterioso reino adormecido e resolveu encontra - lo. Destemido e muito bonito, o príncipe atravessou a floresta e encontrou o castelo finalmente. Ao entrar, viu espantado que todos dormiam, desde os guardas, os criados, também os animais.

O príncipe também ouvirá falar que naquele reino de sono teria uma linda princesa. Subiu a escada da torre e ali encontrou dormindo a Aurora em uma cama de ouro. Ela era a mais bela jovem que ele já havia visto.

O príncipe ficou tão apaixonado, que não conseguiu se conter e aproximando – se da bela adormecida, a beijou carinhosamente.

Naquele mesmo instante, a princesa Aurora despertou – se e o silêncio do castelo também foi interrompido pelo canto dos pássaros, um a um no reino foi despertando, como se apenas por uma noite dormissem.

Assim, foi quebrado o feitiço de Malévola e Aurora e o Príncipe se casaram dias depois e foram felizes para sempre.

Todo Conto de fadas pode nos levar a refletir sobre seu conteúdo, comparando – o com a vida de cada indivíduo.

Ensina – nos que encontrar uma solução sempre se tornará possível se houver união e sabedoria, nada está perdido se acreditarmos que o melhor está por vir. E foi o que aconteceu, quando a Malévola lança o feitiço sobre a princesa, as fadas se juntam para acharem uma saída. Não puderam anular o feitiço, mas conseguiram ameniza – lo, pois ele não levou a princesa a morte, mas a um sono profundo e ao despertar pode viver uma linda estória de amor.

Por isso que, as histórias são mágicas e propiciam momentos de encantamento, por existirem crianças, mas também porque existirem, e sempre existirão, homens e mulheres “crianças” que gostam de estrelas cintilantes, que se emocionam com coisas simples, que praticam o amor e acreditam em fadas. (DOHME, ano II n 9, p. 7).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Esse artigo, foi preparado com a intenção de esclarecer ao leitor e ouvinte a importância de vencer certos conflitos dentro si. Também para que se entenda que para cada problema há uma solução e para cada pergunta uma resposta.

Os Contos de Fadas desde que foram criados, tinham o papel de descontrair, divertir e expor certas inquietações do ser humano, pois falavam de sentimentos, experiências, de conflitos e tudo mais que fosse necessário para aquele que o contava. Nunca teve a função de ensinar como se deveria atuar, mas com as situações criadas durante a estória podia interagir com as

peças e auxilia – las na solução de alguns dilemas e aflições que passavam.

E hoje seu sentido não mudou, pois falam de situações que o homem enquanto indivíduo em sociedade ainda vive. E quer mostrar que a vida pode ser prazerosa quando ele se permitir vive – la, que cada situação ultrapassada é um alvo atingido rumo ao crescimento e maturidade que tanto se almeja.

Para a criança, os Contos desempenham uma função valorosa em seu desenvolvimento físico e mental, pois ligam o real e a fantasia, o que colabora com a resolução de seus maiores conflitos, eles revelam questões vividas pelos personagens que podem ajuda – la com os problemas que está vivendo no momento. E suas narrativas simples possibilitam à criança expor seus medos, anseios e questionamentos, já que proferem as dificuldades humanas e mostram sempre uma solução adequada para que o indivíduo viva em sociedade.

Por isso, ressaltar que os Contos são voltados a infância, mas denota conteúdos que enriquecem a vivência que levará também na fase adulta, faz – se entender que emoção e intelecto se ligam no indivíduo como um todo.

Por fim, os Contos de fadas são narrativas que não apresentam personagens ambivalentes, ou seja, bons e maus ao mesmo tempo e nem sempre terão a presença de fadas. É como a vida real, conheceremos pessoas boas que serão nossas fadas e, também convivemos com pessoas más como as bruxas, mas no final sempre haverá um final feliz.

## REFERÊNCIAS.

ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2001.

BETTELHEIM, B. A Psicanálise dos Contos de Fadas. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CARVALHO, M. Alfabetizar e letrar. Um diálogo entre a teoria e a prática. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

COELHO, N. N. Panorama histórico da literatura infantil/juvenil. Das origens Indo - Européias ao Brasil Contemporâneo. 5º edição. São Paulo: Amarelly, 2010.

CORSO, D. L.; CORSO, M. Fadas no divã. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, Isabel Alves. BAGANHA, Filipa. Lutar Para Dar Um Sentido à Vida: Os contos de fadas na educação de infância. Portugal, Edições Asa, 1989.

DOHME, Vânia. A arte de contar histórias. São Paulo, v. 2, n. 9, p. 7- 5, ano II.

PERRAULT, C. A Bela Adormecida. 1 ed. Fundação Peiropolis, 2007.



# SISTEMAS DE ALFABETIZAÇÃO UM DESAFIO A SER TRABALHADO

**Marcelo Vieira da Silva**



Graduado em Ciências com habilitação em Química, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Camilo Castelo Branco”, concluída em 1984, Pós Graduação em Gestão Educacional pela Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul), concluída em dezembro de 2015.

Professor de Química para o ensino médio e na Eja (Educação de Jovens e Adultos) no Estado de São Paulo por oito anos até 2004. Atualmente trabalha como Professor de Ciências para o Ensino Fundamental II na EMEF José Bonifácio na Prefeitura de São Paulo, onde ingressou em 2002.

## RESUMO

Demonstramos em nosso trabalho a crise da educação, que como em outros setores apresentou-se como pauta constante em discussões nacionais. A partir dos postos levantados nesse trabalho, analisamos a questão do conhecimento no interior da escola, do ponto de vista de alguns de seus fundamentos epistemológicos e políticos, de modo a subsidiar a educação e os educadores na reflexão sobre o sentido social concreto do que fazem, o conhecimento é fruto do saber dentro da educação. Quanto a avaliação na escola, demonstramos que sua finalidade é identificar problemas e facilidades na relação ensino/aprendizagem para reorientar o processo pedagógico. Na importância da leitura para o mundo social e do trabalho. Relacionamos as transformações com os problemas encontrados para o bom desenvolvimento da educação. E finalizamos demonstrando mudanças nas relações entre família e escola e os desafios concretizados.

Palavras chave: alfabetização; desenvolvimento; lúdico; transformação.

## ABSTRACT

In our work, we have demonstrated the education crisis, which, as in other sectors, has been a constant issue in national discussions. From the positions raised in this work, we analyzed the issue of knowledge within the school, from the point of view of some of its epistemological and political foundations, in order to

subsidize education and educators in the reflection on the concrete social meaning of what they do, knowledge is the result of knowledge within education. As for school evaluation, we demonstrate that its purpose is to identify problems and facilities in the teaching / learning relationship in order to reorient the pedagogical process. The importance of reading for the social and work world. We relate the transformations to the problems encountered for the good development of education. And we end by demonstrating changes in the relationship between family and school and the challenges that have been achieved.

Keywords: literacy; development; ludic; transformation.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar a educação brasileira, demonstrar os pontos negativos e os pontos positivos da mesma, mostrar a postura de educadores e a opinião de alguns autores.

Esse trabalho consiste em apresentar os aspectos da alfabetização referentes ao tema e ao plano de educação. Apresentamos a alfabetização como ciência, acompanhada bibliografias que reforçam o assunto até a evolução da língua. Procuramos mostrar tendo como tema “uma mudança que pode dar certo”, iniciamos colocando a família relacionando-se com a escola e conseqüentemente mostrando a importância da alfabetização. Já a alfabetização é uma tradição do

paradigma da educação popular, distingui-los é conveniente tanto pedagogicamente como politicamente. Fizemos uma rápida viagem ao passado através da leitura, a fim de compreender o presente. Comparamos em seguida alfabetização e leitura. Por fim concluímos o nosso trabalho, enfocando a importância do mesmo, na diferenciação da alfabetização. Utilizamos como palavra-chave os temas mais discutidos e perceptíveis do trabalho: alfabetização, desenvolvimento, lúdico e transformação. Os quais apontam claramente o que nós chamamos de “Alfabetização – um Desafio”

## **EDUCAÇÃO: UM CAMINHO NECESSÁRIO**

O mundo contemporâneo pode ser delineado pela busca constante de novos paradigmas e a necessidade extrema de encontrar caminhos que possam guardar valores essenciais à dignidade humana e garantir a coletividade o sentido de preservação da identidade cultural, dos ideais de liberdade e justiça e a consciência de cidadania.

Encontrar o equilíbrio para uma realidade em transformação contínua como esta não é tarefa fácil, nem tampouco possível de ser realizada por grupos isolados. Mas pensamos que pode ser agarrada pelos diversos atores sociais, ainda que em espaços diferentes de reflexão e ação, desde que o propósito seja o mesmo: possibilitar ao ser humano uma visão mais alargada dos diversos contextos sociais e conseqüentemente, a conquista de uma consciência sensível aos interesses comuns.

Apostar na educação como um caminho necessário ao processo de mudança e possivelmente o percurso mais correto para que se chegue ao equilíbrio ideal para o desenvolvimento de todos os povos do planeta.

Entretanto, a educação precisa ser reconhecida como área de intersecção e de produção de múltiplos discursos. Evidentemente que, para se consolidar como referência significativa, necessita da aliança com as outras áreas de formação de um educador, que vá além das especificidades da sua área de conhecimento e compreenda a importância da leitura dentro dos muitos caminhos da alfabetização.

São inúmeras as questões em torno da escola, porém quase todas apontam para esta como lugar de socialização e aquisição de novos saberes. Precisamente por

tal fato, deveria “garantir” um processo de aprendizagem significativo. Em todas as disciplinas, mas principalmente desenvolver nos educandos o desejo de aprender. Por outro lado, o ato de aprender está relacionado a múltiplos fatores, e um dos mais importantes reside na capacidade de leitura.

Comunicar, interpretar, enfim ler são condições básicas para o desenvolvimento humano, de modo que qualquer aprendizagem passa pela leitura. Além disso, as descobertas do mundo pelo código escrito é um dos momentos mais marcantes vividos pelas pessoas, e na maioria das vezes acontece dentro da escola. Quando se aprende a ler palavras, o mundo ganha outro sentido e tudo é descoberto. Percebemos a palavra como e desvelação de mundos. A leitura coloca-nos numa dimensão de possibilidade e é por isso que ela deve, também ter a função de encantar.

Talvez, a “porta de entrada” para formar leitores de mundo (tal como desejava Paulo Freire 1975 p.53) consista numa prática pedagógica centrada no desejo de encantar, deslumbrar-se com as coisas que se pode ler e interpretar.

A capacidade de simbolizar concede o acesso ao universo da linguagem. Para o “animal humano” o mundo ganha sentido desde os primeiros instantes de vida, quando a criança se descobre na possibilidade de comunicação.

A apropriação da realidade acontece na medida em que nos reconhecemos como fazendo parte de um todo, que somos sujeitos históricos capazes de recordar o passado, projetar o futuro e realizar conquistas capazes de possibilitar um mundo melhor para os que virão.

O meio mais seguro e de que nunca nos lembramos é criar o desejo de aprender. Dêem à criança esse desejo e deixe o resto.

O comportamento desatento, impulsivo e imperativo sempre esteve presente no ambiente escolar, porém atualmente é dada muita ênfase a esta questão. É tema de discussão entre os profissionais de saúde, terapeutas, especialistas e educadores. Se observarmos as escolas públicas e privadas, ficaremos com ecos em nossos ouvidos ao escutarmos o que dizem os professores, pois são unânimes as queixas sobre a pre-

sença de alunos que não prestam atenção nas aulas, cometem erros nas tarefas escolares, constantemente não seguem as instruções, são extremamente desorganizados com seus materiais escolares, estão sempre evitando atividades que exigem esforço mental, perdem objetos e manifestam extrema agitação como se andassem a “mil por hora” ou estivessem com o “bicho carpinteiro” pelo fato de não conseguirem permanecer sentados.

É imprescindível que o professor saiba observar diariamente seus alunos, durante o período de aula, pois este profissional assume um papel fundamental na história do desenvolvimento cognitivo e psíquico da criança.

É observando o que a criança pode e o que não pode controlar em relação às possíveis alterações do comportamento, isto é, se a criança está significamente mais desatenta, agitada e impulsiva que as demais, verificando as possíveis situações que possam estar desencadeando tal comportamento.

Desse modo minimizará a quantidade de crianças que são excluídas do sistema regular de ensino por apresentarem um comportamento imperativo, impulsivo e desatento, chegando a ocasionar a eles, em certos casos, dificuldade de aprendizagem, aumento no índice de repetência e fracasso escolar.

Para uma alfabetização constante o professor deverá: ser um decifrador de códigos, construtor de desafios, criador e gerenciador de situações problemas e estudos de caso; ensinar o aluno a organizar seu pensamento, identificando obstáculos e percebendo as etapas de sua jornada na construção da resposta; acompanhar a “comunidade educativa”, que é sua classe, na metamorfose transformadora que é o aprender.

A proposta de se discutir as premissas que sustentam a organização do trabalho pedagógico parece ser um indício significativo para a consideração das práticas que circunscrevem o sistema educativo na escola, sendo esta formada pelas categorias: antropológicas, institucionais e concorrentes. Dessa maneira cremos ser possível uma provocação intencional e mediada do pensamento da prática como uma opositora da teoria, mas, à medida que se manifesta a partir de compreensões de ensino ou de formas de pensamento de determinados problemas, é tão somente uma dimensão distinta, ainda não cientificamente rigorosa, a priori.

## **O CÓDIGO ESCRITO**

Alfabetização tem sido entendida tradicionalmente como um processo de ensinar e aprender a ler e escrever; portanto, alfabetizado é aquele que lê e escreve. No entanto, o conceito de alfabetização tem um significado mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois, enquanto prática discursiva, possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social

Os defensores do termo letramento insistem que ele é mais amplo do que a alfabetização ou que eles são equivalentes.

A alfabetização não pode ser reduzida a uma tecnologia ou técnica de leitura e de escrita, ser uma pessoa letrada não significa ser alfabetizada no sentido que Paulo Freire dava ao termo. O termo alfabetização não perdeu sua força significativa diante da emergência dos novos usos da língua escrita, como argumentam alguns.

## **UMA PESQUISA INDEFINIDA**

A nosso ver, enquanto a sociedade como um todo continuar centralizada, hierarquizada e especializada, enquanto a grande maioria dos cidadãos continuar sendo destituída, em sua vida individual e coletiva cotidiana, de qualquer poder de ação criadora e autônoma, a generalização, para não dizer a própria sobrevivência, dessas tentativas de construção de uma outra escola será bloqueada pela desconfiança e pela oposição dos que controlam o sistema educacional. É certo, porém, que tais experiências aproveitem as brechas existentes e ao utilizarem os espaços, disponíveis esgotam o campo possível no interior do sistema escolar. Os educadores e os educandos que conseguem criar espaços de liberdade e experimentações fazem de suas práticas educativas uma negação viva do modo de organização social dominante e do tipo de escola seletiva e elitista que lhe é funcional.

Mesmo numericamente insignificante, quando seu crescimento é entravado por obstáculos e dificuldades dos mais variados tipos, mesmo tendo impacto edu-

cativo reduzido, as experiências alternativas têm efeito exemplar. Estimulam a imaginação e servem como inspiração e ponto de referência para todos aqueles que gostariam de viver uma educação que não seja simplesmente um aprendizado da desigualdade e uma experiência de dependência.

Segundo Paulo Freire(1991 p.36), “somente outra maneira de agir e de pensar pode levar-nos a viver outra educação que não seja mais o monopólio da instituição escolar e seus professores, mas sim uma atividade permanente, assumida por todos os membros de cada comunidade e associada a todas as dimensões da vida cotidiana de seus membros”.

Baseando-nos nas palavras de Freire, acreditamos que a alfabetização não pode ser reduzida a uma tecnologia ou técnica de leituras e escritas. Isso seria uma forma de contrapor ideologicamente à tradição Freireana onde se fala em letramento como alfabetização.

A distinção entre alfabetização e letramento obriga a considerar o acesso ao mundo da escrita como muito mais que um processo de apenas aprender a ler e escrever.

## **RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA**

Não é por acaso que o relacionamento entre escola e família ganhou posição dianteira entre os principais pontos de reflexão na formação de profissionais. Aprender uma forma de relacionar-se com os pais dos alunos é fundamental. É preciso levá-los para dentro da escola, ouvi-los e aprender com eles. Ao mesmo tempo devemos deixar explícito que cada grupo tem seu papel na educação da criança. Assim a criança percebe que existe contato entre o ambiente de casa e o da escola.

Segundo FERREIRO (2003 p.27) professor de educação infantil trabalha com coração e mente num período dramático da história pessoa de cada um, quando o ser humano começa a perceber quem é e a construir sua identidade.

Ao nosso entender, quanto mais à família participa dos fatos ocorridos na escola, mais condições têm de opinar sobre uma melhor qualidade de ensino. A democracia está presente, ou ao menos um pouco dela, então porque não aproveitar, para acompanhar o tra-

balho educativo do professor, o aproveitamento do aluno e, sobretudo, contribuir exigindo do educando uma maior participação e interesse pelas aulas e atividades.

## **UM ESPAÇO FORA DA ESCOLA**

Todo o nosso trabalho e experiência docente deixam à impressão de que os conflitos hoje existentes, especialmente na escola, relacionam-se a dois fatores principais entre muitos outros: desconhecimentos e falsas expectativas. De um lado, pais e professores desconhecem os alunos adolescentes, seus anseios e maneira de ser e pensar. De outro lado, por parte dos educadores há uma ilusão, uma vontade de receber um aluno pronto preparado, seja do ponto de vista afetivo, cognitivo, ou social.

Estranhamente as funções de encantar e revelar são postas de lado logo que a criança passa a dominar o código lingüístico.

Digamos que a apropriação da realidade acontece à medida que nos reconhecemos como fazendo parte de um todo. Que somos capazes de rememorar o passado e no presente projetar o futuro realizando conquistas que possibilitem um melhor mundo aos que surgirão.

São inúmeras as informações apontadas para o fato de que as crianças não vivem a experiência literária, são na maioria das vezes, imaturas em relação as que convivem com os livros e faltam-lhes a compreensão do outro e o conhecimento de si mesma.

Dizemos assim que o mundo deve ser lido a partir de suas histórias, pequenas, grandes ou imensas. Por essa razão, é imprescindível observar diariamente seus alunos durante o período de aula, assumindo um papel fundamental na história do desenvolvimento dos mesmos.

Por outro lado, temos também uma história que pode ser apreciada devido o surgimento da pedagogia de projetos, nos anos 90 e as novas demandas da educação. Essa seria sem dúvida muito preciosa para o desenvolvimento do aluno. São as visitas educativas que fazem parte desse contexto, como uma ferramenta pedagógica multidisciplinar para a construção do conhecimento. Com isso, afirmamos que o conhecimento se dá em outros espaços, além do espaço da escola.

Além de muito educativo, seria uma maneira de conhecer o aluno fora da sala de aula e colocá-lo de frente com as realidades que irão confrontar.

## **UMA POSTURA PARA ENSINAR BEM**

Quando falamos, transmitimos algo além da palavra, por meio de gestos, do olhar e da entonação. Esses fatores são assimilados pelo intelecto dos alunos e por suas emoções.

A fala é o nosso principal instrumento de trabalho e eficiência de uma aula, está muito ligada ao uso correto da linguagem e a organização lógica do pensamento.

Podemos tirar muito proveito da voz, dos gestos e postura para despertar interesse e a vontade dos alunos de participar das aulas.

Não seja vago, olhe nos olhos de seus alunos utilize corretamente a linguagem, preste atenção na entonação e no ritmo, use de bom senso e bom humor, torne seu discurso o mais natural possível, conscientize-se de seus gestos e postura, o timbre e a modulação da voz são de suma importância.

A educação do século XXI necessita de profissionais que façam coisas porque sabe como se faz, mas que também tenham vontade de ensinar ao aluno a superar problemas por si mesmo. É fácil dizer que cada um precisa construir sua aprendizagem, porque muitos estudos mostram isso mas, para ter-se uma abordagem construtivista, é necessário colocar a disposição dos estudantes diferentes tipos de estímulos, cabem aí a postura do professor para garantir essa abordagem.

O primeiro mundo dissimula as imperfeições com injeções de recursos, gastando a cada ano entre cinco e dez vezes mais que nos, por aluno. Já nos temos problemas, mas não o dinheiro, por isso muitas deficiências de ensino tornam-se gritantes.

Diante da postura do professor para ensinar bem, o mesmo deve ter algumas competências, principalmente aqueles que lecionam nas séries iniciais. Tendem a entender o que acontece com o aluno. Para ler o que se passa com cada um são necessárias muitas coisas: como um médico que precisa fazer o diagnóstico. Não é fáceis, as competências fundamentais são conhecer em profundidade os conteúdos a serem ensinados, o

processo de aprendizagem e as possibilidades para isso tudo funcionar.

Deve-se começar a formação muito cedo, pois não se deve passar a vida a aprender a fazer. Aquele que pretende ensinar aos alunos não quanto eles podem aprender, mas quanto ele próprio deseja.

Alfabetização, contudo é um desafio constante, indiferente no ciclo ou no nível de ensino.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tentando mostrar um pouco sobre o que é alfabetização, introduzimos nosso assunto, falando sobre o mundo contemporâneo onde à realidade acontece à medida que nos reconhecemos como parte de um todo. Discutimos o trabalho e a organização pedagógica por são de muita avalia em nosso trabalho. Nosso tema sobre alfabetização coloca em discussão e reflexão diferenças quase incomum.

Discutimos no artigo sobre a ciências da alfabetização, através da leitura de mundo. Utilizamos das demonstrações de Piaget (1998), para encontrar a raiz dos problemas. Tentamos desenvolver o trabalho em grupo e fazer uma pesquisa sobre diferenciação entre alfabetização e letramento. Tudo isso levou-nos à evolução da língua, onde citamos Álvaro Marchesi (2003), e tentamos por fim uma mudança acreditando dar certo através da globalização tecnológica. Mas o movimento da escola ativa, nos deixou ultrapassados.

Comentamos a relação família escola, aproveitando palavras da pedagoga Regina de Assis, refletimos com a literatura clássica, e tentamos mostrar o funcionamento fora da escola, outro espaço de ensino. Perguntamos-nos como ensinar, conversando com os alunos ou colocando-os para fazer copia.

Findamos o nosso trabalho apresentando o trabalho do professor como a única saída para que tanto os alunos como o próprio educado compreenda a importância de ensinar bem e com qualidade, através de competências.

Concluimos assim, deixando claro que a alfabetização concentra-se no ensino da linguagem e códigos da escrita e leitura. E, sobretudo que a cada dia a escola se moderniza mais, tendo a todo instante que modifi-

car suas práticas pedagógicas e idéias educacionais. Alfabetização quando bem trabalhada cria seres capazes de criticas e auto-avaliar as modificações pelas quais a instituição educacional deve passar. Sejam eles governantes políticos ou simples sociedade.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

BEZERRA, Wagner. Influencias na formação de valores. Ed. Summus, 1999

BRASIL. LEI N 9394/96. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Setembro de 1996. Editora do Brasil.

BRASIL. Características do Referencial Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998 vol. 3.

FERREIRO, E. Alfabetização e cultura escrita. Revista nova escola, São Paulo. P.27,30 maio 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Televisão & Educação, Fruir e Pensar a TV. Editora Autêntica, Belo Horizonte – 2001.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

, P. Educação na cidade. São Paulo: Cortez, 1991.

KLEIMAN, A. b, signorini, i e Cols. O ensino e a formação do professor: Alfabetização de Jovens e adultos. Porto Alegre: Artmed. 2001.

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico. SP: Scipione, 1997.

MARANHÃO, Magno de A. Educação pela televisão. São Paulo, 2000.

MARCHESI, A. MARTIN, E. Qualidade do ensino em tempos de mudança: Porto Alegre: Artmed, 2003.

PÁTIO. Revista Pedagógica. Ano IX. N 34. Mai/Jun, 2005.

PIAGET, J. Sobre a Pedagogia: textos inéditos (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo (Textos or-

ganizados por Silvia Parrat e Anastasia Tryphon), 1998.

RODRIGUES, C; Tomith. L. M. B. e Cols. Linguagem e Cérebro Humano: Contribuições Multidisciplinares. Porto Alegre: Artmed, 2003

SAVIANI, Dermeval. Da nova LDB ao novo Plano Nacional de Educação: por uma outra política educacional. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SIMONETTI, C. Influência da Mídia no Comportamento Infantil. São Paulo, 1993

VIGOTSKY, L. S. O desenvolvimento psicológico na infância. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



# CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

**Maria do Carmo Bezerra**

Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Presidente Venceslau 2007, Professor de Educação Infantil - na CEI Luiz Gonzaga do Nascimento Jr.



## RESUMO

A construção do conhecimento se dá por meio da interação com o outro, portanto é licito afirmar que as emoções também atuam como responsáveis pelo fracasso ou pelo sucesso da aprendizagem, apontar o professor como possível facilitador desse processo é no mínimo desafiador. Este estudo visa exaltar a importância da afetividade dentro do processo de ensino e aprendizagem, nele apresentaremos os fenômenos afetivos na aprendizagem, a importância das emoções e a relação professor e aluno.

Palavras-chave: afetividade; aprendizagem; contação de histórias.

## ABSTRACT

The construction of knowledge takes place through interaction with others, so it is fair to say that emotions also act as responsible for the failure or success of learning, pointing out the teacher as a possible facilitator of this process is challenging to say the least. This study aims to exalt the importance of affectivity within the teaching and learning process, in it we will present the affective phenomena in learning, the importance of emotions and the teacher-student relationship.

Keywords: affectivity; learning; storytelling.

## INTRODUÇÃO

Ao falarmos em processo de ensino-aprendizagem, refletiremos também acerca da atuação docente e da interação professor e aluno, com enfoque em como deve ocorrer essa relação de forma afetiva, manifestada na atitude de mediação pedagógica por parte do

professor, onde professor é facilitador e motivador da aprendizagem, ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem.

Quem possui uma boa relação afetiva, é seguro, consegue adaptar-se, modifica atitudes e comportamentos, busca informações e por isso tem um melhor rendimento escolar, ou seja, a afetividade dentro do processo de ensino - aprendizagem fará toda a diferença. Dessa forma, o presente trabalho buscará estimular os educadores a revisão de suas práticas, refletirem se realmente estão educando para a vida, e até que ponto auxiliam os alunos a aprenderem não só a enfrentar a vida mas a vivê-la plenamente, com satisfação.

Para realização dessa análise usaremos de embasamento teórico através de estudos bibliográficos, observações pertinentes e inúmeras reflexões.

## 1. DIMENSÕES AFETIVAS E APRENDIZAGEM

Hoje a preocupação não é apenas com o que ensinar, mas também com o como (a melhor forma de ensinar), sendo assim, as abordagens que destacam as interações sociais, as dimensões afetivas do comportamento humano e as maneiras de comunicação, ganham força, garantem sua importância na constituição do sujeito e passam a ser valorizadas dentro do processo de construção do conhecimento.

Com essas abordagens fica mais fácil perceber a necessidade de entender o educando como um ser único, intelectual e afetivo, que com sua individualidade, ao mesmo tempo pensa e sente. E é pensando que esse ser se permite sonhar e sentindo que se provocam as ações e reações, dessa forma que conhecemos, inter-

pretamos e entendemos melhor a nossa realidade, sonhando, agindo e reagindo.

Rubem Alves (2000) afirma:

[...] o nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos. (Rubem Alves, 2000, p.93).

O afeto é essencial para o exercício de ensinar, pois as relações entre ensino e aprendizagem também são instigadas pelo anseio, pelo sonho e pela paixão de educandos e educadores, sendo assim, as dimensões afetivas são na verdade favoráveis para o domínio cognitivo, e facilitadoras no processo de aprendizagem. Ignorar esses aspectos é dar margem para o analfabetismo emocional, fragilizando a capacidade do sujeito de compreender a funcionalidade e a influência das emoções em todas as áreas da vida. O analfabeto emocional lida de forma negativa com as emoções, desassocia o pensar e o sentir, e valoriza apenas a capacidade intelectual.

Nesse contexto, a educação precisa ser voltada para a formação integral dos educandos, dando significado ao conhecimento, promovendo o pensamento complexo e assim extinguindo o vício que o ser humano tem de simplificar as coisas. Edgar Morin afirma que “Para que o conhecimento seja pertinente, a educação deverá torna-los evidentes.” (Edgar Morin, 2001, 36). Morin defende mudanças no contexto educacional, pois deseja que as pessoas tenham capacidade de compreender o mundo e encarar os problemas da humanidade.

Desta forma é primordial que as Instituições de Ensino criem espaços que promovam o conhecimento das várias linguagens, desenvolvam uma educação que leve a reflexão e ao pensamento crítico, criativo e consciente, preparem o educando para uma atuação mais responsável, solidária, alegre, fortalecida e autônoma, oportunizem o desenvolvimento de habilidades e competências diversas, auxiliem no processo de autoconhecimento, visando uma sociedade composta por pessoas intelectualmente e afetivamente equilibradas.

“As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores”.(Cláudio Saltini, 1997, p.15).

Cláudio Saltini ainda afirma que “educar é um meio pelo qual o homem possa construir-se como pessoa em termos de ser e não de ter, ocupando o seu potencial do sentir e do pensar.” (Cláudio Saltini, 1997, p.33) E ainda assinala que educar também é “aprender e ensinar a lutar, aprender e ensinar a intensificar a existência e a cumpri-la com decisão e consciência.” (Cláudio Saltini, 1997, p.33). Sendo assim, a educação só será real se for integral, se buscar atingir o ser humano em sua totalidade e não de forma fragmentada.

Quando falamos de dimensões afetivas e aprendizagem, falamos da busca pela formação de pessoas felizes, amorosas, éticas, criteriosas, mas principalmente equilibradas, por isso o desenvolvimento afetivo deve caminhar junto com o intelectual, mantendo a qualidade nas relações humanas, praticando o domínio das próprias emoções e dos sentimentos e sendo sensível às diversas formas de expressão. Como destaca Josefina Hillal (1985, p.16), “É preciso que a afetividade seja dinâmica da personalidade e desenvolva as qualidades de relacionamento que possam se estabelecer no processo educativo”.

## **1.1 FENÔMENOS AFETIVOS NA APRENDIZAGEM**

Há uma grande tendência em utilizar as palavras afeto, emoção e sentimentos como sinônimos de fenômenos afetivos, no entanto, PINO (2000, p. 128) destaca que os fenômenos afetivos, referem-se às experiências subjetivas, que revelam a forma como cada sujeito “é afetado pelos acontecimentos da vida, ou melhor, pelo sentido que tais acontecimentos têm para ele”. Portanto,

“os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de reações matizadas que definem seu modo de ser no mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes a seu respeito são, sem sombra de dúvida, os mais importantes, imprimindo às relações

humanas um tom de dramaticidade. Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam (...). São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo. (PINO, p. 130-131)".

Em seus estudos Wallon, afirma que a afetividade desempenha papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência humana, determinando os interesses e as necessidades de cada um, ou seja, influenciando os fenômenos afetivos. Para ele as emoções tem um papel primordial na formação do indivíduo. Dessa forma, não há como dissociar afetividade e razão. Para Piaget (1977), a afetividade e a razão constituiriam termos complementares:

[...] afetividade é comumente interpretada como uma "energia", portanto como algo que impulsiona as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos e situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a razão está a seu serviço. (apud LA TAILLE, 1992, p. 65).

Para Jean Piaget (1977, apud LA TAILLE, 1992) a afetividade é o agente motivador da atividade cognitiva, ou seja, os fenômenos afetivos são de grande importância para o desenvolvimento intelectual, para a construção do próprio sujeito, da sua identidade e visão do mundo, e também é a afetividade que decide quais experiências serão selecionadas para a construção do conhecimento.

Jean Piaget (1977, apud LA TAILLE, 1992) ainda afirma que o interesse em fazer algo é decorrente de uma necessidade afetiva, por isso há de se considerar os elementos afetivos em todos os atos inteligentes.

Os fenômenos afetivos se manifestam como fonte para a construção racional de conhecimento, sendo assim eles podem acelerar o processo de aprendizagem, quando motivadores, interessantes, alegres, mas quando os sentimentos são de tristeza, esses fenômenos

podem retardar e/ou dificultar o processo.

"De fato, o sentimento, a raiva, o amor e a amizade podem-nos cegar. Mas é preciso dizer que já no mundo mamífero e, sobretudo, no mundo humano, o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão, que, por sua vez, são a mola da pesquisa filosófica ou científica. A afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo. Há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção; o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais." (Edgar Morin, 2001, p.20).

Por isso é importante que as relações humanas sejam relações de afeto, e principalmente a relação professor e aluno precisa entrar em sintonia, para que exista solidariedade, tolerância, cooperação, sensibilidade às diferenças e principalmente respeito.

Segundo Freire (2000):

"A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. Pode-se ainda afirmar que o trabalho pedagógico cooperativo é um dos aspectos que fornecem a base necessária para que esta busca se efetive." (Paulo Freire, 2000, p.160).

Sendo assim torna-se necessário aprender a lidar com a dimensão afetiva, já que é conhecendo os interesses e necessidades dos alunos que os professores podem criar situações facilitadoras do ensino, a universidade precisa estar preparada para guiar as emoções dos educandos favorecendo o desenvolvimento integral dos alunos e formando profissionais capacitados.

## **2. A IMPORTÂNCIA DA QUALIDADE NAS RELAÇÕES ESCOLARES**

A qualidade das relações escolares determina o sucesso da aprendizagem, no entanto precisamos esclarecer que as emoções são as manifestações do campo afetivo de uma pessoa, ou seja, quando o aluno expres-

sa suas emoções, está expressando também sua afetividade. Por serem visíveis, as emoções constituem-se em importantes ferramentas para os educadores, pois por meio da análise das expressões faciais, respiração, olhares, que os educadores podem descobrir o que se passa com seus alunos.

A medida que o ser humano cresce, é transformado por circunstâncias sociais, suas evoluções são progressivas e vão se distanciando da base orgânica, tornando-se cada vez mais relacionadas ao social.

Portanto, o desenvolvimento da pessoa ocorre a partir das relações que ela desenvolve, as relações se nutrem por olhares e torna-se visível por meio de gestos e posturas, até chegar à expressão de sentimentos. Para Wallon, sem o vínculo afetivo não há aprendizagem, a aprendizagem só se torna efetiva quando há qualidade no clima emocional.

Diferente do senso comum, a afetividade na educação, não quer dizer que o educador e o educando devam ser confidentes ou andar lado a lado (isso até pode acontecer, mas não é via de regra). A atenção, o respeito à individualidade de cada aluno também são formas de afetividade.

Fernandez (2001) declara que ensinar e aprender estão imbricados e, portanto, não se pode considerar um, sem pensar no outro, educador e educando dividem o mesmo espaço e trocam experiências constantes.

“Ainda que, os objetos ou as máquinas possam chegar a ter uma função ensinante, a pessoa ensinante, com todas as suas características singulares, além de suas qualidades pedagógicas, é prioritária, já que mais importante do que o conteúdo ensinado é certo molde relacional que se vai imprimindo na subjetividade do aprendente.” (FERNÁNDEZ, 2001, P. 29).

O ato de aprender, sempre pressupõe a relação com outra pessoa, na prática pedagógica, observa-se que a afetividade está presente e é exercitada diariamente, educador e educando são reunidos em uma relação recíproca na qual a afetividade é capaz de desencadear fatores motivacionais positivos ou negativos, possibilitando modificações em ambos.

Grandes pesquisadores psicanalistas, já direciona-

ram seus estudos para a área da aprendizagem, Freud (1987) faz algumas reflexões sobre a psicologia escolar na relação professor-aluno, uma de suas questões é o que exerce mais influência sobre o aluno: o conteúdo estudado ou a personalidade do professor?

Kupfer (2010) propôs focar na importância da relação professor aluno, deixando de lado conteúdos ensinados.

“Quantas vezes não ouvimos dizer que alguém optou por ser geógrafo porque teve, no ginásio, um professor que despertou seu gosto por essa matéria! Não era nenhum grande teórico do assunto, tanto que só aquele aluno se interessou por geografia. A ideia de transferência mostra que aquele professor em especial foi “investido” pelo desejo daquele aluno.” (KUPFER, 2010. p.92).

Podemos notar que o professor em questão, exerceu sobre seu aluno o aprendizado baseado na transferência, ou seja, o educador produziu em seu aluno o desejo de reproduzir seus passos. Na interação professor aluno supõe-se que o professor ajude o aluno na tarefa de aprender, e os comportamentos de ambos situem-se em uma rede de interações que envolve comunicação e complementação de papéis, nos quais são colocadas expectativas recíprocas.

“Para que a interação professor-aluno possa levar à construção de conhecimentos, a interpretação que o professor faz do comportamento dos alunos é fundamental. Ele precisa estar atento ao fato de que existem muitas significações possíveis para os comportamentos assumidos por seus alunos, buscando verificar quais delas melhor traduzem as intenções originais. Além disso, o professor necessita compreender que aspectos da sua personalidade - seus desejos, preocupações e valores - influem em seu comportamento, ao longo de interações que ele mantém com a classe.” (DAVIS; OLIVEIRA, 1994, p.84).

O processo ensino-aprendizagem está atrelado à interação entre pessoas. Portanto, não há aprendizagem efetiva sem afeto.

Para Maturana (2002 apud MORAES; TORRE, 2004), aprender, implica transformar-se em coerência com o emocional como resultado de um processo de intera-

ções recorrentes onde dois ou mais seres interagem em transformação mútua. Uma tarefa educativa consistente só se realiza através do amor, priorizando a formação do ser, tendo como foco o seu fazer, intrinsecamente ligados.

### **3. RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO**

A sala de aula constitui-se em um palco de relações de poder, no qual professores e alunos defendem seus papéis, suas ideias sonhos e projetos. Todos se apresentam com seus conhecimentos individuais, culturais e sistemáticos. Cada um com um papel a desempenhar nesta relação - o aluno para aprender os conteúdos necessários a sua evolução; o professor para ser mediador desse aprendizado - mas com tantos atores protagonizando a aprendizagem, é fácil ocorrerem divergências de cunho pessoal. Portanto, espera-se que o professor, que, em tese tem um saber sistematizado, possa coordenar essas relações, promovendo um ambiente agradável e produtivo no ambiente educativo.

“O ambiente da sala de aula é um espaço de vida coletiva, um espaço de relações únicas e originais, semelhantes a um ecossistema para a intensificação da aprendizagem, em que os vínculos dos alunos e dos professores com o conhecimento são acentuados.” (VEIGA, 2006, p. 105).

Na sala de aula convivem pessoas com valores sociais e culturais diferentes, porém, capazes de conviver em sociedade, daí a importância que tem o professor de saber expressar afetividade pelos alunos, sabendo reconhecer e respeitando as diferenças ali presentes. Segundo Marchand (1985, p. 82) “É preciso buscar outra forma de aproximação que não exclua o respeito e aceitar as inevitáveis diferenças que existem entre alunos e professores”. As diferenças entre professores e alunos existem, e são necessárias na posição que cada um ocupa nessa relação, porém, essas diferenças não significam superioridade ou inferioridade, mas apenas diferenças em sua forma e de sistematização de saberes.

É importante que o professor tenha a formação adequada, que lhe garanta condições para mediar o conhecimento de seus alunos, mesmo que estes apresentem características tão distintas. Ele deve estar atento e preparado de forma a reorganizar-se quando necessário, adquirindo novas estruturas e estratégias cognitivas, afetivas e efetivas. O professor deve comunicar-

-se de forma verdadeira, para que os seus alunos sejam tocados pelo seu exemplo:

“quem “diz”, apenas transmite um recado, passa uma informação, expressa o banal, já aquele que “fala” vai muito além, pois dá forma ao recado, desafia o conteúdo, interroga e investiga.(...) O discurso vazio, a oratória inútil, o palavreado que nada leva, sintetiza-se no significado do dizer, mas a reflexão que faz pensar, a frase que abre sonhos, a metáfora que invade a poesia expressa a grandeza da fábula e, portanto, a magia do dizer” (ANTUNES, 2003, p. 27).

O professor deve ter em mente os seus objetivos educacionais, o compromisso com seus alunos e, com a transformação da sociedade, pois só poderá se expressar e ser compreendido, se for capaz de estabelecer relações de respeito com seus alunos, para que esses também possam respeitá-lo em seus saber e seu modo de ser.

Uma das condições indispensáveis para o estabelecimento das condições afetivas em sala de aula, é que os alunos tenham abertura para expressar-se, comunicando seus pensamentos, sentimentos, medos e angústias, pois a dinâmica de convívio em uma classe representa uma multiplicidade de saberes e valores, e só pode ser construída através das relações interpessoais estabelecidas diariamente.

Para Freire, saber relacionar-se com os diferentes alunos, não quer dizer que o professor seja obrigado a fingir apreço igual por todos, porém, é vetado ao professor tratar de forma discriminatória e excludente quem quer que seja.

“esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque, professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa abertura ao querer bem, de maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, prática específica do ser humano” (FREIRE, 1996, p. 141).

Sentir-se acolhido, pode trazer benefícios significativos para a aprendizagem e autoestima do aluno, quando o contrário acontece, a medida que o aluno

é inferiorizado por quem quer que seja, sua autoestima diminui e conseqüentemente sua aprendizagem também. O espaço da sala de aula deve permitir a manifestação da afetividade, para que o aluno possa ter autoconfiança, iniciativa e acima de tudo sucesso em seu aprendizado.

Quando há uma convivência cheia de traumas as relações ficam fragilizadas e o trabalho pedagógico sai prejudicado, as pessoas envolvidas sofrem e perdem seu foco, portanto, assim como a razão, a emoção é importante e deve ser cultivada para que os alunos tenham maiores possibilidades de construir seus conhecimentos. É a afetividade que valoriza as coisas em nossa vida, tanto aquilo que está fora de nós, como os acontecimentos e os fatos internos, para Arantes (2003, p. 107) “Assim como a organização de nosso pensamento influencia nossos sentimentos, o sentir também configura nossa forma de pensar.”

As emoções são capazes de desencadear sentimentos nas pessoas, sejam de repulsa ou de aproximação e, isso pode ser observado quando vive-se momentos de prazer com alguém, os sentimentos envolvidos são de aproximação, de identificação e afeto; porém, quando o contrário acontece, as emoções são de conflito, de agressões e passamos a alimentar sentimentos de repulsa pela pessoa e não é diferente na sala de aula.

Fica claro que a interação professor e aluno dirige o processo educativo, assumindo o professor o papel de educador/mediador, necessitando estar equilibrado emocionalmente e atento ao aluno, reconhecendo suas habilidades e capacidades, aproximando-se do aluno e valorizando-o, e o aluno assumindo seu papel de educando ativo/intelectual disposto a contruir seu conhecimento.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não podemos esquecer que a afetividade é o combustível que permite o movimento das relações sociais e do desenvolvimento humano, portanto, toda e qualquer ação educacional precisa desse elemento para ser completa. Os conhecimentos epistemológicos dos docentes por si só, não são capazes de causar a transformação e a resignificação da educação.

Quando há afetividade no processo de ensino-aprendizagem, temos um quadro de mudanças construído por meio das vivências, experiências, ideias individuais, sentimentos, emoções, desejos, sonhos, trocas com o meio, discussões e diálogos. Neste processo, os educadores precisam se tornar efetivamente atuantes, conhecendo as necessidades e os interesses dos seus alunos, para que possam ser capazes de proporcionar a estes situações diversas de construção e reconstrução de aprendizagens, respeitando as diferenças, sendo solidários, pacientes, compreensivos, amáveis e sensíveis aos limites de cada um.

É importante salientar, que o professor mediador, facilitador e motivador, é capaz de criar um bom clima físico e psicológico para o trabalho em sala de aula, conquistar seu aluno e, formar uma parceria responsável para facilitar o processo de aprendizagem no Ensino Superior.

Podemos observar que o desafio das instituições de ensino é montar um quadro de professores que tenham vocação para ensinar, que pensem em educação como algo criativo e motivador, que ministrem aulas com o amor que esse assunto merece. Precisamos buscar a extinção de profissionais que são escolhidos pela profissão e que a veem com desânimo e falta de perspectivas profissionais.

Conclui-se que há uma urgente necessidade de reflexão e revisão sobre a formação dos docentes, bem como dos objetivos da prática educacional. Nós professores trabalhamos com seres humanos e nosso objeto de trabalho não pode ser outro que não o indivíduo em sua plenitude. Precisamos garantir uma verdadeira compreensão a respeito da importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. O mundo de hoje requer atitudes mais humanas, pessoas mais calorosas e acima de tudo críticas quanto ao seu papel na formação do outro.

É necessário que todos entendam que relações humanas afetuosas e respeitosas são os primeiros passos para se alcançar uma sociedade igualitária e solidária.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. *A emoção na sala de aula*. Campinas: Papyrus, 1999 (Coleção Papyrus Educação).

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga (Orgs.). *Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2000.

ARANTES, Valéria Amorim(Org). *Afetividade na escola: alternativas, teorias e práticas*. São Paulo: Summus, 2003.

ARROYO, G. Miguel. *O ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. 6ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

ARÚJO, Ulisses, F. *A dimensão afetiva da psique humana e a educação dos valores*. In: ARANTES, Valéria Amorim. *Afetividade na escola: alternativas, teorias e práticas*. São Paulo: Sammus, 2003.

BRASIL. Lei n. 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, no. 248, dez. 1996, p. 27.833-27.841.

BEHRENS, M. A. *O Paradigma emergente e a prática pedagógica*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

Castanho, M. E. L. M. (2000). *A criatividade na sala de aula universitária*. Em I. P. Veiga & M. E. L. M. Castanho (Orgs.), *Pedagogia universitária. A aula em foco* (pp. 75-89). São Paulo: Papyrus.

CHICKERING, A.W. e GAMSON, Z.F. *Applying the seven principles for good practice in undergraduate education*. Apud SANTOS, C. dos. *O processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno: aplicação dos sete princípios para a boa prática na educação de ensino superior*. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v.8, janeiro/2001.

DAVIS, CLÁUDIA; OLIVEIRA, Zilma de. *Psicologia na educação*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FERNÁNDEZ, *O saber em jogo - a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento*. Porto Alegre. RS: Artmed, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE. Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa*. 28ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, Sigmund. *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GAGNÉ. R. *Como se realiza a aprendizagem*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e

HILLAL, Josefina. *Relação professor-aluno: formação do homem consciente*. São Paulo: Editora Paulinas, 1985.

KUPFER, Maria Cristina M. *Afetividade e cognição: uma dicotomia em discussão*. In: *Afetividade na escola: Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 2003.

LA TAILLE, Y. *Desenvolvimento do juízo moral e a afetividade na teoria de Jean Piaget*. In: LA TAILLE, Y. (Org.) *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. *Afetividade e práticas pedagógicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LEITE. Denise B. C. *A aprendizagem do estudante universitário*. In: LEITE, Denise B. C.; MOROSINI, Marília. *Universidade futurante: produção do ensino e inovação*. Campinas: Papyrus, 1997.

MARCHARD, Max. *A Afetividade do Educador*. 4ª ed. São Paulo: Sammus, 1985.

MASETTO, Marcos (org.). *Docência na Universidade*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

\_\_\_\_\_. Professor universitário: um profissional da educação na atividade docente. In: MASETTO, M. (org.). *Docência na Universidade*. Campinas, SP: Papirus, 1998. p. 9-26.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2002.

MICHAELIS Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, 1998-2007, disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-ortugues&palavra=afetividade>>. Acesso em 12 de Abril de 2022.

MORAES, Torre, Saturnino de la. *Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MORIN, Edgar - *Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. 3a. ed. - São Paulo - Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

OLIVEIRA, Antonio Benedito Silva (Coo.). *Métodos e técnicas de pesquisa em contabilidade*. São Paulo: Saraiva, 2003, 177 p.

PIMENTA, e ANASTÁCIOU. Léa das Graças Camargo. *Docência no ensino superior*. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Docência em Formação).

SALTINI, Cláudio J. P. *Afetividade & inteligência*. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SAMPAIO, Dulce Moreira. *A Pedagogia do Ser: Educação dos sentimentos e dos valores humanos*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

SANTOS, Sandra Carvalho do. *O Processo de Ensino-Aprendizagem e a Relação Professor-Aluno: Aplicação dos "Sete Princípios para a Boa Prática na Educação de Ensino Superior"*. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, 2001.

SANTOS, Theobaldo Miranda. In: FONTANA, D. F. *Filosofia do Vestibular*. São Paulo: Saraiva, 1964, p. 69.

SAVIANI, Dermeval. *A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas*. 4ª ed. Campinas-SP: Autores Associados, 1998.

TARDIF, Maurice & LESSARD, Claude. *O Trabalho Docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Org). *Lições de Didática*. Campinas, SP: Papirus, 2006. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

VYGOTSKY, L. S. (1993) *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins.

WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget*. 5 ed. São Paulo: Editora Guazelli Ltda, 2000.



# EDUCAÇÃO INFANTIL E A INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS

**Maria do Carmo Bezerra**

Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Presidente Venceslau 2007, Professor de Educação Infantil - na CEI Luiz Gonzaga do Nascimento Jr.



## RESUMO

Neste artigo procuramos elucidar o Transtorno do espectro Autista (TEA) uma síndrome comportamental que resulta na dificuldade de interação social e prejudica o rendimento escolar. Hoje em dia torna-se elevado a quantidade de alunos que entram no ambiente escolar com problemas de interação social. Nesse sentido, o presente estudo não tem por critério exclusivo sanar todas as inquietações, mas tem como sim identificar como ocorre a inclusão das crianças autistas, de 0 a 5 anos de idade que frequentam a Educação Infantil, e ainda detalhar práticas pedagógicas direcionadas ao processo de inclusão. O TEA torna-se evidente quando a criança começa a frequentar a escola, devendo ser identificado e tratado por equipe multidisciplinar especializada o mais precocemente possível. Em sala de aula diferentes ferramentas pedagógicas tornam-se necessárias para que os alunos autistas venham a desenvolver a sociabilidade, proximidade e afetividade. Cabe ao professor, enquanto profissional, capacitar-se par atuar junto a esse público e proporcionar a eles aprendizagem ou conhecimentos que se fortalecem através de ações de respeito à diversidade e especificidade apresentada. Medidas que efetivam a inclusão escolar do autismo na educação Infantil, devem proporcionar a aquisição de habilidades pertinente ao desempenho de seu papel na sociedade.

Palavras-chaves: Autismo; Inclusão; Crianças.

## ABSTRACT

Autistic Spectrum disorder (TEA) is a behavioral syndrome that results in the difficulty of social interaction and impairs school income. In current days the number of students who enter the school environment with

problems of social interaction becomes elevated. In this sense, the present study does not have the exclusive criterion to remedy all the concerns, but it is to identify how the inclusion of autistic children, from 0 to 5 years of age that attend children's education, and also to detail pedagogical practices Towards the inclusion process. The TEA problem becomes evident when the child begins to attend school, and should be identified and treated by specialized multidisciplinary team as early as possible. In the classroom different pedagogical tools become necessary for the autistic students to develop the sociability, proximity and affection. It is up to the teacher, as a professional, to be able to act together with this public and to provide them with learning or knowledge that is strengthened through actions of respect to the diversity and specificity presented. Measures that effect the school inclusion of autism in child education, should provide the acquisition of skills pertinent to play their role in society.

Key-words: Autism; Inclusion Children.

## INTRODUÇÃO

O número de crianças que adentram o ambiente escolar com múltiplas deficiências nos últimos anos esta cada vez maior. Incluí-las no ambiente escolar e proporcionar-lhes iguais oportunidades de aprendizagem, ainda hoje, configura-se como um dos principais desafios dos profissionais educadores.

Incluir crianças com necessidades educacionais especiais (NEE) não significa apenas promover o acesso, a permanência e a sociabilização delas com as demais. Trata-se, segundo Vasques (2012) de um processo ainda mais complexo, que requer ações ou estratégias profissionais.

De acordo com Schmidt (2016) o acesso e a integração da criança com NEE, à vida em sociedade e ao ensino regular é garantido por lei. Está estampado no capítulo V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), na Constituição Federal (CF), na Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e em outros documentos.

Em dias atuais, o que se verifica são escolas tentando adequar-se as necessidades de sua clientela (alunos), no entanto, percebe-se que suas ações ainda não satisfazem ao desafio da inclusão, apesar das diferentes leis que garantem o acesso dessas crianças. Nesse sentido, Nascimento e Cruz (2014) são categóricos em dizer que a escola somente conseguirá alcançar os patamares da inclusão se preparar-se para receber os alunos com NEE e não o contrário

A inclusão é um assunto de interesse popular. Todavia, Nascimento e Cruz (2014) afirmam que o maior número de crianças que adentram a Educação infantil é de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Frente a essa questão, verifica-se a necessidade de profissionais qualificados e preparados para colhe-las e desenvolve práticas educativas que garantam a elas, qualidade de ensino e efetiva aprendizagem.

O Autismo, apresenta-se como uma síndrome comportamental, que na maioria das vezes passa despercebida pelos pais, que por falta de informação, não procuram por ajuda profissional. Existem casos, onde a não aceitação, também interferem no reconhecimento da síndrome.

O problema torna-se evidente quando a criança começa a frequentar a escola, pois elas apresentam dificuldade de interação social, o que prejudica sua relação com os demais (amigos, professores) e, conseqüentemente o rendimento escolar (NASCIMENTO; CRUZ, 2014).

A criança, ao adentrar o universo escolar começa a ampliar seu leque de amizade e a interagir com o mundo a sua volta. Partindo dessa premissa, o presente estudo, de metodologia bibliográfica, busca através de livros e artigos científicos, melhores esclarecimentos referentes ao assunto, uma vez que nós, profissionais educadores precisamos direcionar novos olhares à essa questão.

O presente estudo, realizado por meio de levantamento bibliográfico, não tem por critério exclusivo sanar todas as inquietações, porém objetiva identificar como ocorre a inclusão das crianças autistas na Educação Infantil, e ainda detalhar práticas pedagógicas direcionadas ao processo de inclusão.

## **1. AUTISMO**

O termo autismo é originário do grego “syndromé”, e significa “reunião”, usado na definição de um conjunto de sinais e sintomas, que definem de fato a existência de uma condição clínica (doença) (ONZI; GOMES, 2015).

Diferentes concepções estão associadas ao autismo. Entre elas, ganha destaque, a definição de Guedes (2015). Esta define que:

O autismo é uma condição caracterizada pelo desenvolvimento acentuadamente anormal e prejudicado nas interações sociais, nas modalidades de comunicação e no comportamento. Tais características variam na maneira como se manifestam e no grau de severidade, estando dificilmente presente da mesma maneira em mais de uma pessoa (GUEDES, 2015, p. 303).

Segundo a literatura, a história do autismo começa 1943, quando o psiquiatra Leo Kanner observou clinicamente, crianças que apresentavam isolamento extremo precoce, hábito obsessivo e repetitivo, não adesão às mudanças, dificuldade de comunicação (ecolalia) e interação social (DIAS, 2015).

Segundo mencionado no estudo de Figueiredo (2015), entre os anos 50 e 60, havia pouco conhecimento sobre a origem do TEA. Acreditava-se que pais emocionalmente não responsivos, que negligenciavam ações de amor e carinho a seus filhos, eram responsáveis por seu desenvolvimento, no entanto, outros motivos foram direcionados a sua origem e posteriormente descartados por não possuírem base científica comprovada.

Nos anos 80 surge o que o interesse clínico pela doença, que era erroneamente confundida com a Síndrome de Asperger. De acordo com Figueiredo (2015), ambas possuíam como sintomatologia o déficit de interação social, comportamento e habilidades sociais, no

entanto, na SA, não havia desenvolvimento cognitivo e deficiência de linguagem.

No período de 80 e 90, o tratamento do autismo ganha proporções importantes. Surge a terapia comportamental e ambientes de aprendizagens controlado. Assim inicia-se o entendimento sobre o TEA, segundo Gomes et al (2013) passa a ser tratado como doença incurável, de difícil diagnóstico, com elevado prevalência em meninos.

Em dias atuais, no Brasil existem mais de 70 milhões de pessoas diagnosticadas com TEA. Dados demográficos apontam que as proporções variam e que a cada 80 crianças nascidas, uma apresenta TEA (DIAS, 2015).

Os principais sinais apresentados por crianças refletem-se na capacidade de interação e comunicação social, além de comportamento antissocial e repetitivo. O prejuízo social e a falta de interesse na interação são os principais sinais característicos (MELO; SILVA, 2013). Tais sintomas podem apresentar-se em qualquer faixa etária, e sofrer variações de intensidade.

Onzi e Gomes (2015) acrescentam que não existem exames (laboratoriais ou imagem) para diagnóstico do TEA e nem tampouco tratamento medicamentoso, no entanto, sua identificação depende exclusivamente da observação clínica e comportamental.

O relato dos pais e docentes podem ser essenciais a confirmação diagnóstica e encaminhamento ao serviço assistencial especializado, onde profissionais da área buscaram controlar os comportamentos severos, minimização do grau de dependência e garantia de autonomia (UCHOA, 2015).

Instituições como Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), foram criadas para proporcionar assistência e tratamento de qualidade ao sujeito com TEA. Para Guedes e Tada (2015) o atendimento às crianças com NEE é realizado de forma gratuita e segue-se de atendimento ambulatorial terapêutico e pedagógico. A instituição atua na área da educação e saúde.

### **1.1. INCLUSÃO ESCOLAR DOS AUTISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Diferentes concepções buscam traduzir em definitivo o significado de inclusão. Para Fantacholi (2013) trata-

-se especificadamente a ideia da exclusão, uma vez que não é possível incluir alguém já tenha sido excluído.

Em contrapartida Paiva et al (2013) afirmam que:

“A inclusão é antes de tudo um processo de se autoanalisar, de procurar no outro o que ele tem a nos oferecer, de perceber a forma como vê a vida, as coisas e as pessoas. Portanto, fica patente que a inclusão social engloba a aceitação das diferenças individuais e à valorização de cada pessoa na convivência dentro da diversidade humana” (PAIVA et al, 2013, p. 4).

No Brasil assim como em outros países, o objetivo da educação é de construir, desconstruir e reconstruir conhecimentos e metodologias, tendo como prioridade fornecer educação de qualidade para todos (ORRÚ, 2012). Nesse sentido, ao pensarmos em crianças com NEE, torna-se necessário ampliar o leque de discussões em razão da complexidade dos processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança.

Segundo Praça (2011) e Uchôa (2015) é possível verificar através da Declaração de Salamanca que para atingir a Educação para Todos (compromisso global), a Educação Inclusiva tem de ser reconhecida como política governamental de interesse e importância prioritária ao desenvolvimento da nação, sendo ainda destinada a ela recursos didáticos e financeiros adequados e necessários.

Em meados do século XX a educação especial tornou-se parte integrante da educação, deixando de ser vista como a educação de um tipo de aluno, mas sim como um conjunto de recursos (pessoais e materiais) colocados à disposição das instituições escolares, para adequação as necessidades individuais de cada indivíduo (GOMES et al, 2015).

A inclusão valoriza a diversidade e o direito do aluno ao conhecimento. Todavia, a sociedade moderna, ainda hoje precisa aprender a diferenciar integração e inclusão (LIMA; LAPLANE, 2016). A primeira está relacionada ao fato de que o aluno é quem se adapta à escola e busca alternativas para tal, enquanto a segunda, volta-se para o contexto social (escola, família), pois é este quem se modifica e se prepara para receber o aluno, indiferente de sua NEE.

Nesse sentido, o serviço de atenção educacional es-

pecializada (AEE) deve estar presente no espaço escolar e envolver profissionais da educação, para que a criança venha a adquirir/construir competência e habilidade a favor do conhecimento e aprendizagem significativa.

Não obstante, Uchôa (2015), Lima e Laplane (2016) argumentam que o processo de inclusão escolar, jamais tornara-se efetivo se a sociedade se sentir no direito de escolher quais os deficientes que poderão ser incluídos, uma vez que a inclusão é um movimento mundial de luta dos indivíduos com NEE e seus familiares. Todos os sujeitos devem receber iguais oportunidades de aprendizagem

A integração dessa criança à sociedade não é tarefa apenas do sistema educacional, mas de toda a sociedade, pois a criança com NEE precisa ser vista como pessoa capaz de assumir e viver seu papel de cidadão social, em diferentes contextos que valorizam a diversidade, a cooperação e o respeito por aqueles que são diferentes.

Se tratando unicamente da criança com TEA suas habilidades devem ser valorizadas, pois não se pode esperar por um comportamento dado, uma vez que grande parte dos indivíduos com TEA não correspondem (GOMES: MEDES, 2010; DALLABRIDA, 2016).

A promoção do processo de inclusão escolar do autista requer ações que buscam explorar a variedade e a interpretação daquilo que é tido como “estranho” como novo e positivo à aprendizagem. Para tanto, segundo apontamentos de Uchôa (2015) diferentes ferramentas pedagógicas tornam-se necessárias ao desenvolvimento da sociabilidade, proximidade e afetividade.

Nas instituições infantis (creche e pré-escola), onde estão presentes crianças de 0 a 5 anos de idade, o brincar torna-se uma importante forma de comunicação. Por intermédio desta, a criança autista, pode reproduzir o seu dia a dia, através do seu imaginário/fantasia.

A Educação Infantil tem o objetivo de promover desenvolvimento integral da criança, com vistas aos aspectos físicos, psicológicos, sociais e intelectuais, estendendo-se a ação da família e da comunidade. Nesse sentido, verifica-se que está deve ser tratada através da Análise Aplicada do Comportamento (ABA), definida por Gomes et al (2015) como um método de ava-

liação comportamental, que auxilia não somente no comportamento, mas no reconhecimento profissional de temáticas pertinentes a aprendizagem.

Para Gomes et al (2015) e Dallabrida (2016) cabe ao professor reconhecer e utilizar estratégias de avaliação para identificação do autismo. Para tanto, ele deverá obter conhecimentos que favorecem a inclusão. Estes definem-se por:

1- Identificação dos sintomas que envolvem o autismo - crianças com TEA apresentam comportamentos repetitivos, interesses restritos, dificuldade de comunicação qualitativa e quantitativa, além da dificuldade de interação com os demais;

2- Características que se associem ao autismo - participação e permanência das crianças com TEA na sala de aula, para promoção da memória de trabalho verbal e não verbal, percepção visual e outros transtornos relacionados;

3- Reconhecimento do contexto institucional - identificação do perfil inclusivo da instituição escolar e preparação para relacionar-se com a criança autista

Inclusão e aprendizagem objetivos institucionais estabelecidos. Assim corroboram que Lima e Laplane (2016) um dos elementos mais importante para o a aquisição de aprendizagem, está associado ao suporte de comunicação. Este possibilita a interação da criança autista com os demais colegas de classe e com as ferramentas de aprendizagens, e também a inclusão escolar, que depende exclusivamente das condições da escola, dos profissionais e da capacidade da criança.

## **2. PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Na educação infantil, diferentes profissionais estão aptos a auxiliar o autista durante o processo de desenvolvimento e evolução. Na equipe multidisciplinar estão os psiquiatras, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, educadores físicos e pedagogos.

O objetivo da prática pedagógica é fazer com que a criança com TEA adquira a capacidade e o interesse de aprender, descobrir, construir e obter conhecimento, através das diferentes formas de interações: com o meio, com outras crianças ou com os adultos (CUNHA; SILVA JUNIOR, 2012).

Durante o período de escolarização, espera-se que a criança possa obter habilidades referente a linguagem e a socialização. A curiosidade deve ser fornecida, para que ela possa selecionar, analisar e relacionar informações com conhecimento e propriedade (GUEDES; SILVA, 2012).

Na prática pedagógica, os profissionais capacitados possuem competência profissional para aplicar logo no início do ano protocolos avaliativos que visam identificar o TEA (LIMA; LAPLANE, 2016). Entre os principais protocolos encontra-se o Protocolo Avaliativo de Interação Social (Quadro 1 - anexo) e Protocolo Avaliativo das funções Comunicativa (Anexos 1 e 2).

Profissionais devem estar preparados para utilizar os protocolos citados por Kwee, Sampaio e Atherano (2009). Esses podem auxiliar no processo de identificação e tratamento precoce do TEA, e ainda servirem como instrumento que beneficia a inclusão social e escolar desse público ainda na Educação infantil.

Lima e Laplane (2016) afirmam que o quanto antes, os protocolos forem aplicados, maiores serão as chances de efetiva inclusão e desenvolvimento dessas crianças.

Como alternativa para a aquisição ou construção de conhecimentos, ações estratégicas podem ser utilizadas com criança com TEA. Estas segundo Brito (2015) se concretizam por meio de:

- Aproximação – a criança utiliza objetos/brinquedos dos quais possui interesse;
- Ambiente harmonioso e adequado às necessidades do aluno – favorecer a inclusão e aprendizagem;
- Metodologias diversificadas – torna o processo de ensino e aprendizagem motivador e valiosos;

A preparação profissional provém de investimento em capacitação, atualização e sensibilidade para perceber as reais necessidades da criança autista, para que elas possam atingir as habilidades requeridas nas escolas regulares, mesmo tendo dificuldade de socializar-se com o mundo real.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através deste estudo, tornou-se notório o crescente o número de crianças que apresentam NEE, porém é preciso acreditar e partir do princípio de que todos são capazes de desenvolver potencialidades e adquirir conhecimento/aprendizagem.

Indiferente da NEE apresentada é preciso, que a sociedade, assim como os familiares, venha a respeitar a diversidade humana, para que a inclusão deixe de ser apenas uma perspectiva.

Nesse sentido, a escola para proporcionar a inclusão dos alunos autistas, deve assumir o compromisso de gestão pública, que não discrimina e não segrega, mas que se organiza para receber cada aluno. Dentro dessa organização, a qualificação docente para atuação junto a este público é prioridade.

É fato que os professores vão encontrar desafios para inserir o aluno na sala de aula de ensino regular, pois estes não possuem formação específica para trabalhar com essas crianças

Existem leis e decretos que buscam possibilitar o ingresso e a permanência do autista e outros deficientes no Ensino Infantil, portanto cabe a escola, atentar-se para a necessidade de criar novas ferramentas de aprendizagem.

Na educação inclusiva, a promoção da aprendizagem se fortalece através de ações de respeito à diversidade, à potencialidade, à necessidade e especificidade de cada criança.

Conclui-se que para o processo de inclusão escolar dos alunos autistas na educação infantil torna-se essencial a transformação do sistema de ensino, onde este venha a beneficiar toda e qualquer pessoa, levando em conta a especificidade do sujeito e não mais suas deficiências e limitações.

Neste cenário, incluir o aluno, ainda na Educação infantil, é proporcionar a eles efetivas chances de voar e adquirir habilidades que lhe auxiliaram a desempenhar seu papel frente à sociedade.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRITO, E.R. A inclusão do autista a partir da Educação Infantil: um estudo de caso em uma pré-escola e em uma escola pública no município de Sinop. *Revista Eventos Pedagógicos Articulação universidade e escola nas ações do ensino de matemática e ciências*. v.6, n.2 (15. ed.), 2015, p. 82-91.

CUNHA, G.F.; SILVA JUNIOR, J.A. O livro de imagem na Educação Infantil: um recurso favorável para despertar o desejo para a leitura. *Revista UNI- Imperatriz (MA)*, n. 2, 2012, p.123-135.

DALLABRIDA, MF. Transtorno do Espectro Autista: a difícil tarefa de diagnósticas. 2016. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí. RS. 2016.

DIAS, S. Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* São Paulo, v. 18, n. 2, 2015, p. 307-313.

FANTACHOLI, FN. Crianças com Necessidades Educacionais Especiais na Educação Infantil: Uma Perspectiva Histórico-Cultural. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*. v. 4, n. 1, 2013, 12p.

FIGUEIREDO, J. O autismo infantil: uma revisão bibliográfica. Conselho Federal de Enfermagem – COFEN, 2015. 32p.

GOMES, CGS; MENDES, EG. Escolarização inclusiva de alunos com autismo na rede municipal de ensino de Belo Horizonte. *Rev. bras. educ. espec. Marília*, v. 16, n. 3, 2010, p. 375-396.

GOMES, PVTM. et al. Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. *J. Pediatr. (Rio J.) Porto Alegre*, v. 91, n. 2015, p. 111-121.

GUEDES, NPS; TADA, INC. A Produção Científica Brasileira sobre Autismo na Psicologia e na Educação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 31, n. 3, 2015, p. 303-309.

GUEDES, L; SILVA, JBL. Jogos e brincadeiras como metodologia de ensino na aprendizagem. *Revista Eventos Pedagógicos*, v. 3, n. 2, 2012, p. 161-171.

KWEE, CS; SAMPAIO, TMM; ATHERINO, CCT. Autismo: uma avaliação transdisciplinar baseada no Programa TEACCH. *Rev. CEFAC*, v.11, Supl2, 2009, p. 217-226.

LIMA, SM; LAPLANE, ALF. Escolarização de Alunos com Autismo. *Rev. bras. educ. espec. Marília*, v. 22, n. 2, 2016, p. 269-284.

MELLO, AMSR; SILVA, RC. Legislação e Autismo no Brasil. 2013.

NASCIMENTO, FF; CRUZ, MLRM. Da realidade à inclusão: uma investigação acerca da aprendizagem e do desenvolvimento do/a aluno/a com Transtornos do Espectro Autista – TEA nas séries iniciais do I segmento do Ensino Fundamental. *Polyphonia* v. 25, n. 2, 014, p. 375-390.

ORRÚ, SE. Estudantes com necessidades especiais: singularidades e desafios na prática pedagógica inclusiva. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

ONZI, FZ; GOMES, RF. Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. *Caderno pedagógico, Lajeado*, v. 12, n. 3, p. 188-199, 2015.

PAIVA, A.P. A inclusão de portadores de necessidades especiais no mercado de trabalho. Fundação Educacional de Divinópolis – FUNEDI. 2013, 7p.

PRAÇA, TPO. Uma reflexão acerca da inclusão de alunos autista no Ensino Regular. Universidade Federal de Juiz de Fora- MG. 2011, 140p

SCHMIDT, C et al. Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. *Psicol. teor. prat.* São Paulo. v. 18, n. 1, 2016, p. 222-235.

UCHÔA, VF. A criança autista na Educação Infantil: desafios e possibilidades na educação inclusiva. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. 2015, 41p.

VASQUES, C. Alunos com autismo, transtornos globais do desenvolvimento, psicose infantil?! sobre as formas de nomear e compreender o atendimento educacional. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*. v. 9, n. 19, 2012, p. 162-179.



# DIREITO À EDUCAÇÃO

**Maria do Carmo Bezerra**

Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Presidente Venceslau 2007, Professor de Educação Infantil - na CEI Luiz Gonzaga do Nascimento Jr.



## RESUMO

O presente artigo discutiu sobre o direito à educação para priorizar a garantia desse direito aos indivíduos cidadãos. Essencialmente, reflete sobre o direito à educação como um direito soberano descrito na Constituição Federal, sendo fundamental a ação do Estado para possibilitar as variadas formas de acesso destes indivíduos a educação. Em continuidade, explana sobre a qualificação do direito à educação, não devendo se restringir somente ao acesso à educação, mas sim, ao acesso a uma educação qualificada. Em seguida, expõe sobre as políticas públicas regentes na estruturação educacional, assim como políticas públicas que ainda não atingem as necessidades da educação contemporânea. Conclui, enfatizando a necessidade do Estado de propor ações mais efetivas que viabilizem o acesso e a garantia do direito à educação para os cidadãos, diante de uma perspectiva de formação e desenvolvimento integral do indivíduo que seja ofertada com a qualificação necessária. Por objetivo traz subsídios argumentativos, visando a possibilitação de uma reflexão crítica sobre o papel do Estado na garantia do direito à educação dos cidadãos brasileiros. Como metodologia traz uma revisão de literatura.

Palavras-chaves: Direito à Educação; Políticas Públicas; Educação.

## ABSTRACT

This article deals with the right to education as a duty of the State to guarantee the right to citizens. Firstly, it reflects on the right to education as a sovereign right described in the Federal Constitution, being fundamental the action of the State to enable the various forms of access of these individuals to education. In continui-

ty, it explores the qualification of the right to education, and should not be limited to access to education, but access to a qualified education. In sequence, it exposes the public policies governing educational structuring, as well as public policies that still do not meet the needs of contemporary education. It concludes by emphasizing the need for the State to propose more effective actions that will enable access to and guarantee of the right to education for citizens, given a perspective of formation and integral development of the individual who is offered with the necessary qualification. The purpose of this article is to provide an argumentative subsidy, aiming at the possibility of a critical reflection on the role of the State in guaranteeing the right to education of Brazilian citizens. As methodology brings a literature review.

Key-words: Right to Education; Public policy; Education.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo disserta sobre o direito à Educação como um direito fundamental estabelecido pela Constituição Federal, sendo expandido a todo e qualquer cidadão brasileiro, como um elemento de formação e desenvolvimento integral do indivíduo, capacitando-o para atuar socialmente, pontuando a responsabilidade do Estado na garantia desse direito

O direito à Educação é motivo de discussões em diversas vertentes. A compreensão de que o direito à Educação está além da garantia do acesso dos indivíduos às instituições educacionais, sendo inerente a esse direito a oferta de uma educação de qualidade, é pauta para reflexões sobre o papel do Estado neste cenário.

Refletir sobre essa questão é cobrar uma responsabilidade do Estado em relação à criação e supervisão de políticas públicas que incidam sobre órgãos educacionais mantenedores das instituições escolares, a fim de verificar diretamente se uma educação qualificada tem sido oferecida aos educandos.

Tais políticas públicas devem inferir no cotidiano escolar, buscando atingir os objetivos de desenvolvimento integral dos educandos e formação cidadã dos mesmos. A apresentação dessas políticas devem ir de encontro a ótica que todo e qualquer cidadão brasileiro tem direito a ter acesso aos meios educacionais que lhe permitam capacitar-se para as dinâmicas de interações sociais e mercado de trabalho, favorecendo melhores condições de vida, visto que encontram-se em uma sociedade capitalista.

Dessa forma, o artigo vem agregar o conhecimento sobre o direito à Educação, maximizando a visão sobre o papel do Estado que, mediante políticas públicas, tem como dever garantir o acesso dos cidadãos a uma educação de qualidade efetivamente forme cidadãos capazes de transformar a sociedade em prol de melhorias que tragam progressos a ela.

Como objetivo, o artigo apresenta uma compilação de argumentos, visando a possibilitação de uma reflexão sobre o papel do Estado na garantia dos direitos do cidadão a uma educação de qualidade, primando pela maximização de conhecimentos sobre as necessidades de políticas públicas mais efetivas.

Para composição do teor deste artigo, foi utilizada uma metodologia de revisão de literatura com análise crítico-reflexiva de artigos científicos que dissertam parcial ou integralmente o sobre o tema trazendo uma abordagem qualitativa.

## **1. DIREITO FUNDAMENTAL E SOCIAL**

O direito à Educação é um direito fundamental defendido constitucionalmente. Todas as doutrinas que concernem sobre a análise dos documentos legislativos constituintes apontam para esta ótica de fundamentalidade de direito do cidadão. Porém, Barbosa e Lage (2015) evidenciam que o descaso, percebido historicamente, que é destinado a educação e a universalização deste direito, acabam por ser traduzidos em uma onda de privilegiados, onde os indivíduos com poder aqui-

sitivo maior tem acesso a um ensino mais qualificado do que os outros indivíduos. Dessa forma, é possível evidenciar de início que o direito à Educação, não tem sido um direito garantido no que concerne a qualidade de ensino ofertada.

Neste contexto, Flach (2011) enfatiza que:

Considerando a educação como um direito social, podemos inscrever a Constituição de 1946 e a previsão de recursos para aplicação no setor educacional como um compromisso público de garantia para a efetividade de tal direito, principalmente quando os princípios de obrigatoriedade e gratuidade se mostram tão explícitos no texto constitucional, mesmo que tal compromisso não tenha efetividade na prática da política educacional, conforme a história vem demonstrando, visto que o Brasil ainda persegue, nos dias atuais, essa questão. (FLACH, 2011, p. 292).

De acordo com Goergen e Monteiro (2014), o direito à Educação é um direito garantido por lei, evidenciado na composição da Constituição Federal, possuindo correlações com a dignidade da pessoa humana, assim como apresentando uma interligação nos objetivos que expões sobre a constituição de uma sociedade livre, justa, solidária, erradicando a pobreza e marginalidade, o que infere na diminuição das desigualdades sociais.

Conforme Baruffi (2018), a Constituição Federal possui em seu texto a expressa declaração de que a educação é um direito cidadão, representando um marco qualitativo em relação a Constituição anterior, apresentando em seu teor uma redação com elementos que trazem um melhor detalhamento sobre a questão, com precisões técnicas possíveis de serem aplicadas na prática, com possibilitação de maior eficácia, mediante a utilização de ferramentas jurídicas que garantam os dizeres da Carta Magna que é exposta pelos autores com referências no artigo 208, que de maneira explicativa explanam as inovações como a ampliação do ensino aos indivíduo que não puderam acessar a educação na idade comum; a oferta obrigatória e gratuita do Ensino Médio; a inserção da etapa de ensino da Educação Infantil (0 a 6 anos de idade) na Educação Básica, com normas e regulamentos em legislação complementar; a adequação na oferta de ensino noturno em relação as condições específicas apresentadas e; gratuidade ativa, que concerne na garantia oferecida pelo Estado de

condições mínimas para frequência e acesso escolar como transporte e material didático.

Estes elementos mostravam que a nova Constituição trouxe um olhar mais delicado sobre o direito a Educação, com a premissa de que esses elementos favoreceriam a garantia do direito.

Assim, Baruffi (2018) evidenciam que:

O Constituinte de 1988, atento à realidade social internacional, imprimiu aos direitos sociais, um caráter concreto ao explicitar: são direitos dos trabalhadores urbanos e rurais os expressamente indicados no art. 7º, ou quando diz: a saúde ou a educação é direito de todos e mais, indica mecanismos, políticas, para a satisfação desses direitos, como a indicação de fontes de recursos para a seguridade social (art. 194 e 195) ou reserva recursos orçamentários para a educação (art. 215). (BARUFFI, 2018, p. 7).

O direito à Educação, no Brasil, segundo Goergen e Monteiro (2014), só obteve força com a Constituição Federal de 1988, pois antes deste movimento o Estado não possuía como obrigação oferecer o acesso gratuito a todos os cidadãos, o que acabava por dificultar a vida de muitos cidadãos, assim como servi de justificativa para as famílias que não colocavam seus filhos na escola. Neste contexto, o ensino era refletido como algo que estava nas mãos de um assistencialismo, como uma forma de amparar aqueles que não tinham condições de buscar um ensino pago.

Com a nova Constituição, os deveres do Estado passam a ser outros e a obrigação da oferta de um ensino gratuito passa a ser pauta na reestruturação da garantia deste direito.

Dessa forma, a Constituição vem a legislar sobre o direito à Educação de uma forma de valorização e capacitação do indivíduo, primando pela sua inserção social e avanços nas questões de humanidade.

## **2. EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO CIDADÃ**

Conforme Baruffi (2018) a educação, diante de uma concepção pedagógica, apresenta envolvimento com a evolução social. Passa a ter o reconhecimento de direito de essencialidade para os progressos do país,

ocupando espaço nos estudos acadêmicos e políticos. Porém, infelizmente, este olhar traz um novo paradigma envolta por discursos políticos que pensam, apenas, em colocar o país em escalas numéricas mais altas, apresentando programas que visem respostas estatísticas sem um olhar mais envolvente sobre a formação do indivíduo que é inferida em um ensino que, por vezes, não se encontra qualificado, uma vez que quantificam o acesso e a frequência, sem dar muito valor a formação dos educandos.

Porém, Cury, (2018), ressalta que:

A educação escolar é um bem público de caráter próprio por implicar a cidadania e seu exercício consciente, por qualificar para o mundo do trabalho, por ser gratuita e obrigatória no ensino fundamental, por ser gratuita e progressivamente obrigatória no ensino médio, por ser também dever do Estado na educação infantil. (CURY, 2018, p. 2).

Para Goergen e Monteiro (2014), a educação é um reflexo de democracia, analisando questões sobre a desigualdade e exclusão social. Sendo assim, o direito à Educação não pode se findar no acesso e matrícula dos indivíduos nas instituições de ensino, sendo primordial que o ensino ofertado seja de qualidade. Outro ponto ressaltado pelos autores, se resume na oferta de condições e meios que garantam a permanência destes educandos na rede de ensino, primando pelo seu desenvolvimento integral e uma formação cidadã adequada para sua atividade social.

A educação e a escola, de acordo com Flach (2011) se configuram como elementos essenciais tanto para o indivíduo quanto para a sociedade, possibilitando extrapolar fronteiras, visando a promoção de avanços para a humanidade. Porém, para que isso se efetive são necessárias políticas públicas que se voltem para o contexto educacional.

As políticas públicas brasileiras atuais apresentam-se de maneira contraditória o que dificultam a garantia do direito a uma educação de qualidade, sendo pauta para discussões contemporâneas que refletem que a educação para formação cidadã do indivíduo deve ser disposta com qualidade suficiente para que este consiga se desenvolver no ambiente social e progredir como ser humano.

Assim, Goergen e Monteiro (2014) enfatizam que:

Por fim, diante de todo o exposto, valorizar a educação, é oferecer condições de aprendizado, é reforçar os direitos do homem e das liberdades fundamentais, é gerar não somente a formação do cidadão consciente, que concretiza a democracia, mas do cidadão tolerante, que contribui para a paz e o entendimento entre os povos, do cidadão produtivo economicamente e culturalmente, que favorece o desenvolvimento da sua comunidade, de seus cidadãos e de si próprio. (GOERGEN; MONTEIRO, 2014, p. 8).

Conforme Flach (2011), para que ocorra uma formação cidadã seja efetiva, mediada pelo processo educacional, é necessário compreender a educação enquanto um direito fundamental dos indivíduos, possibilitando uma garantia de direito que se respalde na oferta de uma educação qualificada, não prendendo-se, somente, ao acesso e frequência dos educandos, uma vez que para apresentar uma contribuição real sobre a formação para o exercício da cidadania, necessita ser reorganizada de maneira a propiciar que os educandos possam usufruir de todas as possibilidades de acesso, aquisição e construção de novos conhecimentos que incidam na dinâmica de direitos e deveres inerentes ao cidadão. A única forma disso ocorrer, é mediante a efetivação de estratégias de ações que tragam a garantia dos elementos propostos em meios legislativos. Segundo Cury (2018), o direito à Educação inicia-se na perspectiva de um saber sistemático como algo que perpassa a herança cultural. Inerente a esta herança cultural, o indivíduo cidadão possui capacidades de apropriação de padrões cognitivos e formativos que possibilitam a sua inserção social, se tornando cidadãos ativos e capacitados a transformar esta sociedade.

Em continuidade, Cury (2018) coloca que, na contemporaneidade, não existe país em esferas mundiais que não defendam o acesso, permanência e progresso dos seus indivíduos cidadãos, mediante o direito à Educação Básica. Isso se dá, pois, os olhares voltados à Educação trazem um dimensionamento fundamental desta para a cidadania, se tornando um princípio indispensável para a capacitação dos indivíduos em todo e qualquer espaço social em que se inserir, assim como o capacita para a política e para a integração ao mercado de trabalho.

De acordo com Flach (2011), o reconhecimento da educação como um direito cidadão, enaltece a função inerente a educação no que concerne a vida social e pública do indivíduo. Neste contexto o Manifesto dos Pioneiros, traz elementos que agregam esta visão de importância da educação na formação cidadã dos indivíduos. Este Manifesto incorpora reflexões que possibilitam que o direito a educação suba de patamar em relação a um olhar de prioridade relativo aos progressos da nação. Neste documento, um dos pontos que mais chama atenção está atrelado as reivindicações que expõem sobre uma educação pública ofertada gratuitamente e com qualidade homogênea a ambos os sexos, valorizando o indivíduo independente de suas especificidades, visto que anteriormente o ensino era majoritariamente ao sexo masculino.

Este avanço se deu na inserção do sexo feminino ao meio social, dando um enorme passo em relação a igualdade de condições a serem ofertadas aos indivíduos para que possam ter uma formação cidadã igualitária.

Dessa forma, Flach (2011) coloca que a democratização do direito à Educação no que concerne ao oferecimento de conhecimento iguais a todo e qualquer indivíduo, possibilita a criação de condições em óticas individuais e coletivas, primando pela desenvolvimento da conscientização a respeito de uma sociedade real em que os indivíduos encontram-se inseridos, podendo ser observados como seres pertencentes a história, a economia, a política, enfim, pertencentes a sociedade.

### **3. DEVER DO ESTADO**

De acordo com Cury (2018) a efetivação do direito à Educação são elementos indiscutíveis em países como o Brasil, onde apresenta-se uma forte tendência elitista, o que foi fator de ocupação, por vários anos, de lugares que privilegiam o acesso a este direito. A herança cultural constituída de maneira triste com relações a preconceitos, discriminações e exclusões sociais permearam a história da Educação, que, não há muito tempo, começa a tomar uma nova direção em prol do direito coletivo a Educação.

Para que ocorra a superação desta ótica que embasou o histórico educacional nacional, Flach (2011) pontua que:

Para que a educação se efetive como um dos elementos da cidadania precisa de implemen-

tação adequada, ou seja, além da revisão legal, necessita de vontade política e recursos adequados para a sua garantia, ou seja, necessita de instituições que estejam organizadas e preparadas para esse trabalho educativo. A Constituição de 1946 previa a aplicação percentual de recursos públicos no setor educacional, o que demonstra uma preocupação na oferta de condições mínimas para que o direito à educação fosse minimamente assegurado. O art. 169 previa a aplicação da União, Estados e Distrito Federal de nunca menos de dez por cento e dos Municípios a aplicação de nunca menos de vinte por cento de suas rendas na manutenção e desenvolvimento do ensino. (FLACH, 2011, p. 292).

Conforme Baruffi (2018), para se efetivar o direito à Educação, esta educação não pode ser oferecida somente pelos poderes constitutivos, sendo fundamentais estratégias de ações e políticas públicas paralelas que permitam aos indivíduos terem condições para acessar, frequentar e permanecer nas instituições de ensino pelos anos equivalentes e necessários para a sua formação cidadã. Um ponto fundamental a ser ressaltado, neste contexto, é que muito indivíduos não possuem condições mínimas de sobrevivências, por estarem embaçados em uma condição de pobreza e miséria. Sendo assim, sem estas ações que refletem sobre o lado humano do indivíduo, as ações devem ser voltadas na garantia do bem-estar dos indivíduos para que consigam usufruir de toda formação que é ofertada nas escolas.

Em relação ao dever do Estado no que concerne a garantia do direito à Educação, Cesar e Viana (2018) afirmam que:

Dessa forma, fica evidente o dever de os entes estatais propiciarem educação plena e universal para o povo. Linhares (2005, p. 155) salienta que o direito à educação, entre os sociais, assume características específicas, pois a Carta de 88 o definiu como dever do Estado. Em síntese dessa ideia, adverte que ao lado do direito à educação, deve estar a obrigação de educar. Essa obrigação, vale lembrar, não é só estatal, mas social e, primordialmente, familiar. A parcela de responsabilidade do Estado, não obstante, é enorme. (CESAR; VIANA, 2018, p. 3).

Dessa forma, Barbosa e Lage (2015) evidenciam que o direito à Educação deve ser adequado e qualificado, mediante as ações do Poder Público, não beneficiando apenas o aspecto individualista, de ser portador do direito subjetivo, mas também contemplando o aspecto coletivista, em que se visa o bem de todos. Sendo assim, é necessária uma ação do Estado para a garantia do direito à Educação, que ao utilizar de políticas públicas, busca esquemas de ações que favoreçam a aproximação do indivíduo ao seu direito de Educação. Sem a existências de políticas públicas efetivas, os textos legislativos não passarão de dizeres, uma vez que as políticas públicas buscam formas ativas de garantir o direito.

Para Goergen e Monteiro (2014) a Educação é um dever do Estado e deve ser incorporado como uma realidade social, não fugindo das suas responsabilidades de garantia do direito. O texto visualizado na Constituição infere sobre o papel do Estado como o principal órgão a garantir o direito à Educação da população, associando a este a importância da família em articular-se com as políticas públicas para que favoreça a entrada dos indivíduos em instituições de ensino, de preferência, na idade correta, possibilitando o desenvolvimento pleno dos indivíduos. A garantia deste direito promove melhorias sociais, pois, uma vez que, os indivíduos se constituem como cidadãos reflexivos atuando na sociedade de maneira a transformá-la, lutando por progressos em relação a justiça, igualdade e liberdade.

Segundo Flach (2011), a educação pode ser resumida como um direito de todos os cidadãos e uma responsabilidade do Estado e da família, sendo compreendida como um elemento fundamental para a formação humana, primando pela constituição cidadã dos indivíduos que reflete nas suas ações sociais, além de permitir aos indivíduos uma qualificação e capacitação para o mundo de trabalho, fundamental para manter a sua sobrevivência, pois encontra-se inserido em uma sociedade capitalista.

Ainda na ótica de Flach (2011), a falta de uma política pública educacional, elaborada, conduzida, registrada e supervisionada pelas entidades governamentais, que oferecesse à população o acesso escolar desde a primeira etapa da Educação Básica, possibilitando avanços no que concerne ao sistema educacional, está atrelada a uma ótica de desvalorização da educação e não interrelação entre a educação e a formação para

a cidadania, o que é muito comum observar na fala de administradores públicos na atualidade, o que desfavorece a constituição de uma nação independente. Não são poucos os movimentos que lutam por esta valorização da educação e conseqüente oferta de um ensino mais qualificado aos indivíduos, partindo da visualização da necessidade de instrução e conhecimento para os indivíduos sobre o coletivo.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível visualizar que o direito à Educação passa a oferta de frequência nas instituições de ensinos formais, se incorporando a constituição desse direito, a garantia da oferta de um ensino de qualidade que possibilite uma formação cidadã dos indivíduos adequada para o enfrentamento das situações-problemas que encontrarem nas suas inter-relações sociais, diante das fontes argumentativas evidenciadas no desenvolvimento deste artigo.

É amplo o texto da referida constituinte, mas vertentes que apontam para a valia desse direito refletem sobre a importância de que a garantia do ensino esteja intrínseco ao direito à educação dos indivíduos. Dessa forma, é visível que o Estado tem o papel de suma importância na construção de políticas públicas que garantam o acesso e a qualidade de ensino aos educandos, buscando formas de ofertar a matrícula, verificar a frequência e criar condições que favoreçam a sua permanência nas instituições escolares até a sua formação final.

Essa perspectiva foi observada no estudo de acordo com as assertivas que referenciam o direito à Educação como um direito fundamental e essencial para inserir o indivíduo na sociedade e qualificá-lo como um indivíduo capacitado a exercer sua função social com diretrizes éticas e morais que favoreçam seu progresso como indivíduo e garanta suas interações pessoais, o engrandecendo enquanto pessoa.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Lucas Araújo da Silva e LAGE, Telma. Efetividade dos direitos sociais: Direito à educação e o ensino fundamental brasileiro. 2015. Disponível em: <[http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio\\_resumo2015/relatorios\\_pdf/ccs/DIR/DIR-Lucas\\_Ara%C3%BAjo.pdf](http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2015/relatorios_pdf/ccs/DIR/DIR-Lucas_Ara%C3%BAjo.pdf)>. Acesso em: 28 Março. 2022.

BARUFFI, Helder. O direito à educação e eficácia: um olhar sobre a positivação e inovação constitucional. Disponível em: <[https://www.unigran.br/revista\\_juridica/ed\\_anteriores/23/artigos/artigo03.pdf](https://www.unigran.br/revista_juridica/ed_anteriores/23/artigos/artigo03.pdf)>. Acesso em: 27 Março. 2022.

CESAR, Raquel Coelho Lenz e VIANA, Mateus Gomes. Direito à educação no Brasil: Exigibilidade constitucional. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/33429-42982-1-PB.pdf>>. Acesso em: 27 Março. 2022.

CURY, Carlos Roberto Jâmil. O direito à educação: Um campo de atuação do gestor educacional na escola. Disponível em: <http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8-biblioteca/pdf/jamilcury.pdf>. Acesso em: 27 Março. 2022.

FLACH, Simone de Fátima. Direito à educação e obrigatoriedade escolar no Brasil: Entre a previsão legal e a realidade. Revista HISTEDBR, Campinas, n.43, p. 285-303, 2011.

GOERGEN, Pedro e MONTEIRO, Raquel Motta. A educação no Brasil: Direito social e bem público. Seminário Internacional de Educação Superior, 2014. Disponível em: [https://uniso.br/publicacoes/anais\\_eletronicos/2014/3\\_es\\_mercado\\_e\\_sociedade/04.pdf](https://uniso.br/publicacoes/anais_eletronicos/2014/3_es_mercado_e_sociedade/04.pdf). Acesso em: 27 Março. 2022.



**NOVA GERAÇÃO**  
Assessoria Educacional

# EDUCAR E EVOLUIR